

REVISTA DA SEMANA

7-9-48



BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. 1.50

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



PORQUE
DA SAÚDE
À BOCA

Um sorriso saudável é o resultado da saúde geral do organismo. Um centímetro de Kolynos na escova seca lhe proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bactérias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausência de água na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro.

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica atinge todos os recantos da boca, as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

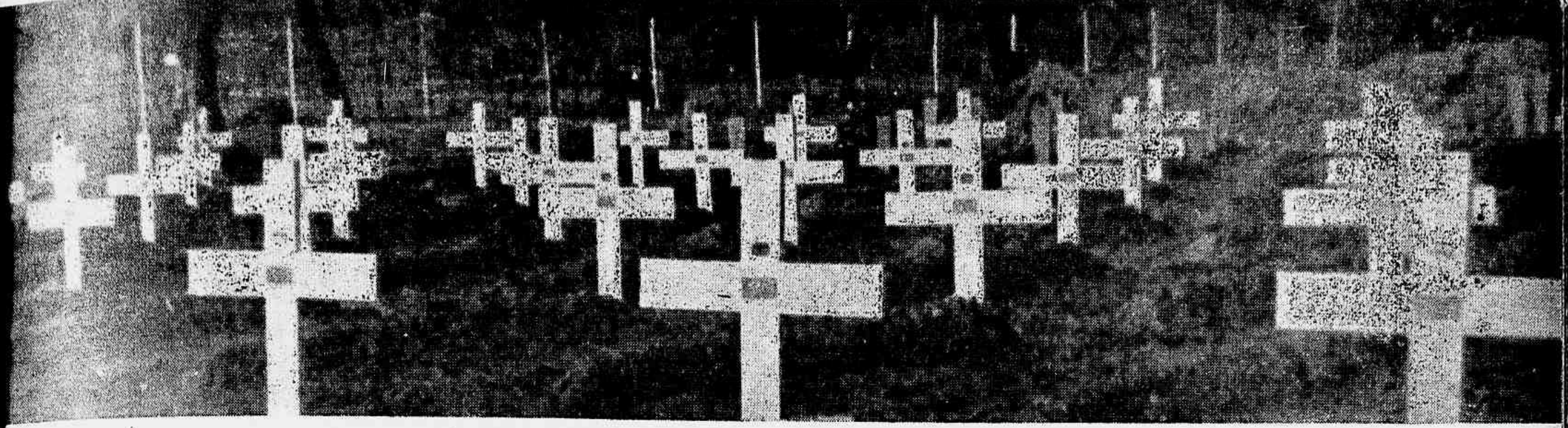
Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ILUMINE seu sorriso
usando o CREME
DENTAL
ANTISSÉPTICO!

★ Ouça na Rádio Nacional, às 2^{as} feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos.



Minha boa amiga, alegrei-me sabendo que seu irmão voltou com o segundo escalão. Não pude atender ao seu convite para a festinha "em família", mas que se estendeu pela rua inteira. Muito justo. A rua inteira passou a constituir uma grande família... Recebi a foto do aspecto batido nessa mesma tarde, com as bandeirolas de papel de seda, o simulacro do arco de triunfo e a faixa com os dizeres alegóricos à FEB em geral e ao seu irmão em particular. Reconstitui, mentalmente, a alegria de todos aí em casa — sua mãezinha de olhar trêmulo, fixando muito o rosto do filho que voltou, sua futura cunhada feliz com a certeza de não ter perdido o seu grande amor, e você, e seu pai, e os garotos... Um quadro abençoado o de sua casa, nesse dia memorável. Quadro que se terá repetido em milhares de outras casas onde entraram, de volta, "pra-

OS QUE NÃO VOLTARAM

cinhas" que dali saíram em dias misteriosos e nublados, sem bandeirolas atravessando a rua, nem risos nem festas em família...

Eles partiram silenciosamente. E voltam assim, ruidosa e festivamente... Os que voltaram. Porque algumas centenas deixaram de dar essa imensa alegria aos pais, aos

irmãos, às espôsas e às noivas. Foram os que pagaram tributo para estes poderem regressar triunfadores. Foram os que regaram com sangue brasileiro o solo italiano, na luta contra o fascismo bárbaro e criminoso, que nunca mais deve ser permitido... E o sangue brasileiro desses bravos não pode ser esquecido. Vamos festejar a volta dos que tiveram a fortuna de salvar-se, mas voltemos um pensamento de respeito e veneração para as casas que não se iluminaram, as famílias que não foram para a Avenida distinguir, de mistura com a tropa, o rosto mais querido, e as mães, as espôsas, as irmãs, as filhas que não ganharam "souvenirs" da Itália. Um pensamento respeitoso e puro para a família dos que não voltaram e por isso mesmo não podem ficar esquecidos, minha boa, minha muito feliz e saudosa amiga... — C. S.



JACINTO BENAVENTE, UM HOMEM FORA DO MUNDO

"VIVO PARA O TEATRO, ALHEIO ÀS COISAS DA POLÍTICA", DECLARA O TEATRÓLOGO ESPANHOL — AINDA HÁ ALGUNS TEATROS FUNCIONANDO NA TERRA DE GARCIA LORCA — LOLA MEMBRIVES E "LOS PERIODISTAS DEL BRASIL"

Escreveu Celius Aulicus

FINALMENTE, após muitos transtornos e muita força para subir a escada do "Cabo de Buena Esperanza", estávamos diante de Jacinto Benavente, que falava com a rapidez de um relâmpago.

Para que ele nos recebesse foi necessário explicar que só falaríamos de teatro, de literatura e de poesia, esquecidos de tudo o que nos rodeava, com os olhos voltados apenas para a arte serena e eterna, alheios ao mundo e à sucessão dos dias trágicos que pesaram sobre a Espanha, sem tomar conhecimento dos dias gloriosos que agora atravessamos.

Benavente está falando de si mesmo, num castelhano puro e fluente que humilha o nosso pobre "creollo" titubeante:

— Não sou político. Vivi já 79 anos, co-

nheci todos os regimes por que passou a Espanha. E sempre estive em paz com todos. As ditaduras não me afetam. Faço teatro, escrevo alheio aos homens e às coisas da política. Os periódicos brasileiros tentaram dar à minha viagem um cunho de propaganda política. Eu sou, entretanto, apenas teatrólogo e escritor. Escrevo e não tomo conhecimento de mais nada.

Jacinto Benavente faz uma pausa. Está diante de nós, velho, cansado, abatido, de óculos grossos e calva luzidia. A idade levou-lhe a audição mas não conseguiu levar-lhe a loquacidade. Não ouve mais fala. E a torrente que se desprende de sua língua não nos dá folga para formular uma pergunta sequer.

Conversámos com Benavente no bar do

Jacinto Benavente está velho, cansado, calvo. Usa óculos grossos e já quase nada ouve. Já não é aquele mesmo de "Santa Russia". Hoje, o autor de "Interesses Creados" é um homem fora do mundo, que tenta fazer teatro longe da política e literatura longe da sociedade. Faz agora uma viagem a Buenos Aires, viajando com Lola Membrives num navio que conduz ao Prata a fina flor da aristocracia Falangista e Carlista.

"Cabo de Buena Esperanza", junto ao convés, onde os passageiros, raros àquela hora, descansavam sobre as "chaise-longues" ou conversavam em pequenos magotes, recostados à amurada. O ambiente aqui é francamente espanhol. Espanhol falangista. Não falta, para melhor simbolizar o navio, a própria boina vermelha de um miliciano "requetté". Passou ao fundo do "fumoir" a figura de um frade. Os oficiais de fardamento branco, baixos e atarracados, revelam sua origem basca no próprio modo de esfolar os "11" e mostram a sua ideologia fascista na própria falta de polidez para com todos. Nas lapelas dos paletós bem talhados dos passageiros de primeira classe aparecem as pequenas insígnias do Sagrado Coração, que brilhavam, em ponto maior, no peito dos cavalheiros carlistas em 1936, quando o sangue espanhol corria em cachoeiras nos acessos de Serra Morena e de Valladolid.

No entanto, impassível, como nos tempos de Afonso XIII, sentado na poltrona luxuosa do bar, ali está o velho escritor Jacinto Benavente, que se alheiou do mundo para produzir.

O FILHO DO GRANDE HOMEM

Jacinto Benavente y Martinez nasceu em Madrid em 1866. O seu nascimento não foi entretanto o de um menino vulgar. Foi o nascimento do filho de Mariano Benavente, uma figura talvez desconhecida na América, mas famosa em toda a Espanha e principalmente em Madrid, onde exerceu durante longos anos a profissão de médico.

Vindo de Murcia para a Capital, Mariano Benavente ali casou-se. Foi por muito tempo diretor do "Hospital de Niños" e colaborou em varias revistas técnicas de cirurgia e clínica geral. A sua gloria porém, deve-se ao fato de ter sido ele um devotado médico de crianças, podendo mesmo lhe ser atribuído o título de maior dos pediatras espanhóis.

Introdutor, por assim dizer, da pediatria como ciência e arte na Península Ibérica, Mariano Benavente dedicou quase toda a sua vida ao tratamento dos pequenos doentes, com um desprendimento e uma genoridade sem par.

Onze anos antes do nascimento de seu filho Jacinto, a Espanha foi assolada pela mais tremenda epidemia de cholera-morbus de que até hoje se tem tido notícia.

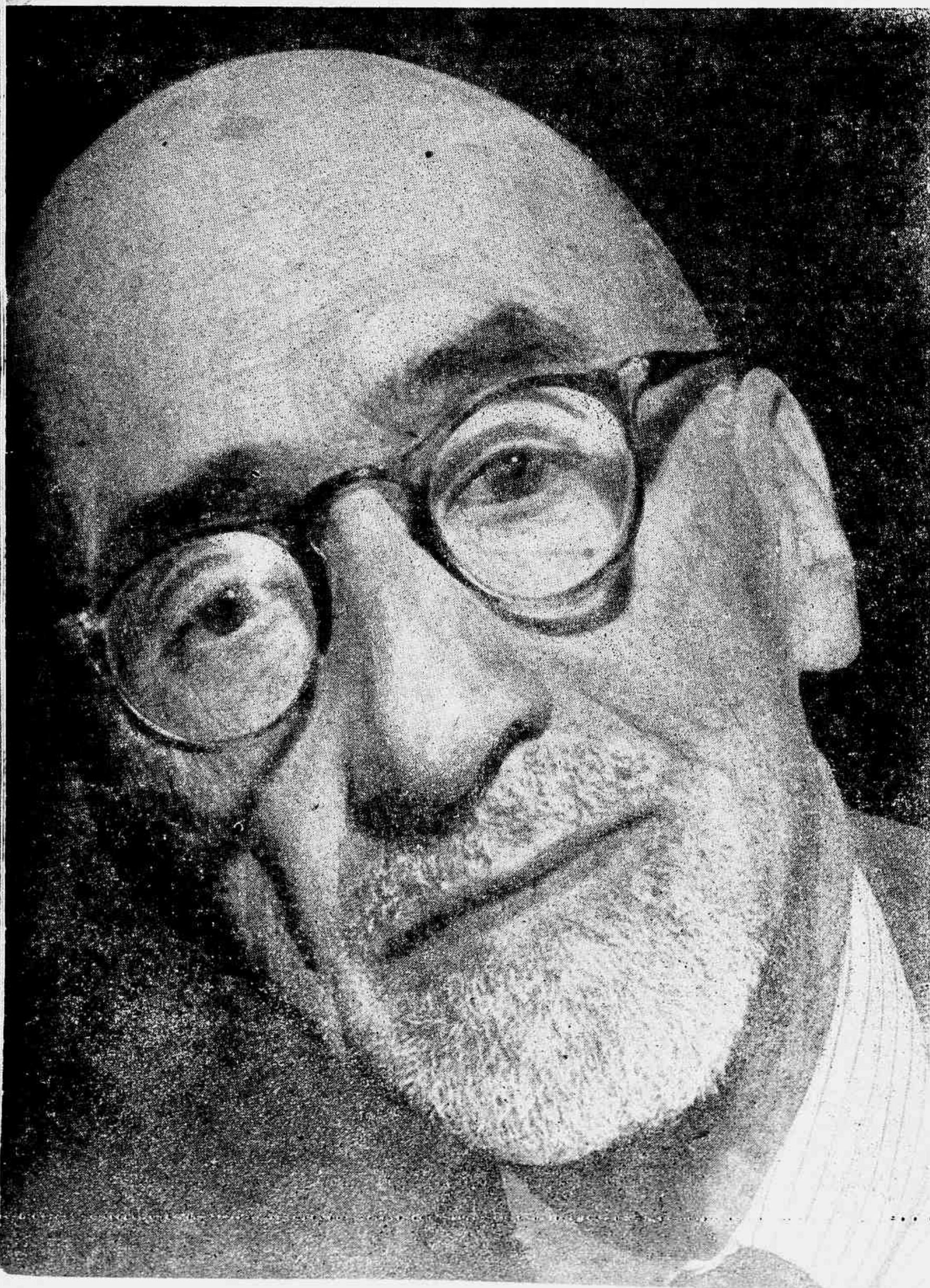
Durante os dias terríveis de desolação, quando a peste dizimava a população madrilenha, o médico revelou-se um verdadeiro herói, não descansando um minuto, levando sempre alívio onde havia dor.

A distribuição de laranjas aos enfermos, por ele projetada e levada a efeito, foi ridicularizada por muitos, pois até então as vítimas e os seus valores eram completamente desconhecidos.

Tal era o pai de Jacinto Benavente, conhecido também em Espanha como "Padre de los Niños".

CRÍTICO E TEATRÓLOGO

Lançou-se Jacinto Benavente à crítica, editando, ainda bem jovem, o seu livro de estreia "Cartas de mulhones". E, com 28 anos de idade lançou triunfalmente a sua primeira





Nunca havíamos em toda a nossa vida chegado tão perto dos franquistas. No "Cabo de Buena Esperanza" havia representantes de todas as cinco colunas célebres. Vimos ali os Sagrados Corações simbólicos e, para que o vapor apresentasse o aspecto de trincheira do cerco de Madrid, só faltava a mancha branca de um turbante mouro. Aqui estão os três mais famosos passageiros do paquete espanhol: Jacinto Benavente, Lola Membrives e Luiz Ilustrado, secretário do escritor. O reporter ouve as imprecações da atriz contra "los rojos" e "los periodistas brasileños".

peça teatral, também uma das mais famosas de toda a sua produção: "O ninho dos outros". E desde então Jacinto Benavente não parou de escrever. Mal dava por terminado um trabalho, lançava-se a um novo livro, produzindo em grande escala, sempre com novas peças teatrais ou novas obras literárias na cabeça.

— Vivi sob todos os regimes espanhóis — reinado, república, facismo. Nunca me imiscuí nos assuntos políticos.

Assim falou ao reporter o escritor Jacinto Benavente, a bordo do "Cabo de Buena Esperanza".

Afonso XIII, Primo de Rivera, Franco, todos foram seus governadores e sob todos foi a mesma a sua conduta e o seu lema: escrever para o teatro. Produziu muito. Não podemos dizer que Jacinto Benavente seja o mesmo em todas as suas obras. A quem, sem conhecer o autor, pusesse em confronto "El marido de su viuda" com "Interesses creados", não poderia por certo deduzir que esta segunda obra, quase genial, fôsse produto da mesma inteligência que havia escrito a primeira, que se caracteriza por uma banalidade e uma vulgaridade patentes.

Mas, de uma ou de outra maneira, Jacinto Benavente foi tido sempre como o maior dos teatrólogos vivos da Espanha.

O TEATRO NA ESPANHA DE HOJE

Cumprindo a nossa promessa de só conversar sobre teatro, arte e literatura, fomos

fazendo perguntas a Jacinto Benavente, sob as vistas cuidadosas de seu secretário, o sr. Luiz Ilustrado.

— O senhor ainda produz como antigamente?

— Ultimamente as minhas produções estão um pouco restritas, pois as dificuldades com que lutam todos, refletem-se também na minha profissão.

— E têm sido editadas na Espanha novas obras suas?

— Ultimamente não. Ali também se sente a falta de material para impressão, de maneira que não poderiam ser lançadas ao público todas as minhas últimas produções literárias. O que escrevo para teatro, porém, tem sido representado por várias companhias, principalmente pelo elenco encabeçado por Lola Membrives, minha principal intérprete e uma de minhas maiores amigas. Na Argentina terei ocasião de assistir a outras representações desta grande atriz, que comigo viaja a bordo do "Cabo de Buena Esperanza".

Nem bem acabava o escritor de falar na célebre atriz e ela aparecia no bar.

Lola Membrives está velha, cansada. Durante muitos anos trabalhou nos palcos europeus e americanos, eletrizando as platéias e entusiasmando o público de mais de dez nações.

Hoje, o seu repertório está restrito às peças novas e velhas de Jacinto Benavente, uma vez que García Lorca, que lhe proporcionou ensejo para o seu maior sucesso, com "Bodas

de Sangre", está riscado do teatro espanhol, como elemento ímpio.

Benavente, porém, apesar de haver sido em "Interesses Creados" e "El Nido Ajeno" um verdadeiro revolucionário, é hoje um elemento de confiança do Governo e "personagrat" de "Hespanidad". E, como o teatrólogo, a atriz.

Lola Membrives, dando como suas as palavras do autor, despeja uma torrente de insultos em castelhano contra os jornalistas brasileiros:

— Os periodistas fizeram uma sujeira (Ela não disse sujeira propriamente, mas um vocábulo castelhano mais ou menos equivalente a este). D. Jacinto — continua a atriz — nesta idade já não pode ser fascista, já não pode ser nada. Para ele só há teatro e literatura. Isto e nada mais.

Não podíamos deixar de achar graça na situação. D. Jacinto e sua intérprete negaram-se, a princípio, a nos receber, temendo que falássemos de política. E no entanto só dela falavam e para este assunto desviavam a conversa, embora tentássemos sempre encaminhá-la para o terreno do teatro.

Lola insistia em ressaltar a posição de d. Jacinto, que "no tenía nada com política".

Repetimos-lhe então a pergunta já feita ao teatrólogo:

— Como está o teatro espanhol?

— Está bem. Tudo o que se propala por aí sobre a morte do nosso teatro é mentira. Ainda funcionam em Madrid muitos teatros.

(Continua na pág. 7)

A SEMANA EM REVISTA

CUIDADO COM ELAS!



Aí vêm elas, senhores, as "chauffeuses" de praça! Em sua última reunião, o Conselho Nacional de Trânsito, a mesma entidade que criou as faixas e pôs um locutor em cada esquina em benefício da cabeça dos pedestres, acaba de permitir o fornecimento de carteiras de motoristas profissionais às filhas de Eva. De agora em diante, além das trocadoras de ônibus, teremos também motoristas de saias a dirigir os "Busing-nags" estilo "mata-galego". Cuidado com elas, pessoal!

O mundo marcha. Há poucos anos, quando os automóveis, cujos motores rudimentares e primitivos, eram impulsionados pela explosão inicial provocada pelo fósforo, se se falasse numa motorista de saias correr-se-ia o risco de ser apedrejado. Depois, os carros foram evoluindo. Os homens que se riam quando alguém vaticinava o desaparecimento da carruagem de tração animal, abaixaram a cabeça e deram-se por vencidos. Um dia um camarada do Brasil, um homem magro e de chapéu esquisito, pôs duas asas de lona num automóvel e tocou para cima. Mexeu numa manivela e deu duas voltas em torno da Torre Eiffel.

Vieram depois os monoplanos Bleriot e os cabriolets Mercedes. O século vinte

comprou um automóvel. No Bois de Boulogne ou na Quinta Avenida era comum encontrarem-se as gráficas do tempo, de chapéu de penacho e saias compridas, na direção de uma "baratinha". Veio a guerra de 1914 e veio o após-guerra. As mulheres começaram a fumar e a votar. Veio Hitler e veio a nova guerra. As mulheres combateram tanto nas frentes internas como nas trincheiras. E a mulher brasileira se movimentou também, em direção ao progresso. Hoje já temos mulheres ascensoristas, aero-moças, mulheres trocadoras. Amanhã teremos mulheres na direção dos ônibus e dos taxis. De bonet azul, gravata, um cigarro no canto dos lábios, as filhas de Eva começarão a ser multadas também pelos grilos da Avenida. Muita gente mudará de linha de ônibus ou passará a se servir dos lotações, por causa desta ou daquela "chauffeuse". Resta saber, entretanto, se elas "dormirão no ponto", como se diz que fazem os seus colegas de bigode. A Inspetoria de Trânsito, após pintar faixas pela cidade toda, no afã de evitar desastres, vem de facilitar à mulher o exercício da profissão de motorista. Duas grandes coisas aconteceram ultimamente: a invenção da bomba atômica e essa resolução do Conselho Nacional de Tráfego. Quem escapar da primeira morre por certo em consequência da última. Cuidado com elas! Um "flirt" de Mariuzinha pode ocasionar um desastre. Um sorriso de Lili pode criar um novo problema para a I. T. E. para evitar maiores transtornos, aí fica uma sugestão às companhias de ônibus: a fixação em seus carros do seguinte cartaz: "É proibido beijar a motorista".

ÚLTIMA HORA



Entraram triunfalmente na baía de Tóquio as formações navais aliadas, protegidas por uma força de 1.300 aviões. Uma esquadra, composta de 12 encouraçados, 23 porta-aviões, 20 cruzadores e 125 destroyers fundeu em frente à capital japonesa, a fim de desembarcar as tropas de ocupação.

Enquanto isto acontecia, a Rússia e a China firmavam um tratado de amizade, no qual ficava definida a atitude das partes contratantes em relação à ocupação do Mandchukuo e dos territórios libertados do continente asiático. Os comunistas chineses ocuparam parte de Shanghai, onde a guarnição japonesa ainda tenta uma resistência suicida.

Na própria baía de Tóquio ainda se teme um ataque à esquadra vencedora por parte dos "kamikazi", a arma de desespero criada pelos nipões quando a

derrota se lhes apresentar inevitável. Acontece, porém, que, agora, apesar de ainda existirem alguns focos de resistência isolados, sou a última hora do fascismo. O mundo volta à paz e à tranquilidade, após longos anos de violência e destruição. Fica a Espanha, isolada e solitária, vivendo nas ruínas de Madrid e Bilbao, cercada pela felicidade dos povos livres. Mas mais cedo ou mais tarde desaparecerá o falangismo. Nunca mais as bombas assassinas cairão sobre o pobre bairro de Shapay, em Shanghai, onde pereceram milhares de meninos chineses, vítimas dos aviadores nipônicos, que lançavam toneladas de alto explosivo sobre os edifícios e as ruas, sem outro objetivo definido que não fosse a implantação do terror. Nunca mais o fogo da destruição e do barbarismo varrerá a Itália. Nunca mais se ouvirá falar dos tiranos e das polícias de choque. O espancamento passará a ser um crime; o assassinato voltará dos códigos de honra dos partidos fascistas para os códigos penais das nações civilizadas. O canhão será substituído pelo arado; a baioneta cederá o seu lugar à enxada.

SOB A SOMBRA DAS TÍLIAS



A quem queira conhecer o Rio curioso e pitoresco, nada melhor que um passeio domingueiro à Quinta da Boa Vista. O velho parque, que durante tanto tempo dormiu esquecido e abandonado, volta agora a ter o mesmo prestígio de que gozou antigamente no seio da população carioca. Desde as primeiras horas da manhã começam a passar pelos portões do parque operários, comerciantes, mocinhas e meninos, enchendo a Quinta de cantos e alegria, numa algazarra ruidosa, uma mistura de sons e de gritos que agitam a passarada e assustam os peixinhos do lago.

Até poucos meses atrás, tudo aqui era sossego e tranquilidade. Entre as árvores seculares, a cuja sombra brincaram os príncipes infantis de Bragança, um silêncio de floresta adormecida pesava sobre o chão recoberto de folhas mortas. De longe em longe um casal de namorados fugindo das vistas indiscretas dos transeuntes que atalhavam o caminho entre a rua São Cristóvão e a Canela.

Agora, o Rio começa a atravessar o segundo após-guerra. O homem cansado de uma semana de trabalho intenso, farto de ouvir as notícias das carnificinas e

das revoluções científicas, volta-se no domingo para o campo. Mas as passagens da Central estão caras e a poeira da Leopoldina está mais farta. Um pulo à Pedra de Guaratiba custa hoje uma fortuna. E a lavagem de um terno não é mais barata. A Quinta da Boa Vista é entretanto um bucolismo barato e praticável. Pelos modestos vinte centavos do bonde o homem pode se pôr em contato com a Natureza, descansar à sombra das árvores frondosas.

Domingo último a Quinta da Boa Vista voltou a viver um de seus grandes dias do princípio do século. Não havia sobre a grama um lugar vago. As petecas cruzavam o ar, como um bando de gansos selvagens, se nos permitem a imagem. A sombra dos pequenos bosques, com as toalhas brancas estendidas sobre o solo, o pessoal do subúrbio fazia pic-nics. Todo o parque enchia-se de barulho e de movimento.

Quem não deve achar muito interessante essa transformação são os namorados da Quinta. Agora eles já não podem permanecer impunemente entre os troncos seculares. Não há mais um recanto que não seja vasculhado pelo olhar alheio. Todas as alamedas estão cheias, todos os passeios estão movimentados. E os namorados fogem das multidões indiscretas. Talvez seja este o motivo pelo qual o "bicho da seda" do parque de diversão tenha estado tão concorrido ultimamente.

EDUCANDO CONTRA A MORTE



Acaba de ter início no Rio de Janeiro a "Semana Contra a Tuberculose". Grandes cartazes foram afixados em toda a cidade, advertindo o povo contra os perigos da peste branca, um dos piores flagelos sociais que assolam este vasto e infeliz Brasil. Essa campanha, digna dos maiores elogios, embora os cartazes não sejam o suficiente para um combate profícuo à tuberculose, culpada por muitos milhares de mortes registradas no obituário do Distrito Federal, não tem sido entretanto recebida como merece. Nos lugares onde se lê a pequena inscrição "É proibido colocar cartazes", os encarregados da fiscalização não se importam com a natureza dos dizeres das tricomias educativas que ali foram postas pela comissão organizadora da "Semana Contra a Tuberculose". A cidade está sendo ameaçada por uma epidemia de meningite cérebro-espinhal. Vários casos já se registraram. Será necessária, para sanar o mal, uma campanha intensa de educação do povo, dando conta do tratamento profilático a que deve se submeter cada um no sentido de restringir ao mínimo o número de doentes.

A impossibilidade de colocar cartazes, a má vontade de todos, o vandalismo de alguns que teimam em destruir os prospectos de propaganda, são atos criminais

que devem ser punidos com rigor e severidade. Antes de se esclarecer o povo contra os perigos da tuberculose e das epidemias, torna-se necessária uma campanha no sentido de educar certos indivíduos cuja única função na vida é destruir tudo aquilo que encontram em seu caminho, inconscientemente, estupidamente.

Iniciou-se a campanha contra a tuberculose com cartazes vistosos e eloquentes, que fazem a apologia do rati X e da higiene preventiva. Cumpre porém ir além. É imprescindível a concessão de fundos necessários à construção de grandes sanatórios, preventórios para os pré-tuberculosos, campos de esportes e colônias de férias para as crianças e os jovens, salas de banhos luminosos para todos, etc.

Cumpre também que os responsáveis pela saúde do povo comecem a agir com a máxima brevidade, pois do contrário dentro de poucos anos o Rio não será mais que um vasto hospital de tuberculosos. Um hospital? Não. Um isolamento, sem aparelhos cirúrgicos, sem "terraceiras" de repouso, sem dormitórios apropriados, sem nada. Uma cidade entregue à sanha dos bacilos de Koch, uma "urbs" de desespero e de dor.

As estatísticas revelam que hoje, em agosto de 1945, morre no Rio de Janeiro um tuberculoso de meia em meia hora. Se o número de casos continuar a ascender nessa escala, em breve deveremos à peste branca uma morte por minuto.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1012; Portaria: 22-5603

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratoni & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
Este número consta de 60 páginas
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos
colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de
originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI ... N.º 35 ... 1-9-945

REPORTAGENS

Jacinto Benavente, um homem fora do mundo (Celius Aulicus)	4/5
Atualidades da Semana	10
A volta do nosso correspondente de guerra	11/13
Figuras e Fatos	22
As obras da Catedral de São Paulo	33/35
O regresso do 2.º Escalão da FEB	41/45

LITERATURA

O grande escândalo de Dover City (Frank Lawton) ..	19
Prova Circunstancial (Edgar Wallace)	23
D. Amélia de Leutchenberg (Escragnolle Doria)	26
O Gato Preto (Edgar Allan Poe)	27
Um pintor brasileiro (Celso Guimarães)	28
Livros Novos	36/37

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	29
A pequena Margaret	30/31
Penteados	32
A moda vem de Hollywood	38/39
Modelos Avulsos	48 e 50
Seu tricot	58

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu no Rio	18
Cinema e Música	20/21
A REVISTA em Hollywood	56/57

CARICATURAS

"Charge" de Luiz Sá	9
De Bom Humor	14
"Charge" de Raul	52

CURIOSIDADES

Os que não voltaram	3
Concursos de Teatro, Contos e Romance	8
A entrada triunfal em Berlim	24/25

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	53/54
-------------------------------------	-------

TEATRO

"Prêsa de Amor"	15/17
-----------------------	-------

NOSSA CAPA

Uma sugestiva e marcante expressão fisionômica de Margaret O'Brien, a pequena e talentosa "estrela" da Metro, enfeitada a sobrecapa deste número. Trata-se de uma das maiores revelações cinematográficas destes últimos tempos, menina que se impôs pelas reais faculdades de intérprete dramática que possui e não porque tenha uma especialidade coreográfica ou de simples cantora. Os críticos acreditam estar em face de uma artista capaz de competir e suplantiar mesmo os sucessos memoráveis de Shirley Temple e Deanna Durbin, que são ambas, hoje, crescidas e ainda benquistas do público.

Nesta edição há, como sempre, leitura variada, amplo serviço informativo e a parte feminina também desenvolvida. Margaret O'Brien ocupa páginas internas, com interessantes "toilettes" que as mamãezinhas poderão copiar para suas filhinhas queridas. Reportagens sobre o desembarque do 2.º Escalão Expedicionário, a passagem de Jacinto Benavente pelo Rio, as obras da Catedral de São Paulo e outros acontecimentos da atualidade completam o sumário deste número, que traz também a descrição fotográfica da comédia francesa "Prêsa de Amor", ora em cartaz num dos teatros cariocas, e outro capítulo da novela "Ressurreição", de Jesy Barbosa.



Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, pêsso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

.....
Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

.....
Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

JACINTO BENAVENTE, UM HOMEM FORA DO MUNDO

(Continuação da pág. 5)

Aliás — continua a atriz — a Espanha tem sido vista na América e no resto do mundo por um prisma muito injusto. Dizem que há fome por lá. É mentira. Há fome na Itália e na França. E aos espanhóis que querem se retirar é dado passaporte de graça para qualquer desses dois países, como se dava de graça passaporte para a Espanha ao "tiempo de los rojos".

Lola Membrives se transfigura quando fala em "los rojos". Lança sobre eles a culpa de tudo o que tem acontecido a ela mesma e a Jacinto Benavente.

O PORTA-VOZ DO TEATRÓLOGO

Quando nos dirigimos ao escritor, quem responde por ele é quase sempre o seu secretário, o sr. Luiz Ilustrado.

Este, felizmente, afasta-se da política para falar em teatro:

— D. Jacinto está certo de que será bem recebido em Buenos Aires. Não é esta a primeira vez que ele ali vai a serviço do teatro espanhol. A representação de várias peças suas por Lola Membrives será um fator de sucesso para a sua missão artística.

A atriz corta a conversa, para explicar que já foi trinta e três vezes a Buenos Aires depois que fixou residência na Espanha. E como um jornalista brasileiro houvesse dito que esta era a sua segunda viagem ao Prata, Lola encontra pretexto para lançar novos insultos à nossa imprensa.

Jacinto Benavente volta a falar pela voz de seu secretário:

— Lola irá a Buenos Aires representar autores argentinos, espanhóis e talvez de outras nacionalidades. O principal objetivo de sua viagem é entretanto reviver os velhos sucessos que alcançou nas peças de Benavente. E os ensaios serão assistidos pelo grande autor de "Interesses Creados".

— E Lola não estreará nenhuma peça nova de d. Jacinto?

— Não. Na Argentina os admiradores de Benavente terão entretanto ensejo de rever as suas peças prediletas. Alguns as assistirão mesmo pela primeira vez, pois faz muitos anos que Lola Membrives não aparece nos palcos platinos.

O que irá fazer agora Benavente, aos 79 anos de idade, na capital argentina? Teatro? Política?

Não sabemos. O certo é que levantou ferros na Guanabara, rumo ao Rio da Prata, o navio espanhol "Cabo de Buena Esperanza", levando no seu bôjo material humano suficiente para a formação de duas centúrias da "Falange".

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes concursos literários da «Revista da Semana»

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a «REVISTA» publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS «APOLÔNIA PINTO», «AURELIANO MACHADO» e «REVISTA DA SEMANA» — bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como temos noticiado amplamente, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrióticos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolônia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

«PRÊMIO AURELIANO MACHADO»

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA «REVISTA» — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENREDO, ESTILO e UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

«PRÊMIO APOLÔNIA PINTO»

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do «PRÊMIO APOLÔNIA PINTO», promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto a temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, utilidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO «APOLÔNIA PINTO»

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais; Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

«PRÊMIO REVISTA DA SEMANA»

- 1) Poderá concorrer ao «Prêmio REVISTA DA SEMANA», instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas poderão obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir acompanhando os originais o nome pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, e que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.



"As principais ruas do Rio estão cheias de faixas, cartazes e impressos de propaganda política e comercial."

(Dos jornais)

— CIDADE "MARAVILHOSA"!

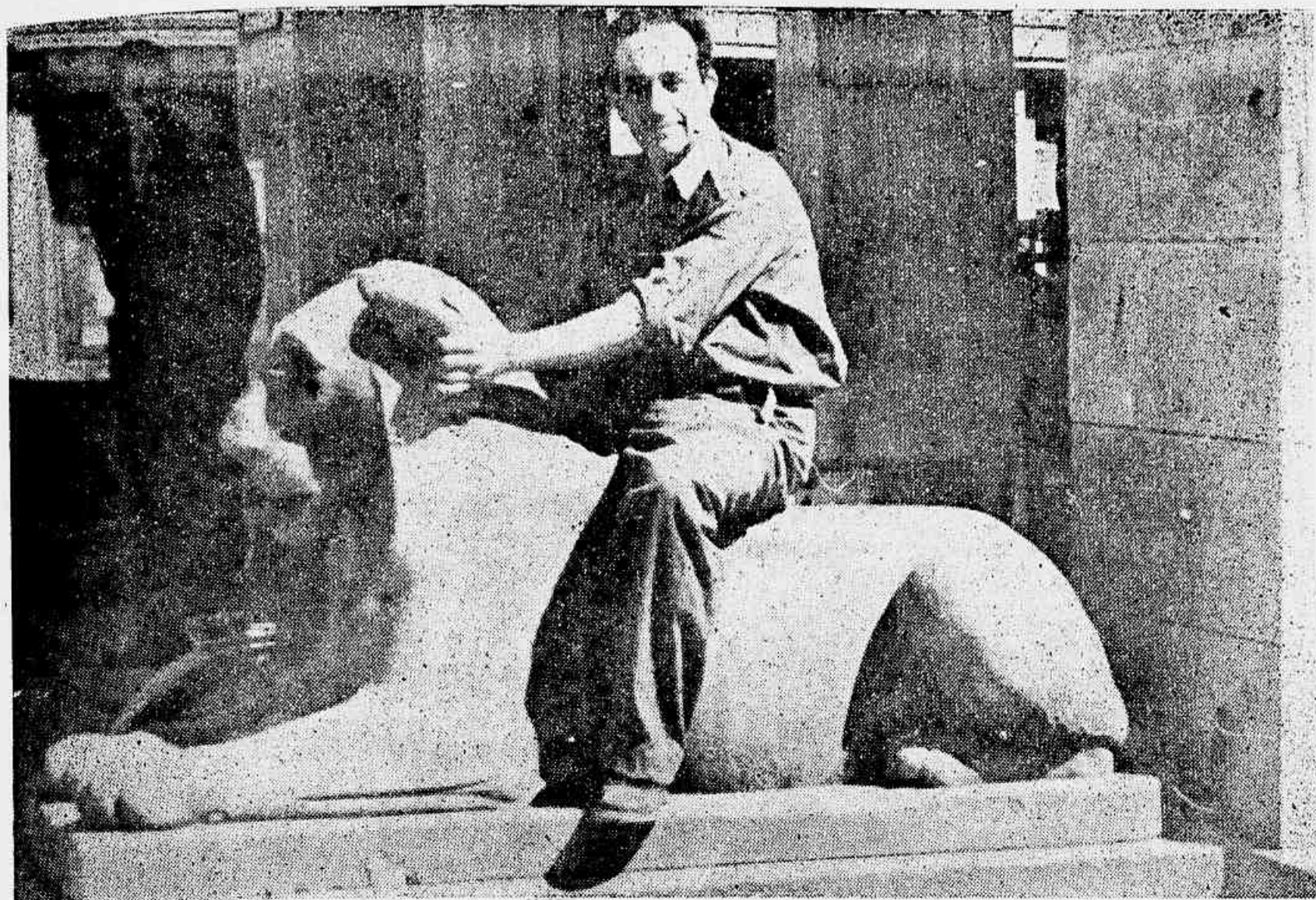


Realizou-se na tarde de 21 de agosto último, no largo da Carioca, o comício promovido pelo Comité Democrático Pró-Candidatura Getúlio Vargas, e apoiado pelos partidários do atual Presidente da República. A reunião começou às 17 horas e estendeu-se por mais de duas horas, finda a qual seus promotores e assistentes dirigiram-se ao Palácio Guanabara, onde foram recebidos pelo homenageado.

ATUALIDADES DA SEMANA

No salão de honra do Palácio do Ministério da Guerra foi realizado, no dia 21 de agosto último, o almoço de homenagem oferecido pelo general Góis Monteiro, em nome do Exército Brasileiro, ao general Eurico Gaspar Dutra. Ao "champagne" o general Góis Monteiro proferiu um discurso de saudação e louvor ao general Dutra, tendo sido nessa ocasião batido o flagrante que damos abaixo.





SOSSEGA, LEAO! — Na entrada do Café Petrarca o fotógrafo Horacio Coelho, nosso correspondente de guerra, posa para a História, montado num dos célebres leões modernistas que se espalhavam por toda a Itália fascista. Hoje, os pobres leões de cimento de Mussolini estão todos sossegadinhos.

Está de volta ao Brasil o fotógrafo Horacio Coelho, que durante um ano prestou seus serviços no "front" italiano como correspondente de guerra.

Os nossos leitores acostumaram-se a seguir de perto o rumo das operações em que tomavam parte os heróicos pracinhas do Brasil, através noticiário sempre atual da REVISTA DA SEMANA, que vinha sempre ilustrado com as magníficas fotos de nosso correspondente no "front" dos Apeninos. A tomada de Monte Castelo, os terríveis combates de Montese, tudo foi gravado em celulóide e perpetuado em sal de prata, imagem por imagem, graças à objetiva de Horacio Coelho, sua picareta de trabalho na paz e sua arma de combate na guerra.

Agora ele está de volta ao lar, feliz com a vitória, alegre por haver cumprido com êxito a sua perigosa missão de correspondente de guerra. Justo foi o júbilo com que a REVISTA DA SEMANA recebeu o seu representante junto à F. E. B. Foi ele que nos trouxe de mão própria as fotografias sensacionais que aqui reproduzimos.

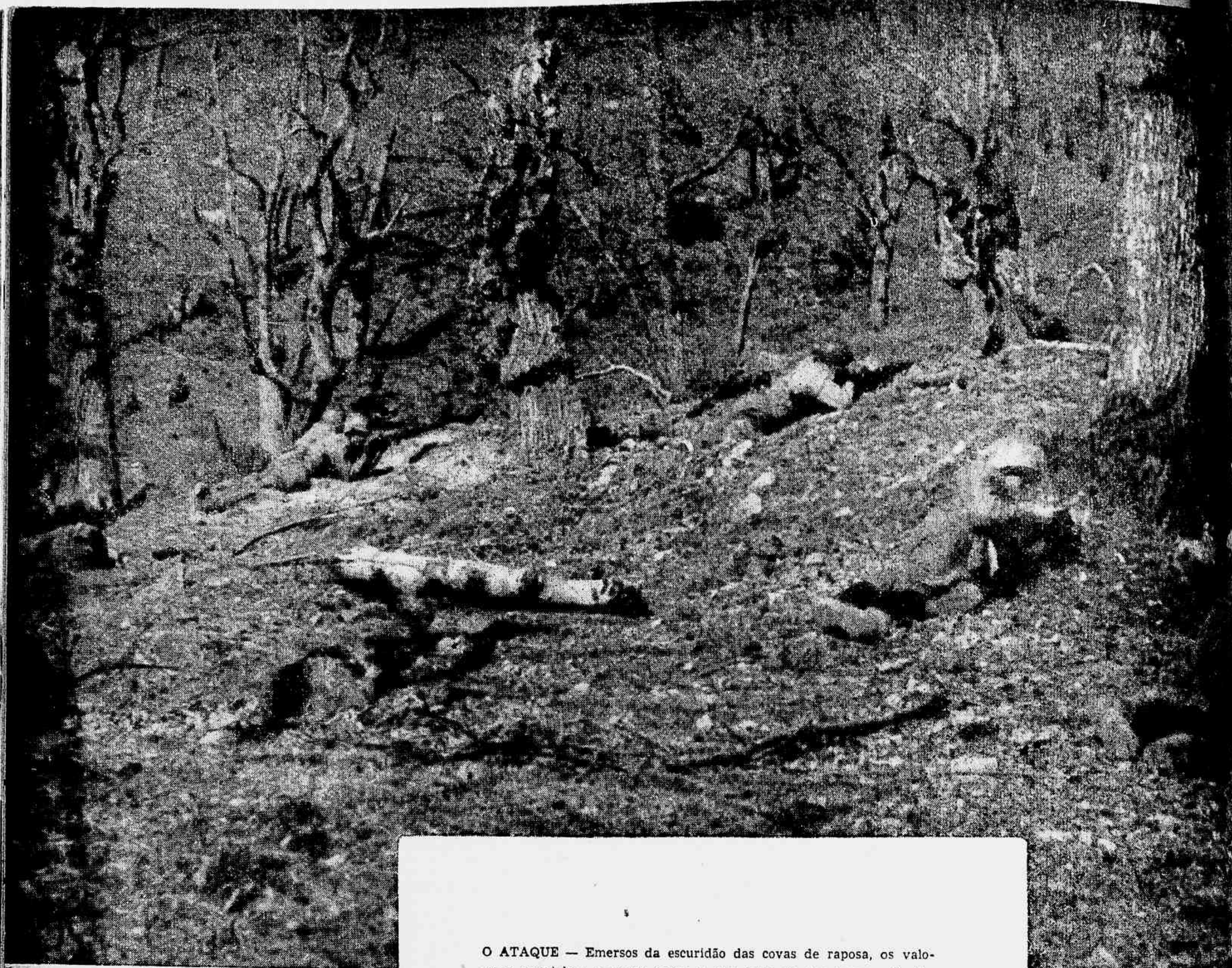
As felicitações que tem recebido o nosso correspondente pelo sucesso que coroou os seus serviços têm sido inúmeras e calorosas. A elas juntamos as nossas, e tornamos público ainda o nosso reconhecimento pelos inestimáveis serviços que prestou aos nossos leitores, fazendo mais precisos e vivos os nossos noticiários sobre os combates da F. E. B. com o precioso material fotográfico que tanta repercussão tiveram.

Boas-vindas, pois, a Horacio Coelho.

A VOLTA DO NOSSO CORRESPONDENTE

MARCHA DA APROXIMAÇÃO — O contingente motorizado avançava pela estrada, quando o fogo de barragem da artilharia tedesca interceptou o caminho. Todos lançaram-se ao solo sob a proteção dos "jeeps", enquanto as granadas de grosso calibre explodiam a poucos metros de distância. Colados ao terreno, os soldados viveram horas angustiosas, separados da morte pelo espaço restrito de alguns centímetros. Os estilhaços voavam sobre as capacetes de aço, os projéteis poderosos silvavam aterradoramente. Note-se, nesta fotografia de Horacio Coelho, os esqueletos das árvores marginais da estrada batida pelo fogo alemão.





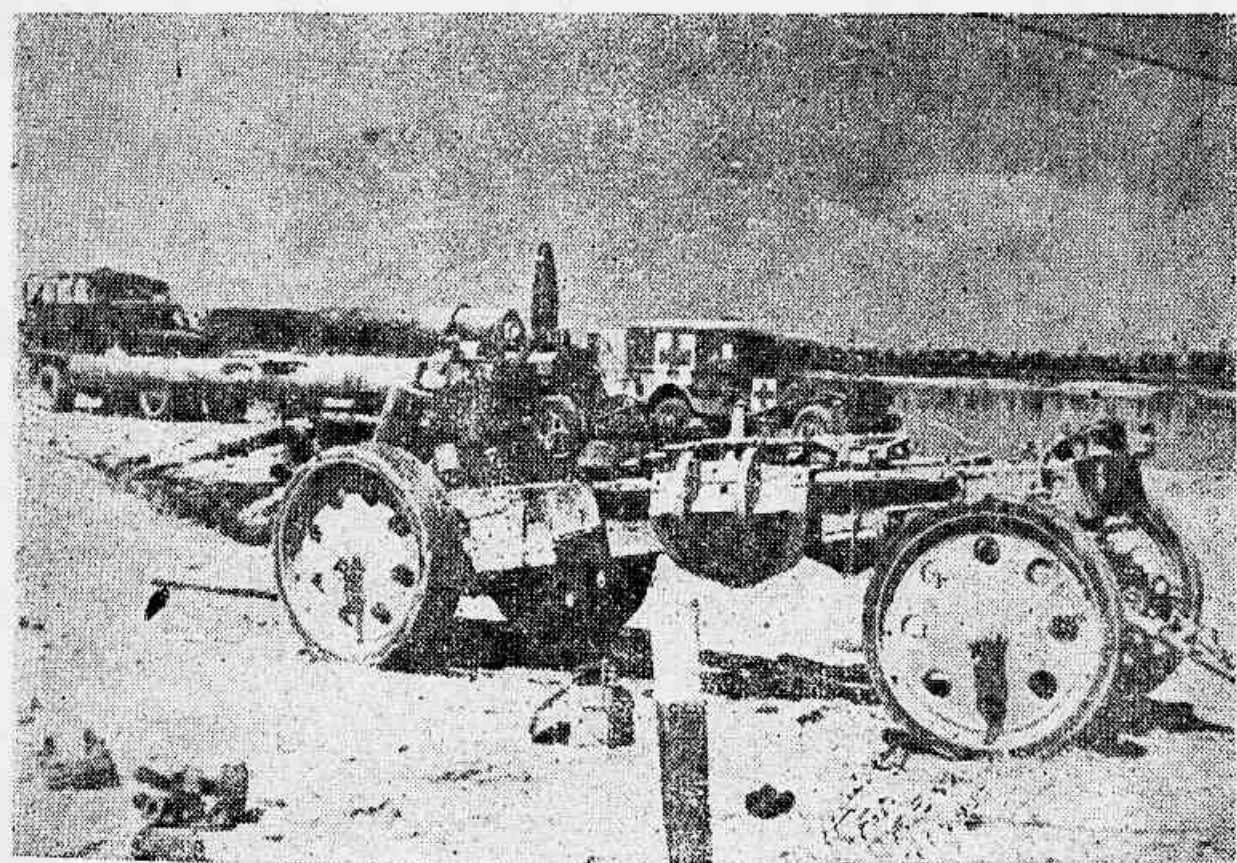
O ATAQUE — Emersos da escuridão das covas de raposa, os valerosos pracinhas avançam entre o que resta de um bosque florido. Arrastando-se no terreno acidentado, eles se aproximam das linhas alemãs. Em baixo — O resultado de um ataque: super-homens das tropas de Hitler feitos prisioneiros pelos pracinhas do Brasil.



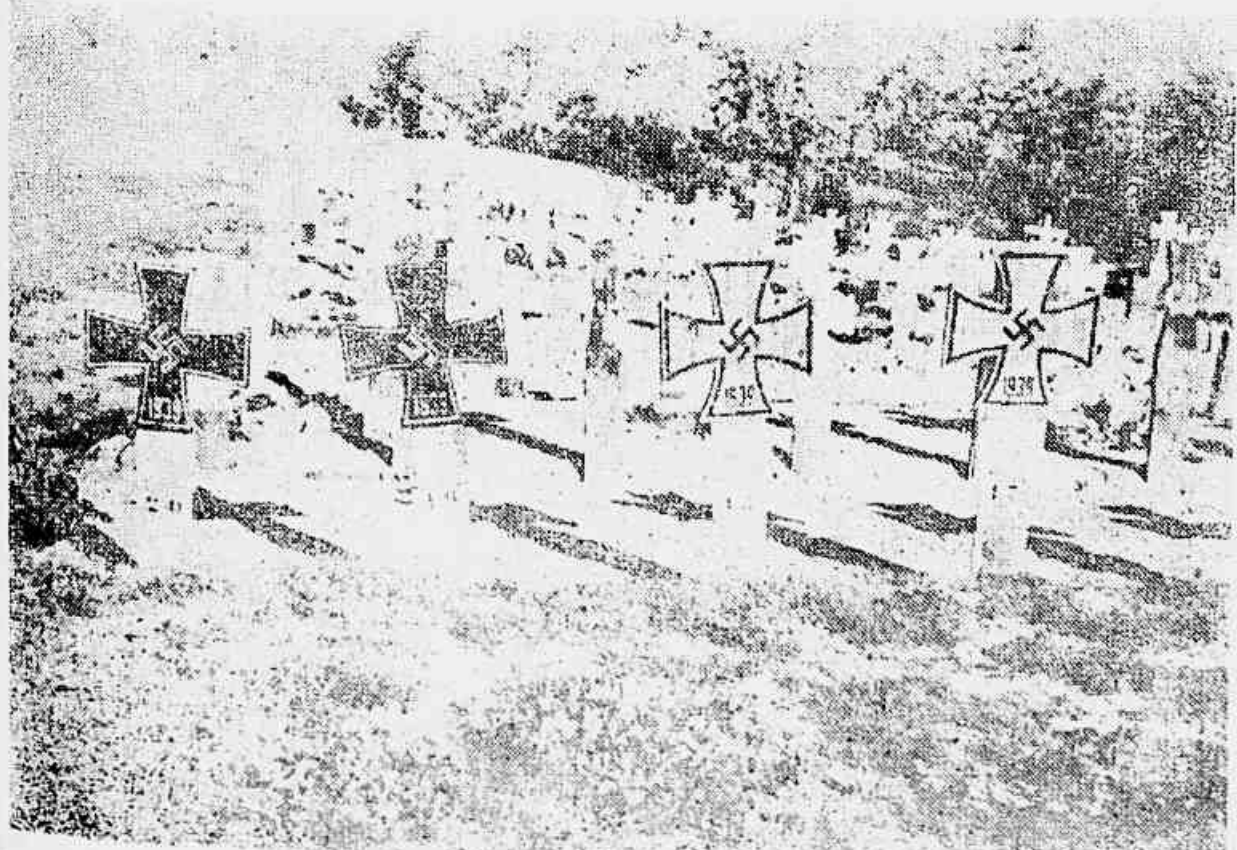


MONTESE EM CHAMAS — Junto a Montese, Horacio Coelho conseguiu, em pleno combate, colher este magnífico instantâneo. A cidade italiana está sendo presa das chamas, provocadas pelo violento bombardeio da artilharia aliada. Entre o morro que aparece ao fundo, onde se encontram entricheirados nos edifícios e nas ruas, os regimentos nazistas, e as posições brasileiras, de onde foi tomada a foto, estende-se, desolada e triste, a terra de ninguém.

ASPECTO DE OCUPAÇÃO — Quando as tropas brasileiras entraram em Montese, foi este o aspecto que se deparou aos nossos pracinhas: uma cidade desolada e coberta de ruínas. Aqui está um dos edifícios semi-destruídos, onde os alemães ofereceram tenaz resistência. As metralhadoras brasileiras transformaram as paredes em verdadeiros ralos.



HERANÇA NAZISTA — Eis aí o que deixaram atrás de si, na Itália, os soldados de Adolf Hitler: ao alto, canhão 105 alemão, abandonado à margem do Pô, nas proximidades de Cremona e apreendido por nossas forças; em baixo, um cemitério nazista, encontrado na estrada Porreta-Vignola, entre as vilas de Zocca e Castel d'Aiano. Após terríveis combates, os nazistas abandonaram em sua retirada pânica material abundante. E as cruzes de madeira lá ficaram, marcando o lugar onde perderam a vida os homens que se deixaram iludir pelo canto de sereia do nazismo.





BODAS DE RUBI — João Luso, nosso brilhante redator e figura que confere às páginas da REVISTA DA SEMANA, do "Jornal do E" que o casal, Armando Erse de Figueiredo (João Luso) e sua cimento, a residência do ilustre acadêmico se encheu do que associando-se às justas homenagens ao seu eminente redator, este presente à encantadora recepção, na pessoa do sr. dr. Gualberto Brito, que se fez acompanhar de sua exm. senhora.



A circunstância de ter sido abandonada, em menina, pela própria mãe, que se deixara levar pela sedução de um homem, fez de Sabia uma jovem destituida do amor o muito mais da afeição materna. Quando lhe falam em Francisca, a quem deve a vida, não esconde o seu mais formal desprezo. A intolerância da moça é absoluta.



Sabia, no entanto, conhece perfeitamente a sua situação. Ela compreende que não poderá ser, sempre, uma menina bem tratada pela família, mas sem uma afeição maior. O complexo do mau procedimento daquela que devia ser o objeto de todo seu respeito, a modelou à feição da desgraça. Uma desgraça irreparável. Difícilmente poderá gostar de alguém e muito menos de um homem que lhe faz sempre lembrar outro homem, aquele por quem a esqueceu sua mãe. Ela desejaria ser diferente, igual às outras moças, mas seu drama interior a impede.



E mesmo quando tem a seu lado, felizes de amor, bem compreendidos e tranquilos, Alice e Raymundo, ela continua insensível. Raymundo nutre verdadeira afeição por Alice, e o idílio surgido entre ambos não teve nunca a menor sombra. Eles se querem com simplicidade, traçam seus planos, cogitam da união que se perpetuará num lar abençoado pelo amor e pela mão de Deus.

PRÊSA DE AMOR

Temos oferecido aos leitores o resumo fotográfico das peças de maior interesse que vão sendo apresentadas no curso da estação teatral. Damos, hoje, aos "fans" de Bibi Ferreira o histórico de sua mais recente apresentação, a comédia francesa "Prêsa de amor", de autoria da escritora Claude Socorre, traduzida para o nosso idioma por Carlos Lage, com a seguinte distribuição:

Sabia	Bibi Ferreira
Felix	Jorge Diniz
Martha	Maria Isabel
Alice	Suzana Negri
Raymundo	Danilo Ramirez
Didier	Ribeiro Martins
Francisca	Henriette Morineau

"Prêsa de amor" é uma peça caracteristicamente feminina, feita por uma escritora de renome e que se esmerou na preparação de um conflito psicológico de grande alcance. Mas se Claude Socorre mostrou-se mestra no urdimento da trama, ela encontrou ainda em Bibi Ferreira a intérprete ideal para o desempenho da parte feminina de maior relêvo. E a filha de Procopio, que habitualmente nos aparece em comédias de menor responsabilidade, houve-se de maneira a justificar os fortes aplausos da crítica e do público. Bibi tem, talvez, o seu mais difícil papel em "Prêsa de amor", desempenho que seria bastante para honrar a qualquer outra atriz. E isso acontece justamente com ela.



Os tempos passam. Alice é agora a esposa ainda mais feliz de Raymundo, e ela recebe com alegria a visita de Sabia, que está agora também casada e mãe de uma linda criança. Elas trocam palavras de afeição, e quando Alice volta a pedir-lhe que concorde em receber uma visita de Francisca, ainda assim Sabia recusa. Todavia há em suas palavras alguma coisa inexplicavelmente diferente. Ela exclama: "Amor! Parece que não. Caron-se apenas porque não seria interessante ficar solteira. E talvez escondo um segredo..."



Sim, ela esconde o segredo maior da sua vida... Está amando. Também, a exemplo do que fez sua mãe outrora, ela se esquece de seus deveres conjugais, esquecendo mesmo a própria filhinha, para cair nos braços de Didier. Repete-se a tragédia... Didier quer levá-la para longe, onde possam viver uma vida à parte. E Sabia está inclinada a aceitar. Nesse momento Sabia está por completo presa da imensa paixão que a domina. Conhece o mesmo transe de Francisca, e de modo mais querer saber, senão da companhia dele, de seus carinhos...



Agora é tudo diferente. As rosas parecem mais perfumadas, apreende-lhes a sensibilidade e as envolve em seu carinho. Ela está mais puro, aquela velha casa, outrora solitária e fria, dá-lhe novos encantos... Sabia vive para o amor e chega a esquecer aqueles que, em outros tempos, tanto se preocupavam com a sua melancolia. Todos indagam: Que terá acontecido? A vida despertou para a moça rebelde de outros tempos. Será a felicidade conjugal? O afeto da filhinha? Será — o que? Ela continua alheia a tudo, feliz...

Mas a razão de ser dessa transformação — ninguém o sabe — está nas visitas periódicas de Didier. Vem desse homem o estímulo mágico da sua alegria de viver, do seu novo estímulo, e ela, pouco disposta a acompanhá-lo. Afinal, talvez fosse melhor segui-lo, sim... Mesmo quando tivesse de esquecer o lar, o pôs, a filhinha... Didier é o mesmo apaixonado e romântico. Não compreende por que ela se nega a acompanhá-lo. Lembre-lhe que vai partir, partir para voltar mais tarde... se Sabia o acompanhasse, essa viagem seria muito mais alegre...





Mas acontece o imprevisto. Atendendo a um telefonema que lhe dá a notícia de ter, talvez, sucedido um desastre a Didier, ela vem a trair-se. E Alice descobre então o seu grande segredo. Adivinha o que se tem passado de horroroso... Sabia está também presa de amor, como sua mãe, Francisca, vinte anos antes... E não a censura, não. Apenas a lamenta. Como poderá Sabia repetir o que fez a mãe? Terá coragem para abandonar a casa e a família? Sabia está pensando diferente. Ela compreende, enfim, o que se terá passado com Francisca, embora revoltando-se interiormente. Há, todavia, uma força superior que a domina. A força do amor, que a prendeu e a algemou...



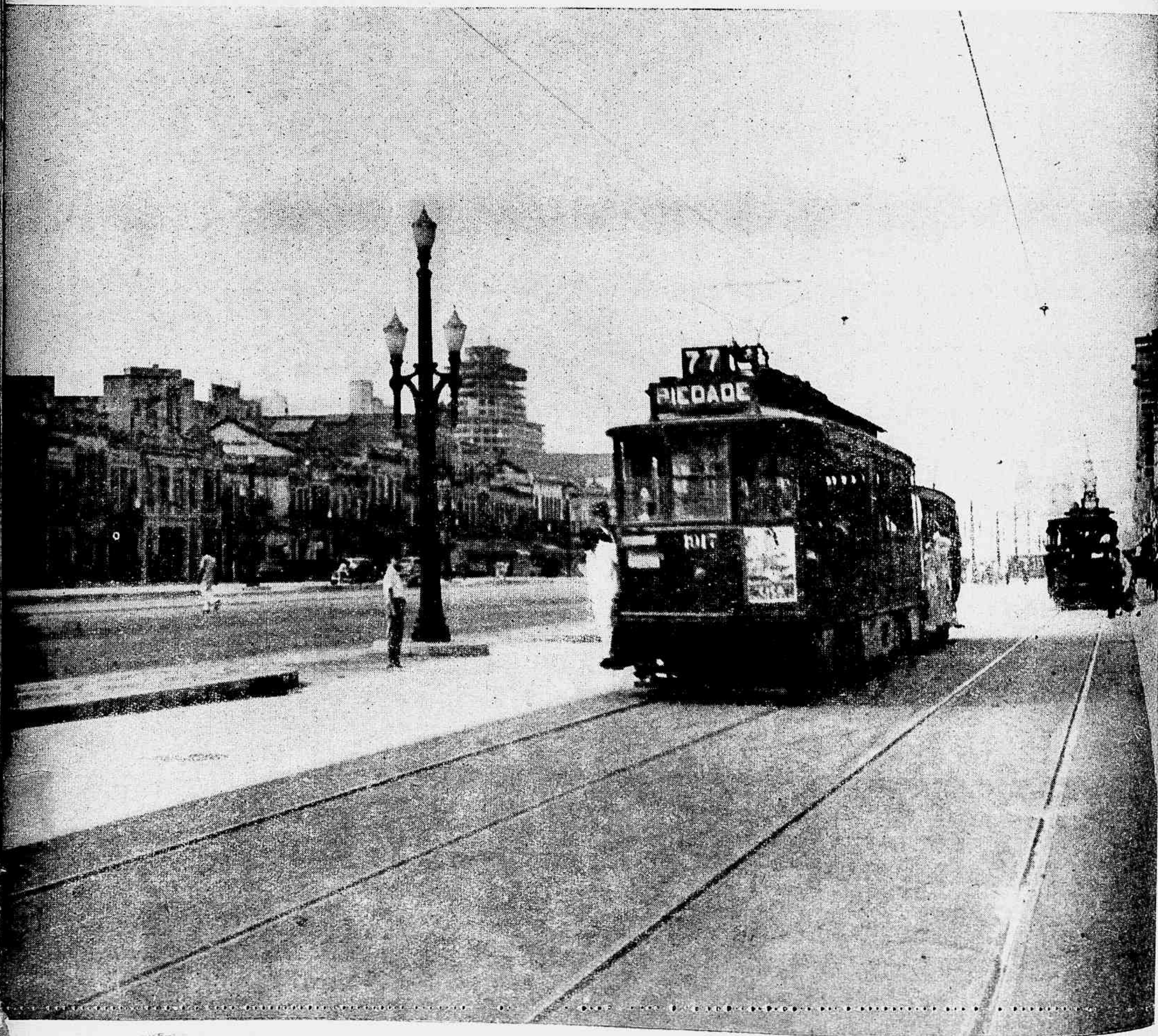
És por que a vista de Francisca não a surpreende tanto quanto imaginava. Todos os seus ressentimentos antigos se dissiparam. São, afinal, duas mulheres autoras do mesmo crime, em gerações diferentes... Francisca é sabedora do passo em falso que a filha vai dar. E abre-lhe os olhos, advertindo-a do que representam as consequências desse gesto. Mulher que abandona o lar, fica estigmatizada do-a do que representam as consequências desse gesto. Não a recebem com simpatia e respeito. Não por toda a vida. Não têm abrem as portas. Não a recebem com simpatia e respeito. Não poderá ombrear com as outras mulheres, que são sua vida ex-ardem...

E o milagre opera-se, por fim. A aparição de Francisca, no momento exato em que a filha ia repetir o seu passo desastrado, faz que Sabia desista dessa atitude. Ela sente despertar-lhe, no coração, o afeto maior pela filhinha querida. Ninguém a pode substituir, e por isso, compreendendo, embora, o drama de Francisca, sabe libertar-se do jugo do amor.

ACONTECEU NO RIO



A Central será eternamente um assunto. Não importa a que propósito, ela vem sempre à baila, quer para comentar o aumento das passagens, a estreia de um policiamento especial que ajusta as contas com os passageiros recalcitrantes ou para ouvir os protestos dos moradores suburbanos que chegam tarde ao trabalho devido aos clássicos atrasos de seus trens. Mas a Central pode também, compensando essas eternas lacunas do assunto agradável, como hoje acontece. Ou melhor, aconteceu na noite de 22 do mês último, quando, pela primeira vez, o novo edifício da Estrada foi iluminado em todas as suas dependências, comemorando o desembarque do segundo escalão da F. E. B. foi, realmente, de um efeito maravilhoso esse espetáculo imprevisivelmente oferecido ao povo, ainda entusiasmado com o desfile dos "pracinhas". Outra ocorrência marcante destes últimos dias foi o prolongamento das linhas de bondes da Light no percurso da avenida Presidente Vargas. Vários carros da zona norte fazem agora o percurso pela nova artéria da cidade, emprestando-lhe um movimento maior, que se intensificará também com a volta dos automóveis, deslizando sem qualquer embaraço pelo asfalto, quando dentro de poucas semanas — como se espera — terminar qualquer racionamento de combustível. O movimento da cidade tem aumentado, desde quando os carros particulares reiniciaram seus giros cotidianos, mas por enquanto com relativo suprimento de gasolina. Todavia, o desvio de algumas linhas para a avenida Presidente Vargas contribuiu para um movimento maior nesse perímetro.





Uma moça deve tratar um artista de cinema de uma maneira especial ou simplesmente ser natural como com os outros rapazes de suas relações?

IMAGINEM uma cidadezinha em rebo-
lição por causa da chegada de um
"astro" de Hollywood. Os salões de be-
leza estavam cheios desde que se sou-
bera da novidade. Nunca as moças de
Dover City haviam caprichado tanto nas
"toilettes". Paris ficaria envergonhada
diante da elegância de Dover City. O
mais interessante, porém, era o procedi-
mento das moças. Subitamente, tinham
perdido toda a naturalidade. Riam com
uma facilidade extraordinária e sem mo-
tivo. Punham-se vermelhas logo que se
falava no nome mágico: George Ashley.
A ansiedade crescia. Na verdade já a
Liga da Moral tomara providências. Hou-
vera uma reunião de solteironas, com o
fito de estragar a recepção ao ator, por-
que, na opinião de Miss Prim, era um
ultraje à decência a maneira pela qual
as moças planejavam lançar-se ao pes-
coço do rapaz. Porém, para sua surpresa,
ela verificou que era a única pessoa do
sexo feminino que tinha essa opinião. As
outras solteironas estavam no salão de

beleza, com as moças, preparando-se...
Uma classe que se sentiu prejudicada e
ferida na sua vaidade foi a masculina;
mas essa, se bem que unida, não tinha
uma Liga para reunir-se e, além disso,
sua vaidade não lhe permitia tomar co-
nhecimento do que se passava.

A atividade febril aumentava cada vez.
O dia da chegada aproximava-se. George
Ashley viria vender bônus de guerra. Ti-
nham ouvido falar nas suas vendas sen-
sacionais. O agente de publicidade do
rapaz descobrira uma verdadeira mina
de vender bônus quando imaginara a
estranha venda. Muitas "estrelas" ven-
diam bônus em troca de beijos. Pois bem:
George estava fazendo uma "tourné" pe-
los Estados Unidos com a mesma inten-
ção. Vender bônus em troca de uma apro-
ximação estratégica de mucosas, que da-
va alimento para os sonhos de muita mo-
cinha durante um mês e para as soltei-
ronas durante um ano. Beijada por Geor-
ge Ashley. Ai! Ai!

Miss Prim quase desmaiara quando
soubera das intenções sinistras do moço.
Mas quando viu a própria esposa do
prefeito dizer que iria trocar o beijo pelo
bônus, num sacrifício patriótico, Miss Prim
desistira. De fato, era o grande pretexto
que todas esperavam. Afinal só umas
mocinhas sem compostura iriam fazer co-

mo fás de grande cidade e lançar-se nos
braços musculosos de George, sem um
motivo. Mas desde que o útil poderia
reunir-se ao agradável, sendo que o útil
adotaria o nome pomposo de patriótico,
estavam todas numa roda viva. Ai! Ai!

Chegou finalmente o grande dia. E o
mais interessante foi o primeiro choque
da cidade ao deparar com George. O trem
chegara e a estação estava abarrotada.
Dois homens e mil novecentas mulheres.

Mas o entusiasmo, onde estava? O
avanço em massa, onde ficara? Intimida-
das, elas olharam para George Ashley
e nada disseram. Contemplaram em si-
lêncio o amante da tela.

Mais tarde, George disse ao seu agente,
depois de chegarem ao hotel:

— Parecia que eu era um animal des-
conhecido num jardim zoológico.

— Havia umas moças bonitas...

— E muitas velhas de bigode... Apos-
to que os beijos irão para aquelas. São
sempre as mais assanhadas...

— Cruzes!

George deu uma risada:

— Cavacos do ofício.

— Dizer-se que há quem pague para
receber um beijo...

— Quando não se consegue de outra
maneira...

Marcia estava tratando do jardim quan-
do notou que o rapaz se debruçava na
grade e contemplava-a.

— O senhor está procurando alguém?

— Não.

— Deseja alguma coisa?

— Não.

— Então...

— Queria falar-lhe.

— Pois não.

— Hoje chegou a esta cidade um ar-
tista de cinema. Está, agora, na praça
principal vendendo bônus de guerra em
troca de beijos. Segundo me informaram,
toda a população feminina, exceto as
inválidas e as senhoras de mais de se-
tenta anos, estão lá. Por que não foi?

Ela olhou-o, curiosa. Ele notou a sur-
presa e disse:

— Não se espante: sou o agente de
publicidade dele e isso me interessa.

— Não vou ao cinema. Não gosto de
homens que se exibem dessa maneira.
Está ciente? Mais alguma informação?

— Muita coisa. Você me interessa. Ah,
que enfim encontrei uma mulher que não
é louca.

Ela riu.

(CONTINUA NA PAG. 55)

O Grande Escândalo de Dover City

Conto de
FRANK LAWTON

C I N E M A

RECOMEÇA O DESFILE

A guerra veio interromper a visita de alguns ilustres figurões cinematográficos americanos ao Brasil. Acabávamos de ser "descobertos" em Hollywood, com os primeiros balangandans da nossa amiga Carmen Miranda, mas desde antes registravam-se algumas visitas de "astros". Tyrone Power e Anabella vieram ajustar o seu matrimônio em Paquetá, e mesmo nos primeiros tempos da guerra foram vários os intérpretes da lei que por aqui andaram. Exatamente a entrada dos Estados Unidos no conflito foi o que determinou o estacionamento daquelas excursões, a menos que as fizessem em caráter militar. E aos poucos a gente de Hollywood foi rareando, quando mais se poderia esperar que viesse em grande número. Agora, porém, restabelecidas as comunicações marítimas e aliviados os transportes aéreos, teremos o reinício dessas visitas. Neste momento, aqui no Rio encontram-se Gloria Warren, completando seu giro de seis semanas, e Tito Guizar, mas já se anuncia, para outubro ou novembro, o embarque de Deanna Durbin. Acontece, porém, que semanas atrás o telégrafo havia informado estar marcada para março próxima a "visita da cegonha" à "estrêla". E sendo assim, não sabemos como poderá viajar tão pouco tempo antes. Outros, todavia, preparam-se para ver ou rever o Brasil, murmurando até que Orson Welles estaria disposto a vir terminar, por conta própria, o seu famigerado "Tudo é verdade". Carmen Molina, aquela pequena mexicana de reais encantos que apareceu em "Você já foi à Bahia?", na mesma evidência de Aurora Miranda, também chegou, discretamente, ao Rio, dizendo-se que depois de descansar algumas semanas se apresentará em um "night-club". E há quem insista em dizer que Frank Sinatra virá cantar por estes lados, não tarda muito. Orquestras famosas de "jazz" e de cinema estariam sendo negociadas para próximas excursões à América do Sul. E apregoam-se que as próximas férias de Bette Davis serão passadas aqui no Rio.

Tudo faz crêr, destarte, que venha a recomendar o desfile dos "astros em carne e osso", quando não mais se cogita de guerra e quando o cinema precisa, evidentemente, desse reforço de propaganda. As "personal appearances" são ainda um dos mais eficazes recursos de publicidade. — C.

Parece que Ari Barroso voltará a Hollywood ainda este ano, para regressar em maio ou abril. E nessa ocasião Ari passará a pertencer ao "cast" da Rádio Globo, não para transmitir jogos esportivos, mas para apresentar grandes programas musicais.

★

A Atlântida deu a nota esta semana, com a estréia de "O Goal da Vitória". Grande Otelo provou que está definitivamente enraizado no cinema. E Ribeiro Martins agradece às garotas...

★

A Metro está começando a preparar a estréia de "Mrs. Parkington", com Greer Garson e Walter Pidgeon. Mal comparando, Greer Garson poderia ser também denominada "estrêla das famílias"... Que tal, Waldemar?

Parece que está ficando em moda envelhecer. Há pouco foi Dulcina, dando um pulo aos 90 anos da Rainha Vitória; foi Bette Davis aparecendo decrépita, pagando pesadíssimos pecados em "Vaidosa", e agora mesmo Elza Gomes envelhece em "Babalu". Também Greer Garson, embora em algumas cenas, praticou o esporte de aparentar mais de oitenta anos, em "Mrs. Parkington, a Mulher-Inspiração", da Metro.



Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

ELEGANTE, PRÁTICO E ECONÔMICO

★

FUNCIONAMENTO GARANTIDO POR CINCO ANOS

★

O CHUVEIRO "HIDREX" É O COMPLEMENTO DO BANHEIRO MODERNO

PAN-LUX

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA "SERVE" Ltda.

LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ FORNECER TODOS OS APARELHOS ELETRICOS INDISPENSÁVEIS NUMA RESIDÊNCIA MODERNA

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



INFALIVEL NA CÁSPA, QUEDA DOS CABELOS e demais Afecções do Couro Cabeludo

M U S I C A

"RIGOLETTO", "BOHEME" E "LA FORZA DEL DESTINO"

A temporada lírica conta, até agora, com dois autênticos sucessos — "Tannhäuser" e "La Forza del Destino"; dois fracassos — "Barbieri di Sevilha" e "La Bohème" — e um triunfo pessoal de Leonard Warren no "Rigoletto".

Já comentei as duas primeiras récitas de gala. "O Rigoletto", como espetáculo, foi satisfatório. Confesso que não compreendo o desprezo que alguns "entendidos" costumam manifestar publicamente pela obra de Verdi, uma vez que não é essa a atitude nem da crítica autorizada nem do público entusiasta. É forçoso convir que há uma boa dose de esnobismo nessa posição afetada. "O Rigoletto" é uma bela ópera — um enredo melodramático sublinhado por Verdi com uma música dotada de extraordinário vigor, uma verdadeira força que torna aceitáveis algumas vulgaridades que se introduziram na partitura. No espetáculo deste ano Leonard Warren, à frente do elenco, fez jús aos elogios da crítica, ratificados pelos aplausos do público. E convém notar que de ano para ano ele aperfeiçoa a sua criação, ganhando maior desembaraço. Hilde Reggiani mudou radicalmente. E mudou para melhor. Abandonada a sua preocupação exagerada com a coloratura, ela adotou a atitude oposta: deu a Verdi uma oportunidade e, como recompensa, conseguiu um sucesso animador. Tentou, de fato, cantar e representar o papel de Gilda com verdadeira compreensão e simpatia. E entre os erros comuns dos soprano-ligeiros que ela pôde evitar, vimos, por exemplo, o "Caro nome", que Reggiani tratou como deveria: dando à música não o papel de veículo para a exibição de agilidade, e sim o de expressão de um sentimento. Diante disso, creio que fica confirmada a observação de que faltava, preliminarmente, a Reggiani — como a seus companheiros — a agilidade e a vivacidade para interpretar Rossini. Reggiani está à vontade no papel de Gilda. Os senões que poderíamos notar seriam acidentais na execução de um papel bem concebido, nunca fraquezas por estar cantando, despreocupadamente, sem ter uma noção exata do personagem.

Bruno Landi, apesar de algumas reincidências, aboliu, em parte, os pianíssimos prolongados, que constituíam seu grande efeito sobre as platéias. Quanto a isso aprovamos plenamente. Mas a verdade é que, desta maneira, Landi revelou-se inteiramente: é um tenor razoável, sobretudo nesses tempos de racionamento de tenores, embora com os tiques e defeitos da sua escola. Sua voz, ademais, não é muito agradável. Os outros cantores desincumbiram-se de seus papéis com discreção.

★

A "Bohème" desceu ao nível do "Barbeiro de Sevilha", talvez até um pouco mais abaixo: o suficiente para justificar um ensaio de vaia. Não falarei da cantora a quem foi dirigida essa espontânea manifestação de desagrado que partiu da galeria e expandiu-se em murmúrios pelo balcão, poltronas e até camarotes. A artista em questão, como cantora, não podia ser criticada: está abaixo da crítica...

Norina Greco voltou com a mesma voz belíssima, porém apresentando nesse espetáculo lamentáveis defeitos de respiração e emissão. Cenicamente, mostrou-se pouco à vontade. Kullman, por outro lado, deu-nos um Rodolfo excelente, tanto vocal como cenicamente. Continua sendo o elemento valioso que o público conhece e admira.

Valentino, no Marcelo, foi discreto e eficiente, muito mais feliz, aliás, do que no Barbeiro. Roberto Silva estreou sem maior relêvo. Os outros razoáveis. Quanto à orquestra, passou das mãos demasiado fracas de Alwin para as mãos talvez demasiado enérgicas de Sebastian. Os cantores que o digam...

★

Nota-se nas primeiras obras de Verdi um alento para a criação de melodias e um instinto dramático, ambos ainda não completamente desenvolvidos. Predomina, nelas, a melodia, às vezes banal. Porém o instinto dramático cresce e se reafirma, o que o leva, na sua carreira, através de fusões parciais das duas qualidades em certas partituras, até o ponto em que atinge a completa expansão de seu gênio em duas obras-primas: "Otelo" e "Falstaff". Mas nas obras precedentes, se bem que nem sempre se dê a combinação

(Continua na pág. 55)



STELLA ROMAN, NA "FORZA DEL DESTINO", DE VERDI, UM DOS GRANDES SUCESSOS DA TEMPORADA LÍRICA.

FLEURS D'AMOUR

ROGER & GALLET

EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS-RIO

Não canse os braços,
use Brasso!

Brasso
- DÁ BRILHO
AOS METAIS!



Receção aos convidados no salão nobre do Palácio do Governo, durante a inauguração da Exposição de Arte e Indústria, realizada em 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas.



Aluna da Escola de Arte e Indústria, durante a exposição de 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas. A exposição foi realizada no Palácio do Governo, em 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas.



Grupo de alunos da Escola de Arte e Indústria, durante a exposição de 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas. A exposição foi realizada no Palácio do Governo, em 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas.



Aluna da Escola de Arte e Indústria, durante a exposição de 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas. A exposição foi realizada no Palácio do Governo, em 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas.

FIGURAS E FATOS



Alunos da Escola de Arte e Indústria, durante a exposição de 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas. A exposição foi realizada no Palácio do Governo, em 1934, sob a presidência de Getúlio Vargas.

Não havia defesa possível...



— Quero que me fale com franqueza, doutor.
O médico hesitou. Depois disse:
— E' uma cicatriz feia, esta.
O coronel estava impaciente.
— Sim, sim. Mas...
— Como arranjou uma cicatriz dessa espécie?
— Foi uma sobrinha... Ela... Ela me atirou uma faca.
— Como?!
— Há muitos anos, já. E tinha razão. Seu pai, meu cunhado, morrera poucos dias antes e... e eu falei mal d'ê, durante uma refeição em casa de minha irmã. A menina me atirou uma faca.
— Que gênio!
— Bem... Mas doutor, eu queria saber...
— Quanto ao nosso caso, coronel, eu o aconselho a consultar um especialista.
— Não me interessa a opinião de um especialista.
— Porém o senhor compreende, coronel, que eu não posso me pronunciar sobre um assunto tão grave...
— Faça o favor de não procurar evasivas, doutor.
— Mas eu...
— Está bem. Está bem. Diga-me uma coisa: conhece a Universidade de Priestley?
— Sim. E' uma grande escola para médicos... De lá saem os nossos maiores cirurgiões e clínicos.
— Hum... bem, adeus, doutor.
— Até mais ver, coronel.
Depois que o coronel saiu, o médico, só, tratou de preparar suas malas, pois iria partir para o estrangeiro dentro de dois dias. Enquanto fazia a arrumação, entretanto, pensou no coronel e abanou a cabeça, desolado.

O professor continuava a explicação, mas as moças já estavam preparando-se para sair. Era sempre assim. O velho esquecia que já passara da hora e falava até que alguém lhe lembrasse: "Já são cinco e vinte, professor".
Ella Grant estava impaciente. Peter esperava lá fora e ela sabia que êle não tinha muito tempo.
— "A prata"... — continuava o professor.
— Hum? Ah! Bem... Por hoje é só.
Antes que elas saíssem êle ainda avisou:
— Não se esqueçam de devolver o material em que fizeram a experiência.

O empregado do laboratório notou que uma das moças esquecera de entregar o vidro com cianureto de potássio. Qual seria? Verificou na lista. Nove haviam entregue. Deveria ser Miss Grant.

Ella, porém, não tinha reparado que o vidro ainda estava no bolso do seu avental.

Peter já estava impaciente.
— Que houve? — perguntou logo que a percebeu.
— Nada. Por que?
— Você demorou tanto...
— Tinha muito que fazer. E o professor passou da hora com uma explicação sobre as propriedades da prata e...

— Por favor, não me conte nada sobre os seus estudos. Você sabe como eu abomino a química, e além disso acho que você não precisa estudar.

— Vamos recomeçar a nossa velha discussão, meu bem?

— Não. Tenho coisas mais importantes para contar-lhe.
— Não me diga que conseguiu finalmente que o velho lhe confiasse uma causa!...

— Foi exatamente isso que aconteceu.
— Que maravilha, meu bem. Como é o caso?
— Bem, é quase todo baseado em prova circunstancial, mas é por isso mesmo que é fácil obter uma condenação, e se obtiver a condenação o velho ficará satisfeito e, quem sabe, até se me dará parte de seu trabalho?

— Você sabe que eu também não admiro muito a



profissão que você escolheu, meu amigo, mas desde que você está contente com êsse caso, não posso deixar de alegrar-me também.

— Estou satisfeitiíssimo. Você não pode calcular o que isso representa para mim depois de tanto tempo de trabalho, de luta...

— Eu também lutei, sabe? — disse êle, com um leve tom de censura. Êle, imediatamente, percebendo que a magoara, acrescentou: — E' claro, meu bem. E eu só queria que você permitisse que lutássemos juntos.

Ella sorriu.

— Vamos recomeçar?

— Não. Paremos por aqui. Você teve notícias de Stephanie?

— Ainda não, mas ela está para receber o dinheiro a qualquer momento. Depois poderemos pensar no nosso caso.

— Eu acho que Stephanie é muito egoísta. Não acho que uma moça de bons sentimentos possa permitir que uma pessoa morra de ansiedade por sua causa.

— Eu ainda não morri, meu bem, e afinal de contas Stephanie não é tão má assim. Pela maneira que você fala, até parece que ela roubou um banco ou coisa parecida.

— Ela não é incapaz disso!

— Você não sabe como essa sua intimidade com a minha melhor amiga me entristece, Peter.

— Mas continuo dizendo que você não deveria ter assinado aquela promissória.

— Eu não assinei, meu bem: endossei. E' Stephanie quem vai pagar. Eu dei a minha garantia. Tenho confiança nela. Ela me prometeu que haveria de arranjar o dinheiro em tempo, portanto...

— Você vai me prometer uma coisa.

— O que?

— Assim que eu sair daqui você vai procurar Stephanie e dizer a ela que o prazo já está quase esgotado, e que ela tem que pagar.

Ella sorriu.

— Se eu prometer você ficará tranquilo?
— Tranquilo não, mas bem aliviado.
— Pois bem, irei hoje mesmo.

— Ela fugiu, Miss Ella. Ontem o banqueiro telefonou dizendo que se não pagasse até amanhã, êle levaria o caso para a justiça.

— E ela?

— Fugiu e deixou êste bilhete para a senhora.

"Minha querida Ella. Não tenho coragem de falar pessoalmente com você, depois do que aconteceu. Vou trabalhar. Tentarei pagar o dinheiro."

— Mas eu não posso pagar a dívida dela!

A criada de Stephanie ficou olhando para Ella. A exclamação da moça surpreendera-a:

— Miss Ella, Miss Stephanie me deve dois meses de ordenado e...

— Escute, Mary, não me fale nisso agora. Mais tarde. Na semana que vem venha ver-me; falarei com você.

— Está bem.

Em casa esperava-a uma mensagem de Isaac.

"Peço-lhe que compareça ao meu escritório amanhã às dez horas com o dinheiro relativo à dívida contraída por Miss Stephanie Lawson, cuja promissória a senhorita endossou."

— Não pode ser! Isso não pode ter acontecido comigo...

Mas aconteceu. Essa é a verdade. Dialogava consigo mesma. Tinha assinado, por uma especial deferência para com a amiga. Esperava sinceramente que Stephanie pagasse a dívida e agora via-se obrigada a encontrar, da noite para o dia, quatro mil libras. Por que teria Isaac aceitado a sua assinatura? Naturalmente por causa do tio Charles. E ela nunca mais falara com o tio. Mas disso Isaac não sabia. Tinha tomado informações e chegara aos seus ouvidos que a moça que prometera endossar a promissória de Stephanie Lawson era sobrinha de Charles Grant, o coronel que se aposentara recentemente e cuja fortuna era imensa.

Ella não sabia o que fazer... Só tinha um recurso: apelar para o tio. Mas se não o via havia mais de dez anos... Se a última vez que o vira, ela... Lembrava-se

(CONTINUA NA PAG. 40)]

PROVA CIRCUNSTANCIAL Conto de
EDGAR WALLACE



Flagrante tomado no Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, quando da conferência ali pronunciada pelo seu presidente, professor Haroldo Valadão, sob o tema "Rio Branco, Advogado do Brasil". Na foto, além do conferencista, o ministro Laudo de Camargo e os embaixadores Hildebrando Acioli e João Neves da Fontoura.



Realizou-se recentemente na igreja de Nossa Senhora de Copacabana, nesta Capital, o enlace da srta. Dagmar Sotomaior Cordeiro com o sr. Rubem Costa Velho. O ato, que se revestiu de tocante solenidade, foi assistido pelos elementos mais representativos da alta sociedade carioca, onde os nubentes gozam da mais ampla simpatia. A foto nos mostra o casal quando recebia a bênção nupcial.



Depois da estadia de alguns meses em nossa Capital, regressaram ao Recife, no dia 8 de agosto último, a bordo do "Itaimbé", o sr. Antonio Ferreira Lopes e exma. esposa, figuras destacadas da alta sociedade pernambucana. No flagrante acima aparecem os ilustres viajantes entre pessoas amigas e admiradores que os foram levar ao cais.



Ana Lucia, filhinha do casal major Cantídio Guimarães e Nisia Ferreira Guimarães.

FIGURAS E FATOS



Valderez Maria e Maria Valeska, gêmeas, filhas do sr. Apolônio Rezende de Carmo e da srta. Apolônio Rezende de Carmo, residentes em Rio Pardo, Rio Grande do Sul.

Não havia defesa possível...



— Quero que me fale com franqueza, doutor.
O médico hesitou. Depois disse:
— E' uma cicatriz feia, esta.
O coronel estava impaciente.
— Sim, sim. Mas...
— Como arranhou uma cicatriz dessa espécie?
— Foi uma sobrinha... Ela... Ela me atirou uma faca.
— Como?!
— Há muitos anos, já. E tinha razão. Seu pai, meu cunhado, morreu poucos dias antes e... e eu falei mal dele, durante uma refeição em casa de minha irmã. A menina me atirou uma faca.
— Que gênio!
— Bem... Mas doutor, eu queria saber...
— Quanto ao nosso caso, coronel, eu o aconselho a consultar um especialista.
— Não me interessa a opinião de um especialista.
— Porém o senhor compreende, coronel, que eu não posso me pronunciar sobre um assunto tão grave...
— Faça o favor de não procurar evasivas, doutor.
— Mas eu...
— Está bem. Está bem. Diga-me uma coisa: conhece a Universidade de Priestley?
— Sim. E' uma grande escola para médicos... De lá saem os nossos maiores cirurgiões e clínicos.
— Hum... bem, adeus, doutor.
— Até mais ver, coronel.
Depois que o coronel saiu, o médico, só, tratou de preparar suas malas, pois iria partir para o estrangeiro dentro de dois dias. Enquanto fazia a arrumação, entretanto, pensou no coronel e abanou a cabeça, desolado.



O professor continuava a explicação, mas as moças já estavam preparando-se para sair. Era sempre assim. O velho esquecia que já passara da hora e falava até que alguém lhe lembrasse: "Já são cinco e vinte, professor".
Ella Grant estava impaciente. Peter esperava lá fora e ela sabia que ele não tinha muito tempo.
— "A prata"... — continuava o professor.
— Hum? Ah! Bem... Por hoje é só.
Antes que elas saíssem ele ainda avisou:
— Não se esqueçam de devolver o material em que fizeram a experiência.



O empregado do laboratório notou que uma das moças esquecera de entregar o vidro com cianureto de potássio. Qual seria? Verificou na lista. Nove haviam entregue. Deveria ser Miss Grant.
Ella, porém, nem tinha reparado que o vidro ainda estava no bolso do seu avental.
Peter já estava impaciente.
— Que houve? — perguntou logo que a percebeu.
— Nada. Por que?
— Você demorou tanto...
— Tinha muito que fazer. E o professor passou da hora com uma explicação sobre as propriedades da prata e...
— Por favor, não me conte nada sobre os seus estudos. Você sabe como eu abomino a química, e além disso acho que você não precisa estudar.
— Vamos recomeçar a nossa velha discussão, meu bem?
— Não. Tenho coisas mais importantes para contar-lhe.
— Não me diga que conseguiu finalmente que o velho lhe confiasse uma causa!...
— Foi exatamente isso que aconteceu.
— Que maravilha, meu bem. Como é o caso?
— Bem, é quase todo baseado em prova circunstancial, mas é por isso mesmo que é fácil obter uma condenação, e se obtiver a condenação o velho ficará satisfeito e, quem sabe, até se me dará parte de seu trabalho?
— Você sabe que eu também não admiro muito a



profissão que você escolheu, meu amigo, mas desde que você está contente com esse caso, não posso deixar de alegrar-me também.
— Estou satisfeíssimo. Você não pode calcular o que isso representa para mim depois de tanto tempo de trabalho, de luta...
— Eu também lutei, sabe? — disse ele, com um leve tom de censura. Ele, imediatamente, percebendo que a magoara, acrescentou: — E' claro, meu bem. E eu só queria que você permitisse que lutássemos juntos.
Ela sorriu.
— Vamos recomeçar?
— Não. Paremos por aqui. Você teve notícias de Stephanie?
— Ainda não, mas ela está para receber o dinheiro a qualquer momento. Depois poderemos pensar no nosso caso.
— Eu acho que Stephanie é muito egoísta. Não acho que uma moça de bons sentimentos possa permitir que uma pessoa morra de ansiedade por sua causa.
— Eu ainda não morri, meu bem, e afinal de contas Stephanie não é tão má assim. Pela maneira que você fala, até parece que ela roubou um banco ou coisa parecida.
— Ela não é incapaz disso!
— Você não sabe como essa sua intimidade com a minha melhor amiga me entristece, Peter.
— Mas continuo dizendo que você não deveria ter assinado aquela promissória.
— Eu não assinei, meu bem: endossei. E' Stephanie quem vai pagar. Eu dei a minha garantia. Tenho confiança nela. Ela me prometeu que haveria de arranjar o dinheiro em tempo, portanto...
— Você vai me prometer uma coisa.
— O que?
— Assim que eu sair daqui você vai procurar Stephanie e dizer a ela que o prazo já está quase esgotado, e que ela tem que pagar.
Ela sorriu.

— Se eu prometer você ficará tranquilo?
— Tranquilo não, mas bem aliviado.
— Pois bem, irei hoje mesmo.
— Ela fugiu, Miss Ella. Ontem o banqueiro telefonou dizendo que se não pagasse até amanhã, ele levaria o caso para a justiça.
— E ela?
— Fugiu e deixou este bilhete para a senhora.
"Minha querida Ella. Não tenho coragem de falar pessoalmente com você, depois do que aconteceu. Vou trabalhar. Tentarei pagar o dinheiro."
— Mas eu não posso pagar a dívida dela!
A criada de Stephanie ficou olhando para Ella. A exclamação da moça surpreendera-a:
— Miss Ella, Miss Stephanie me deve dois meses de ordenado e...
— Escute, Mary, não me fale nisso agora. Mais tarde. Na semana que vem venha ver-me; falarei com você.
— Está bem.



Em casa esperava-a uma mensagem de Isaac.
"Peço-lhe que compareça ao meu escritório amanhã às dez horas com o dinheiro relativo à dívida contraída por Miss Stephanie Lawson, cuja promissória a senhoria endossou."
— Não pode ser! Isso não pode ter acontecido comigo...
Mas aconteceu. Essa é a verdade. Dialogava consigo mesma. Tinha assinado, por uma especial deferência para com a amiga. Esperava sinceramente que Stephanie pagasse a dívida e agora via-se obrigada a encontrar, da noite para o dia, quatro mil libras. Por que teria Isaac aceitado a sua assinatura? Naturalmente por causa do tio Charles. E ela nunca mais falara com o tio. Mas disso Isaac não sabia. Tinha tomado informações e chegara aos seus ouvidos que a moça que prometera endossar a promissória de Stephanie Lawson era sobrinha de Charles Grant, o coronel que se aposentara recentemente e cuja fortuna era imensa.

Ella não sabia o que fazer... Só tinha um recurso: apelar para o tio. Mas se não o via havia mais de dez anos... Se à última vez que o vira, ela... Lembrava-se

PROVA CIRCUNSTANCIAL

Conto de
EDGAR
WALLACE



A ENTRADA TRIUNFAL EM BERLIM

(Do B. N. S., especial para
a REVISTA DA SEMANA)

A entrada das forças britânicas na capital do Reich constituiu um momento simbólico dos mais impressionantes. Através das ruas e avenidas arruinadas pelos recentes bombardeios aéreos, que contribuíram, mais do que qualquer outra coisa, para humilhar o orgulho nazista e levar ao próprio sentimento militarista prussiano a significação de uma guerra total por ele desencadeada, destilaram, numa parada majestosa da Vitória, os soldados da Grã-Bretanha, que desde os meses sombrios de 1940 vinham sustentando a luta dos povos livres contra as forças da opressão e da violência imperialista.

A parada triunfal das tropas inglesas ao longo das ruas berlinenses ainda exibindo as feridas profundas dos terríveis bombardeios da Rússia, da RAF e da aviação norte-americana, foi um momento de glória particular para os famosos "Ratos do Deserto", ou seja a Sétima Divisão Blindada do Oitavo Exército, que, sob o comando legendário do marechal Montgomery, iniciou a sua ininterrupta campanha sobre as areias do deserto africano e veio agora culminar a sua série de triunfos na própria capital prussiana. Esta

longa e brilhante jornada foi realmente inaugurada nos dias já hoje remotos de 1942, diante das defesas de Rommel em El-Alamein.

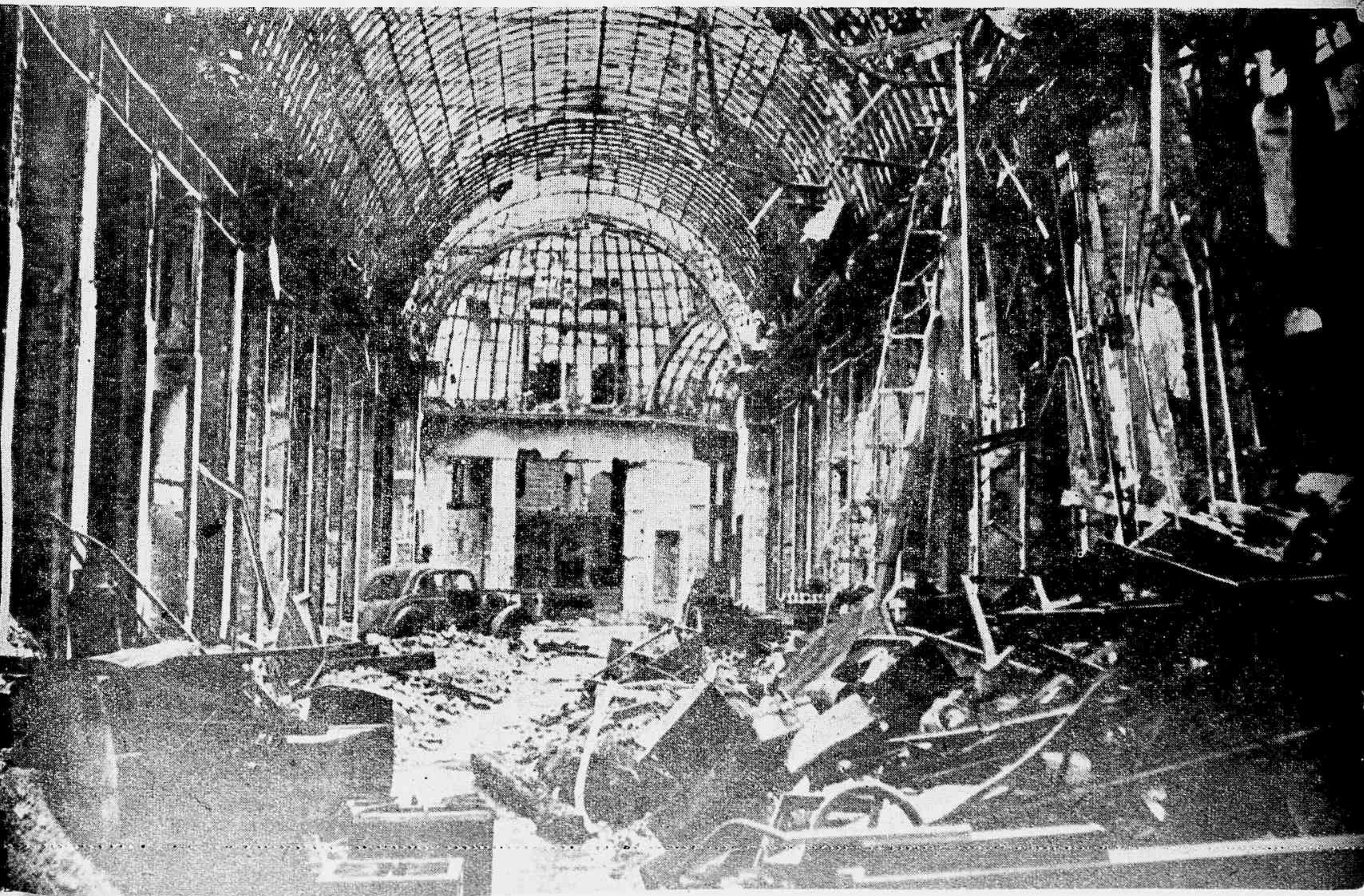
Em julho deste ano, na capital do Reich já ocupada pelos exércitos soviéticos, as primeiras tropas inglesas se apossaram simbolicamente da sua área de ocupação. Este ato solene culminou com a cerimônia do hasteamento da "Union Jack" diante da majestosa coluna da Vitória, erguida no centro da Königsplatz, no Tiergarten, para comemorar o triunfo prussiano na guerra contra a França em 1870. A guarda de honra foi composta pela banda de gaitas de fole dos "Highlanders" canadenses, juntamente com as representações de outros regimentos da Grã-Bretanha e dos seus Domínios. A cerimônia foi simples e emocionante. À proporção que a "Union Jack" subia lentamente ao topo do mastro, a guarda de honra militar apresentou armas e o soldado parou por alguns instantes as nuvens que cobriam o cenário. O silêncio, quase absoluto, foi então subitamente quebrado pelos acordes iniciais do "God save the King". Com esta cerimônia simbólica as forças britânicas de ocupação tomaram oficialmente posse do seu setor na capital do Reich.

Na gravura superior, os "Highlanders" canadenses, encabeçados pela sua tradicional banda de gaitas de foles, desfila em plena Berlim, depois de ali terem entrado as tropas britânicas e após os exércitos soviéticos terem conquistado a famigerada capital nazista. A esquerda, o sargento Baker estuda o emblema nazista caído no jardim da Chancelaria do Reich, pelo efeito violento de uma salvadora bomba soviética.





Na fachada do edifício do Reichstag, após os intensos bombardeios russos, os soldados de Stálin deixaram gravados seus nomes, que os rapazes ingleses ali conservam como documentação histórica. Ainda em cima, à direita, um soldado de Yorkshire entre as ruínas do Reichstag. E em baixo, como os soldados russos encontraram Berlim em maio do corrente ano. Foto da passagem na Unter den Linden, já agora entregue pelos soviéticos aos ingleses.



D. AMÉLIA DE LEUTCHENBERG

ESCRAGNOLLE DORIA

VIUVO havia três anos, zelando cinco filhos menores, D. Pedro I, em 1829, tomava esposa.

A sua primeira imperatriz fôra arquiduquesa austriaca, a segunda seria princesa bavera, os Habsburgos aparentados com os Wittelsbach, em dinastias representadas nas pessoas de duas imperatrizes do Brasil.

D. Amélia de Leutchenberg, segunda consorte de D. Pedro I, descendia do príncipe Eugénio de Beauharnais e por ele de fidalguia francesa. Pelo lado materno D. Amélia era Wittelsbach, e filha da princesa Augusta da Baviera. A Revolução Francesa decapitára o general Beauharnais, pai do príncipe Eugénio; Napoleão, padraсто deste, puzera corôa real à cabeça de Maximiliano I, quando simples eleitor palatino e avô de D. Amélia. Surpresas da Vida nas singularidades da História.

Nascida em Munique de 1812, em 1829 D. Amélia deixava família e cidade natal. Por procuração, platonicamente casada na Capela Real do Palacio de Munique, em breve D. Amélia partia para o Brasil e novos destinos.

Chegando ao Rio de Janeiro a 17 de Outubro de 1829, mal desembarcava ia á Capela Imperial, toda festa, a receber benções nupciais, dadas a D. Pedro e D. Amélia pelo bispo diocesano D. José Caetano da Silva Coutinho.

A recente imperatriz foi recebida com simpatia popular e demonstrações de prazer. Numa palavra, agradou.

Cabia a D. Amélia entrada solene na capital do Imperio. Teve-a e gente acotovelando gente a conhecer de perto uma soberana bonita, a completar dezessete anos, na entre-idade feminina do muito já de moça no ainda um pouco de menina. Aliás combinação de breve esvaecer.

No momento da entrada solene de D. Amélia, o Rio de Janeiro enfeitou-se levantando arcos de triunfo, um de especial significação. Tal o erguido pela colonia francesa na largo de S. Francisco de Paula, á boca da rua do Ouvidor.

D. Pedro I seguiu galantemente o exemplo da cidade. Em homenagem á esposa creou a Ordem da Rosa em linda vena entrelaçadas em monograma as iniciais. Pedro e Amélia. Era esta parenta da formosa imperatriz da Austria, Elisabeth, chamada a Rosa da Baviera, D. Amélia por seu turno de dotes físicos. A casa dos Wittelsbach tinha floricultura especial, a de moças bonitas.

As festas nupciais de 1829 se foram. Tinham feito momentaneamente esquecer durezas de vida, a reaparecerem em plenitude amarga.

D. Amélia começou então papel de esposa e de madrastra. Nesta ultima qualidade ia desmentir o con-

ceito injusto em geral attribuido a madrastras papel odioso, quando tantas vezes as ha mães adotivas carinhosas.

Madrastra deste genero mostrou-se D. Amélia. Cuidou dos enteados, presidiu-lhes os estudos. Dona de casa, regou uma sem presidencia havia tres anos. A' mansa tinha de modificar, muito e muitos, providenciando, examinando, corrigindo, modificando, até o proprio marido.

Ao partir de Munique, D. Amélia ouvira conselhos maternos relativos a sua norma de conduta no Brasil—Minha filha, advertio a princesa Augusta—tenhas bem presente que, quanto possível, deves ser uma Brasileira.

O conselho ficou consignado em documento diplomatico. Procurando seguir o materno aviso, D. Amélia entrou a afastar D. Pedro de exclusiva influencia portugueza, aproximando-o da brasileira.

Dirigir D. Pedro não era facil, mas D. Amélia soube levar esposo enamorado. Os diplomatas estrangeiros bem o observaram. Um deles, Pouteis, o encarregado de negocios da legação francesa, da influencia de D. Amélia deu noticia ao seu governo ao ser composto o ministerio de 4 de Dezembro de 1829, nele só portuguez o ministro da Guerra, o general Valente.

Tudo—disse Pouteis—"atribuível mais a movimento de ternura conjugal do que a um ato de convicção pessoal.

Tres dias após a formação do ministerio 4 de Dezembro, D. Pedro foi vítima de queda ao virar um carro na rua do Lavradio, o veiculo guiado pelo proprio D. Pedro em direção a Botafogo.

Partido um eixo, espantados os cavalos, das mãos de D. Pedro fugidas as redeas, o vehiculo tombou, acidentando passageiros, D. Amélia, D. Maria da Gloria, o duque de Leutchenberg, irmão da imperatriz, com ela vindo ao Brasil.

Do desastre foi o imperador a vítima principal. Não podendo ser transportado para São Cristovão, ficou em casa do marquês de Cantagallo, na rua do Lavradio esquina da rua do Senado.

Coube a D. Amélia novo papel, o de enfermeira e o foi de fato, aquele papel caridoso não sendo para qualquer, pelo que exige de intelligencia alerta e paciencia continuada.

Após agudos padecimentos, voltou D. Pedro a São Cristovão, restabeleceu-se e ponde assistir á missa celebrada em ação de graças na igreja da Gloria do Outeiro, missa mandada rezar pela Guarda de Honra do Imperador.

Nos primeiros dias de 1830, D. Pedro estava apto a funções completas de chefe de Estado, mesmo em leito de dôres tendo se afastado de negocios publicos.

Em Janeiro de 1830 a situação mostrava-se desafogada. A propria imprensa oposicionista louvara o governo. Mas, para não perder costume, aquela imprensa caia de rijo sobre o defuncto ministerio antecessor do 4 de Dezembro de 1829, especialmente visado José Clemente Pereira.

A 20 de Janeiro um baile. Oferecia-o a Côrte a D. Pedro e D. Amélia, por motivo de suas recentes nupcias, e no paço do Senado. D. Amélia brilhou na festa, ganhando corações pela afabilidade de trato. Inaugurou dansas valando com o irmão Augusto, só de madrugada se retirando do baile ao qual presentes D. Pedro e as princezas D. Francisca e D. Paula.

Pouco depois do baile, D. Pedro e sua familia, fugindo a verão, subiram serra, a da vindoura Petropolis. Excursionando, ponde D. Amélia melhor apreciar a nossa natureza sempre esverdeada em primavera.

De regresso ao Rio, D. Amélia sofreu saudade. Partia para a Europa o irmão Augusto, no Brasil duque de Santa Cruz e grã-cruz do Cruzeiro a usar no uniforme de official bavaro, que envergára acompanhando D. Pedro em revista de tropa.

Já se insinuava no espirito do imperador a idéa de ir tambem á Europa a entronisar a filha, D. Maria da Gloria, desaposada de corôa portuguesa por D. Miguel ao tomar gosto de trono.

As poucas linhas da abdicação matutina do Sete de Abril puzeram fim ao Primeiro Reinado e á rapida permanencia de D. Amélia no Brasil, de Outubro de 1829 a Abril de 1831, chegada e partida para a imperatriz em condições bem diferentes.

Penosa para D. Amélia foi a retravessia de 1821. A 1.º de Dezembro desse ano nascia, em Paris, D. Maria

Amélia, filha unica que seria no segundo consorcio D. Pedro.

1834 e 1835 cobriram de luto D. Amélia. Em 1834 enviuvava, em 1835 perdia o irmão Augusto, casado já rainha de Portugal D. Maria II, só dous meses casada com o duque de Leutchenberg e de Santa Cruz.

Recasada D. Maria II, D. Amélia votou-se á orfã de pai. Deu-lhe afetos, sem se esquecer de instruir muito.

Nos dous sexos ha, porem, lição com dispensa professor, é a lição do amor. Ao coração de D. Amélia foi ter o amor de Maximiliano, o arquiducado vindouro imperador do Mexico, ao aproximado prenunciador casamento e possivel ventura.

Mas... Que terrivel adversativa! Residindo D. Amélia e a filha no Palacio das Janelas Verdes, em mavam transferir-se a veraneio para o Palacio de Caxias, pouco abaixo de Belem nas margens do Tejo, sitio em geral era escaldado, favoravel a rigores estive embora o palacio de recreio circundado de frondosa arvoredos a defenderem frescor, silencio e sombra.

Numa das estações em Caxias, D. Maria Amélia enfermou, debilitou-se, depois vítima de angina. Pelo parque do Palacio das Necessidades, agravou-se estado de saude da enfraquecida, por fim vítima da fãria tuberculose. Tentada mudança de clima na da Madeira, foi tudo inutil. A 4 de Fevereiro de 1841 a princesa brasileira, entregava alma virginal, á mão tão acostumada a colher almas virginaes.

Ficou a viver a desolada mãe, por vinte annos saudade. Observou-se que morta a filha, D. Amélia nunca mais rio.

Não lhe era dado isolamento completo, obria a comparecimentos officiaes em côrte de parentes, a retribuição de hospitalidade durante e depois do reinado da enteada, D. Maria II.

Em 1872 recebia D. Amélia a visita de D. Pedro a percorrer Europa. A reunião de madrastra e enteada devia em ambos despertar passado e mais passado. D. Amélia revia homem aquele do qual se despedira a manhã de Sete de Abril, inclinando-se sobre uma criança de cinco annos e pouco, adormecido na sua cama. D. Pedro II este achou-se em presença de quem algum tempo lhe tutelára infancia, só a desamparado ao ceder áquele "imperio das circumstancias" ás quaes aludiria D. Pedro II ao responder á comunicação de seu exilio.

O visitante de 1872 encontrava a visitada de precaria saude, minada por lesão cardiaca que datava de pouco depois da perda de estremecida filha.

A 26 de Janeiro de 1873 encerrava-se a vida da segunda imperatriz do Brasil, dele ausente mais de sessenta annos. Embalsamada, D. Amélia foi jázer no regio paço funerario de São Vicente de Fóra. Notou-se que ao enterro da imperatriz viuva comparecessem convidados não de presença costumeira em saimento de pessoas poderosas ou de estirpe, isto é, um acompanhamento de pobres, de asilados em casas de caridade.

Sobretudo por uma dotação que lhe era servida pelo Brasil, podia D. Amélia com estrita economia manter posição e subsidiar o hospital, existente até hoje que instituiu na Madeira, para tuberculosos, e em memoria de D. Maria Amélia.

Em 1863 a imperatriz testára, de proprio punho escrevendo em francês suas disposições de ultima vontade. Suas joias e os papeis do marido, D. Pedro I, legou-os D. Amélia a sua irmã Josefina, rainha da Suecia.

Por testamento deixou D. Amélia pensão para a educação de quatro descendentes do conde de Farnes, "em lembrança dos dinheiros por ele adiantados para fazer triunfar a causa de D. Maria II em Portugal."

Testamento olografo cerrado exige cinco testemunhas. Testando em 1863, D. Amélia escolheu uma significativa testemunha, o ministro do Brasil em Lisboa.

Abertas em 1873 as sigiladas disposições de ultima vontade de D. Amélia, foi conhecido o nome da testemunha escolhida pela testadora e morta quatro annos antes d'esta:

ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO
Barão de Itamaracá.



D. AMÉLIA DE LEUTCHENBERG
(Munique 1812 — Lisboa 1873)



que possuem ou possuem um cão fiel e sagaz e que deveras o amaram ou amam, não preciso explicar a natureza e a intensidade dos gozos que se podem tirar de uma afecção destas. No amor desinteressado de um animal; no sacrifício completo que nos faz da sua individualidade, há o que quer que seja de sublime, sobretudo para quem já teve ocasião de experimentar quão mesquinha e frágil é a amizade do homem natural.

Casem-se cedo, e como tive a felicidade de encontrar em minha mulher disposições simpáticas às minhas, a nossa coleção foi aumentada com um grande número de favoritos domésticos. Tivemos pássaros, um peixe dourado, coelhos, um cão lindíssimo, um macaquinho e um gato.

Este último era um animal notavelmente belo e forte e de uma sagacidade tão

pouco magadan) começou a experimentar os efeitos da minha metamorfose.

Uma noite, como eu voltasse muito bêbado, de uma dessas tabernas que habitualmente frequentava, imaginei que o gato fugia de mim. Corri atrás dele e agarrei-o, mas o pobre animal, espantado com a minha brutalidade, mordeu-me levemente na mão. Levado ao suge do furor, não me conheci mais. A minha alma original pareceu fugir, de repente, para dar entrada a uma perversidade hiperdiabólica, saturada de "gin", que me penetrou até a medula dos ossos. Tirei um convete da algibeira, abri-o, e agarrando o desgraçado gato pelo cachoço tirei-lhe deliberadamente um olho!

Hoje corajo tremo de vergonha e de horror, ao escrever esta atrocidade abominável.



O GATO PRETO

COM respeito à história singularíssima que vou escrever, não espero nem solicito a crença do leitor.

Realmente, seria loucura esperá-la num caso em que eu mesmo não posso acreditar no que vi. Entretanto, não estou doendo se por certo que não sonho.

Vou morrer amanhã; por isso quero hoje descarregar a consciência. O meu designio imediato é patentear ao mundo, clara, sucintamente e sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos; acontecimentos terríveis, cujas consequências funestas me conduziram ao aniquilamento. Não tentarei, porém, explicá-los: para mim não encerram senão horror! Muitas pessoas achá-lo-ão mais extravagantes que terríveis. Um dia, aparecerá talvez, alguma inteligência que reduza o meu fantasma à classe dos objetos comuns: uma inteligência mais tranquila, mais lógica e muito menos excitável que a minha, a qual não verá nas circunstâncias, que narro com pavor, senão uma sucessão ordinária de causas e de efeitos muito naturais.

Na minha infância e mesmo depois, fui conhecido por uma humanidade de caráter e por uma sensibilidade tão excessiva que chegava a fazer de mim o joquete dos outros rapazes. Pelos animais, sobretudo, tinha uma ternura particular. Meus pais tinham-me dado licença de possuir uma grande variedade deles e eu passava a maior e a melhor parte da minha vida a tratá-los e a afaçá-los. Aqueles

maravilhosos, que minha mulher (que não era de toda destituida de superstição), falando da sua inteligência, aludia muitas vezes à antiga crença popular, que considerava os gatos pretos como felicitas disfarçadas.

Plutão (assim se chamava o gato) era o meu valido e o meu camarada. Não comia senão pela minha mão; andava sempre atrás de mim por toda parte, e, mesmo na rua, não era sem custo que o impedia de me seguir.

A nossa amizade durou assim muitos anos; mas por fim, o meu caráter pela maldita influência da intemperança, envergonho-me de o confessar, sofreu uma alteração radicalmente má. Tornei-me tristonho, irritável e de dia para dia mais indiferente aos sentimentos dos outros. Comecei a tratar brutalmente minha mulher, chegando até, algumas vezes, a infligir-lhe violências corporais. Os meus favoritos, como era natural, tiveram também de estranhar aquela mudança de caráter. Uma vez esquecia-me deles, outras vezes maltratava-os. Quanto a Plutão, esse inspirava-me ainda certa consideração, que me coibia de o tratar mal, enquanto que aos coelhos, aos macacos e ao cão, não tinha escrúpulo algum de os maltratar, quando por acaso ou por amizade se apresentavam diante de mim. Mas o terrível mal atacava-me cada vez mais (qual é a paixão que possa compararse à do álcool!) e por fim o próprio Plutão, a quem a velhice ia tomando um

Na manhã do dia seguinte, dissipados os fumos da orgia noturna, senti uma sensação, ao mesmo tempo de horror e de remorso, pelo crime que havia praticado; mas foi apenas uma sensação fraca e equívoca, que nem mesmo chegou a atingir a alma. Novamente mergulhado nos excessos, não tardou muito que tivesse afogado no vinho até a lembrança da minha má ação.

Entretanto, o gato foi-se curando a pouco e pouco; a órbita do olho vasado apresentava sempre um aspecto repugnante, mas parecia não fazê-lo sofrer. Como era natural, Plutão fugia agora de mim com extremo terror. A princípio, aquela antipatia evidente da parte de uma criatura que me amava com tanta dedicação, afligiu-me um pouco, porque na minha alma havia ainda um resto da antiga doçura. Mas a irritação sucedeu depressa a aquele sentimento. E então apareceu, para minha ruína final e irrevogável, o espírito da Perversidade.

A filosofia não se preocupa com esta tendência; contudo (tão certo como a minha alma existir), creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das primeiras faculdades ou sentimentos indivisíveis, que atingem o caráter do homem. Não há ninguém que não se tenha surpreendido, com vezes, a cometer uma ação tola ou vil unicamente por saber que não a devia cometer. Todos nós temos, não obstante a excelência da nossa raciocínio, uma

inclinação perpétua para violar a lei, única e simplesmente por ser a lei. Este espírito de perversidade, digo, veio causar a minha queda final. Foi este desejo intenso, insondável, que a alma sente às vezes, de se torturar a si própria; de violentar a sua natureza; de fazer o mal, só pelo amor do mal, que me levou a continuar e por fim a consumir o suplício do pobre gato inofensivo.

Uma manhã, a sangue frio, atei-lhe uma corda ao pescoço, com um nó corredio, e enforquei-o no ramo de uma árvore.

Enforquei-o, com os olhos arrasados de lágrimas e o remorso mais pungente no coração. Enforquei-o por saber que me tinha amado e por conhecer que não me dera a menor razão de queixa. Enforquei-o por sentir que, procedendo assim praticava um pecado; um pecado mortal, que comprometia a minha alma imortal, a ponto de a lançar (se tal fosse possível) para além da misericórdia do Deus Todo Misericordioso.

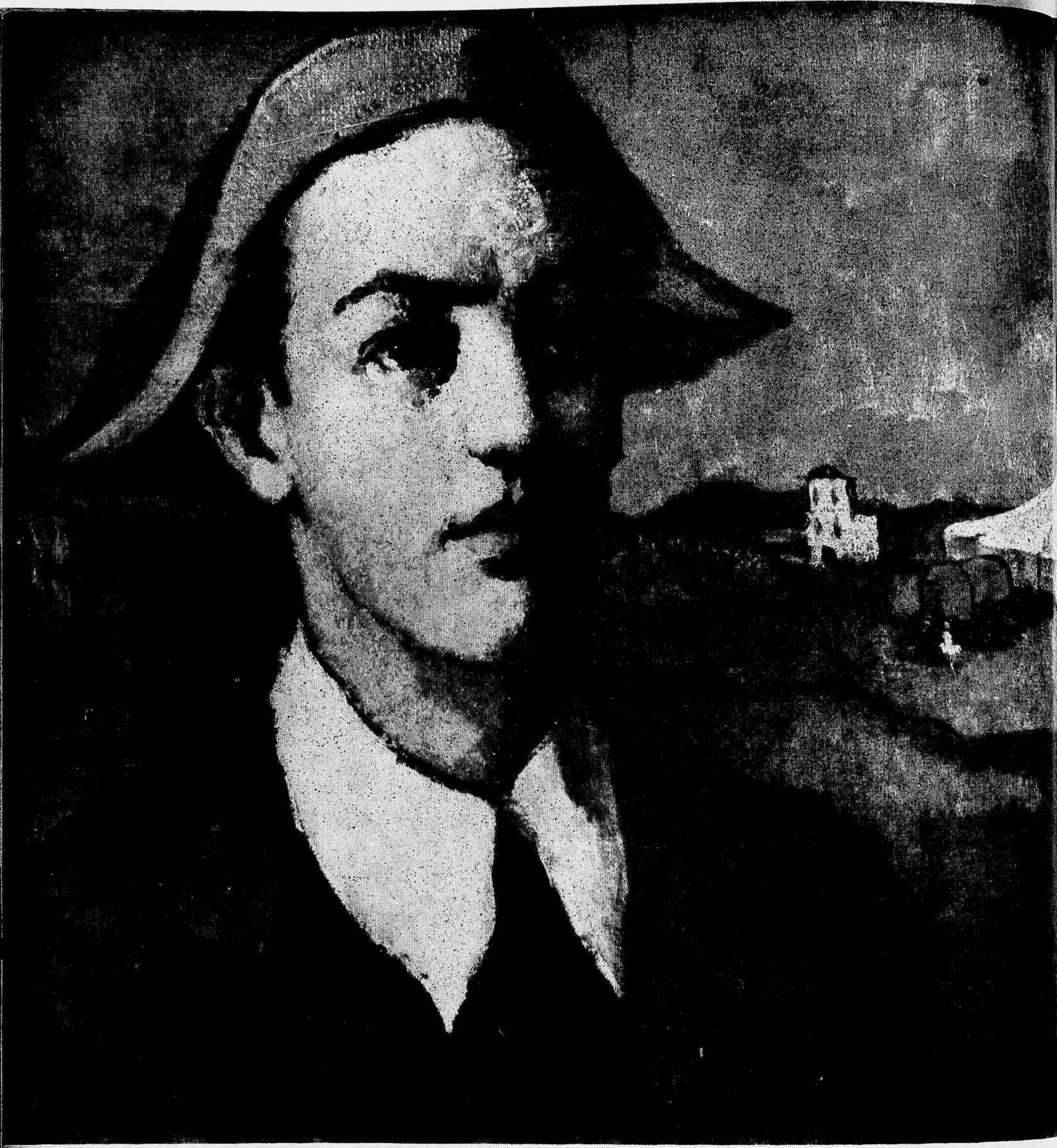
Na noite seguinte ao dia em que cometi aquela ação cruel, acordei em sobressalto ao grito de: "Fogo!"

As cortinas do meu leito ardiam já, e toda a casa estava em chamas. A destruição foi total. Apenas escapámos do incêndio eu, minha mulher e um criado. Toda a nossa fortuna ficou submergida.

O meu desespero foi completo.

Não procuro estabelecer ligação de causa e de efeito entre a atrocidade e o

(Continua na pág. 49)



"Arlequim", pintado por Malagoli em New York. Este quadro constitui uma das melhores peças da arte expressionista moderna e tem sido considerado uma obra-prima por todos quantos já o admiraram.

Um pintor brasileiro em Nova-York

ERA preciso aproveitar bem os poucos meses de estadia em Nova York. Viagem assim não se tem sempre. Eis por que quando se me oferecia oportunidade de conhecer pontos de interesse da grande metrópole, eu não titubeava. Certo dia, veio-me um convite para visitar a Universidade de Columbia, quase na ponta norte de Manhattan, bem "uptown" — cidade de cima. Aceitei-o, satisfeitiíssimo.

E lá fui. Mais um pouco e teria penetrado nos domínios do Harlem, o famoso bairro da gente "colored" de Nova York. Chegando àquele grupo de edifícios de tijolos escuros e percorrendo os blocos mais interessantes da famosa "University", visitei os seus principais departamentos. Já me dispunha a voltar "downton", quando alguém me chamou pelo nome. Numa terra estranha, ouvir o próprio nome, pronunciado assim inesperadamente, é sentir um susto.

Voltei-me. Era Beatriz Schaffran, funcionária do Escritório dos Assuntos Inter-Americanos, atualmente em visita ao Brasil, que saía do "atelier" de Ado Malagoli, onde acabava de posar para o vencedor do Salão de 1942, agora nos Estados Unidos, desfrutando o seu prêmio de viagem.

Feitas as apresentações, pois ambos nos conhecíamos apenas de nome, descemos juntos para o Radio City, onde está a National Broadcasting Company e onde eu teria depois um programa para o Brasil. Aproveitei, pois, os poucos minutos de "subway" para uma rápida palestra com o pintor de "Repouso", "Juventude" e tantas outras telas já conhecidas dos brasileiros e que atualmente faz um curso de "História da Arte" na Universidade de Nova York. Curioso, como se fôsse realmente um reporter, comeci as interrogativas:

- Então, Malagoli, desde quando está aqui?
- Desde janeiro do ano passado.
- E vai se demorar ainda?
- Até o fim deste ano.
- Tem aproveitado bem a estadia nesta grande terra?

Foi a pergunta que o provocou. A resposta veio com um largo entusiasmo pelo país que o acolheu tão cordalmente. E Malagoli, num sotaque bem "à paulista", traindo

o araraquense, falou das viagens feitas às principais cidades norte-americanas, a convite do Departamento do Estado. Referiu-se aos museus, às coleções de arte, aos pintores da América e aos que lá se radicaram. Falou de quanto viu e observou. Do "Mary Stuart Garden", de Boston, dos museus de St. Louis, de Chicago e, principalmente, do que encontrou em Kansas City, ao qual dispensou os mais vivos elogios.

Travou conhecimento pessoal com vários pintores e sentiu a beleza da arte de muitos outros. Inúmeros deles estrangeiros, em grande parte já naturalizados. Malagoli citou nomes que me escapam no momento. Dos americanos guardei dois, dos que mais o impressionaram: Whistler e George Belows.

Dêsse ponto, a palestra começou a fazer viagens de ida e volta ao Brasil. De permeio com impressões norte-americanas, vinham sempre coisas "da terra", à qual o pintor patricio fez frequentes e carinhosas referências. A palavra saudade foi prodigamente empregada. Interessei-me, então, pelos primeiros momentos do artista:

De CELSO GUIMARÃES, especial
para a "REVISTA DA SEMANA"

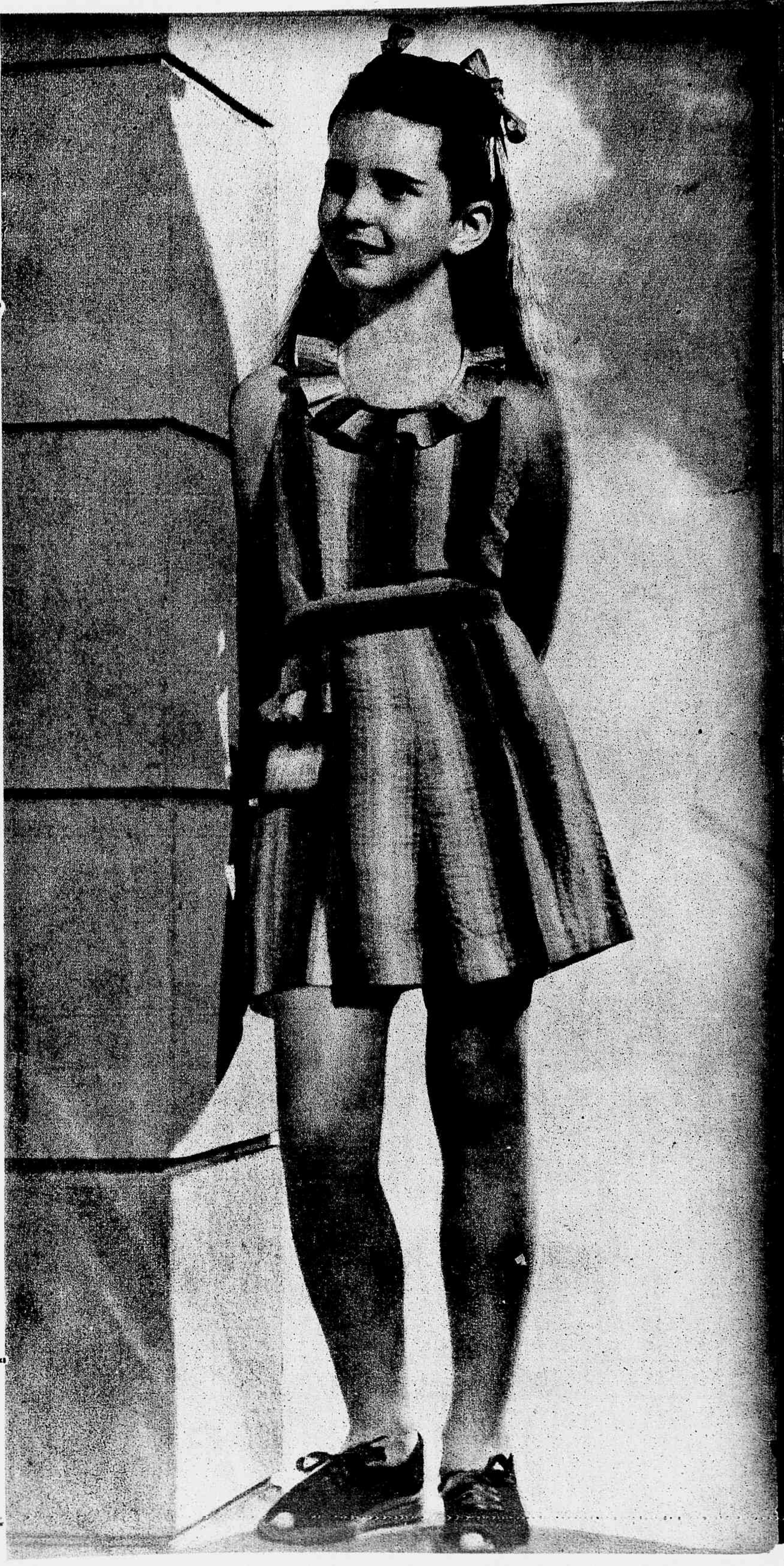
NOS BASTIDORES FEMININOS

SEU filho dorme e você o contempla com uma expressão envolvente e profunda que só o olhar das mães é capaz de conter. E contemplando a pequenina criança você se põe a sonhar com o seu futuro. E imagina um milhão de coisas esplêndidas, uma infinidade de quimeras risonhas para o seu futuro. Como se estivesse a escutar aquela célebre madrinha maravilhosa dos contos de fadas, que estendia o braço sobre os berços dos príncipes e lhes prometia tôdas as grandezas dêste mundo, você sorri às coisas boas e triunfantes que estarão à espera de seu filho. E pensa que ele será bom, cavalheresco, honesto, perfeito em todos os sentidos. E permanece, enlevada, sonhando de olhos abertos com a bondade e a beleza de seu filho?

E' preciso, porém, que você, dentro da imobilidade dêsse sonho, assuma um compromisso enorme para consigo mesma. Que êsse momento de enlévo em que você se entrega ao seu devansio maternal diante dessa criança adormecida, seja uma hora sagrada, e assuma o aspecto religioso de um momento quase divino e você prometa a êsse pequenino ser que Deus lhe confiou, fazer dêle a criatura capaz dos triunfos e das perfeições que o seu anseio maternal lhe está antecipando. E' preciso que você se lembre que a realização destas visões grandiosas, que a construção dêsse sonho tão lindo, dependem em grande parte de você que vai educar o seu filho, que o irá guiar, que lhe dará o bom exemplo, que lhe fornecerá o ambiente necessário à formação do seu caráter e ao desabrochar da sua alma. Você e nenhuma outra é que deve ser a madrinha milagrosa, a Fada poderosa cujas mãos irão semear pelo caminho que o seu filho vai palminhar, a sementeira prodigiosa capaz de abrir a seus pés tôdas as flôres da perfeição que o irão levar ao triunfo e à felicidade!

Jesy Barbosa.

Aqui está Margaret O'Brien, da Metro, apresentando-nos um gracioso traje esportivo em linho amarelo e marron. Babadinhos em volta do bolso e do decote. Observem a novidade interessante da saia-calça neste traje infantil.





A PEQUENA MARGARET

Chama-se Margaret O'Brien e apareceu em um papel que seria de menor relêvo se não tivesse a interpretá-lo uma artista de sua sensibilidade. Foi, naquele ano, a grande revelação da temporada, e no entanto não contava mais de seis anos de idade. Traduzia todo o seu drama interior, o de uma criança que havia conhecido de perto os horrores de um bombardeio em cidade aberta e externava o seu sofrimento em uma violenta crise de choro. Desde então impôs-se e tem voltado em papéis de outro feitio, sempre marcados com o traço inconfundível excepcional os modelos que damos nestas duas páginas. Ao alto, Margaret O'Brien com as suas clássicas tranças que lhe sublinham tão graciosamente a singela beleza. Ela nos oferece um interessante traje esportivo em "rayon" azul-escuro e rematado com bordado inglês ocre. Aqui à esquerda, outra sugestão da juvenil artista. Na página em frente, observem a graciosidade do vestido que ela apresenta. Confeccionado em linho grosso, lindamente ornamentado com entremelos bordados cujas mangas, de corte original, lhe dão um cunho bastante bizarro, aí temos a pequena atriz, que certamente repetirá, no tela, por muito tempo, os sucessos de Shirley Temple, Deanna Durbin e Judy Garland, talentos precoces também do cinema de ontem, hoje convertidas em grandes expressões de comediantes dramáticas ou muito enveredadas. Margaret O'Brien segue a mesma linha. Ela promete manter-se em auge de dadas purezas por muito tempo e a mais querida do seu público.

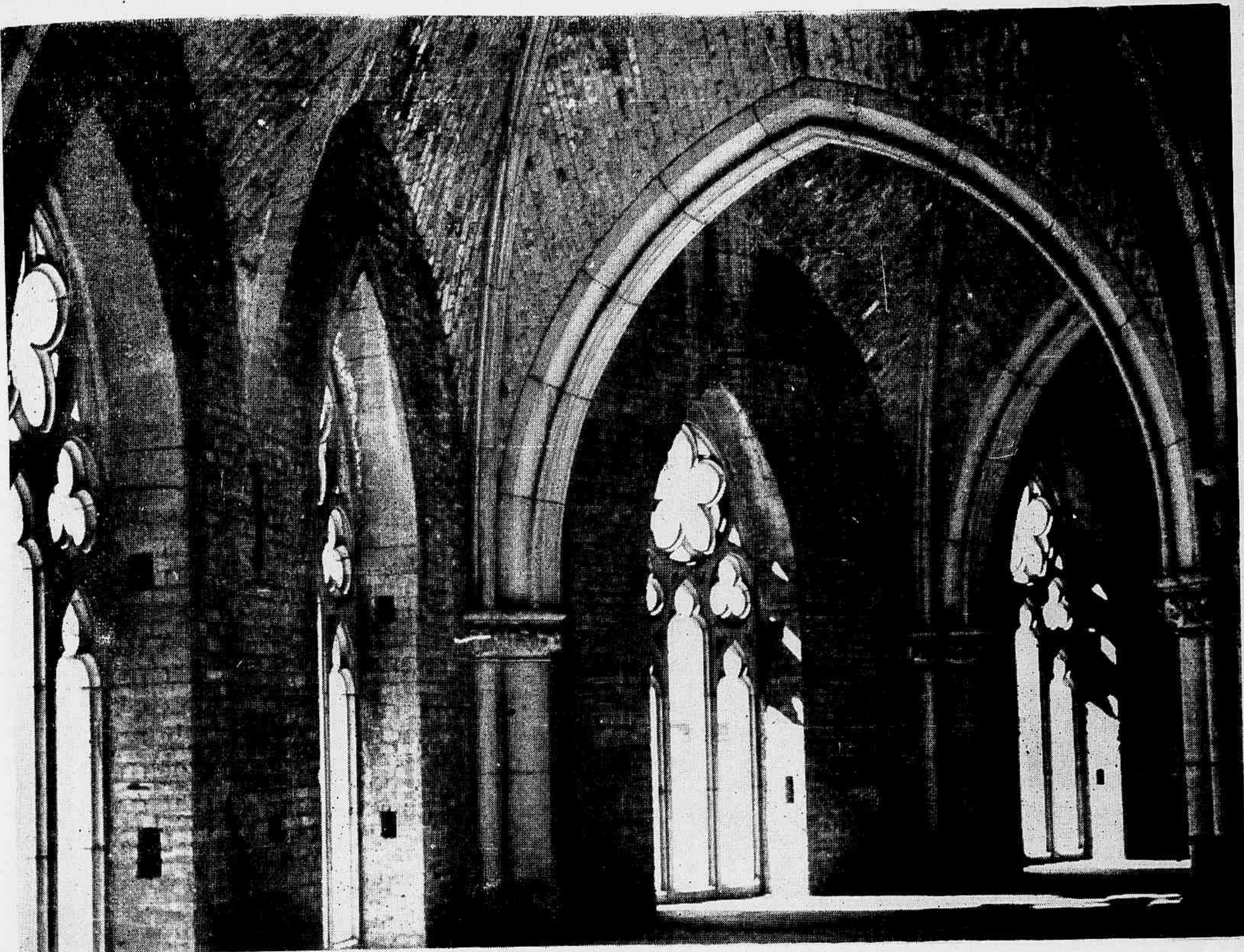




PENTEADOS

Adele Jergens apresenta-nos três aspectos de um penteado originalíssimo, que tanto pode ser executado com as loiras tranças de uma jovem, misturadas a uma trança negra, como pode ser tecido sobre a cabeça outonal de uma senhora elegante, a cujas madeixas se mistura o negror de uma trança artificial. É realmente encantadora a idéia desse penteado apresentado pela linda artista da Columbia.





AS OBRAS DA CATEDRAL DE SÃO PAULO

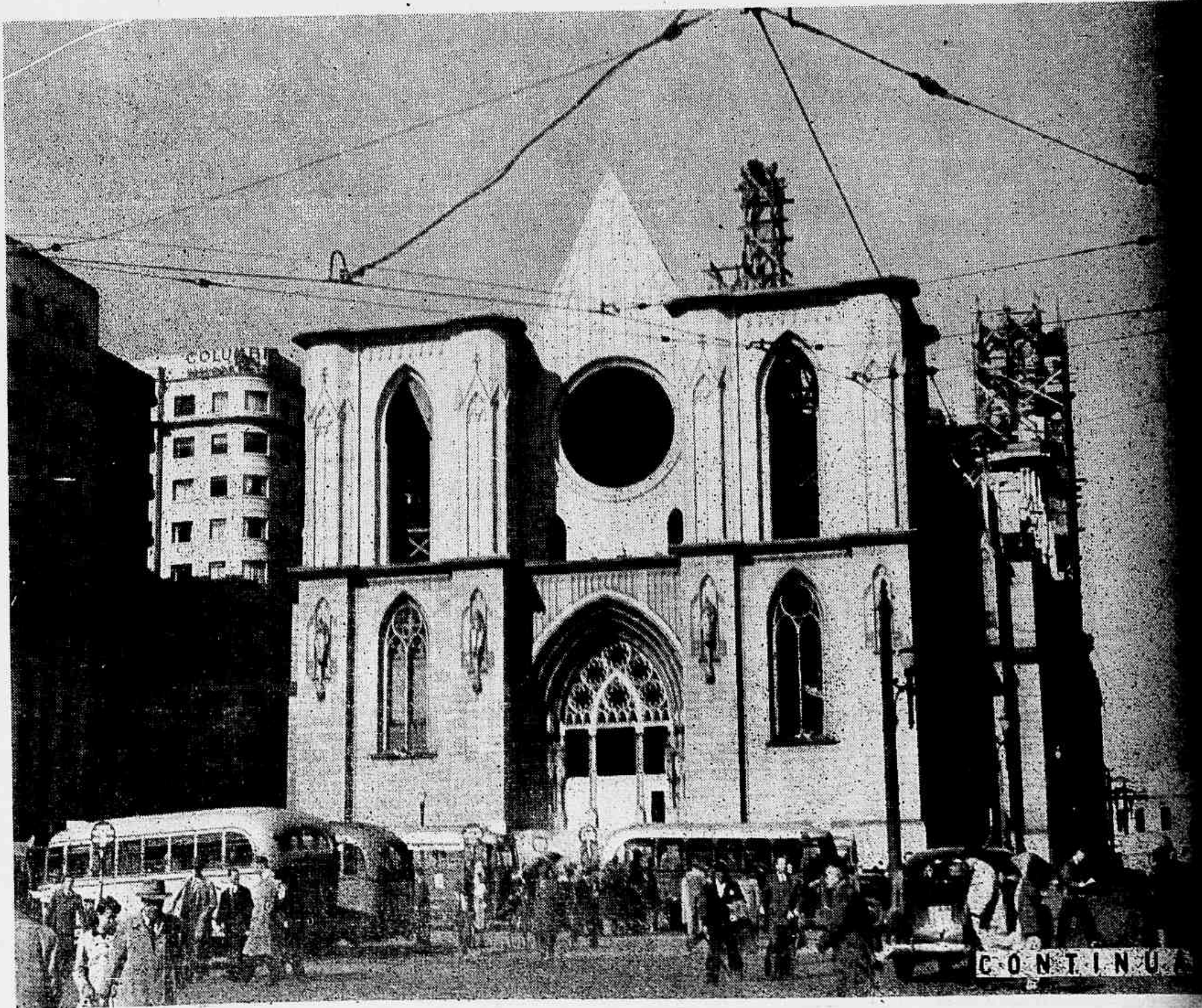
SÃO PAULO continua a marcha vertiginosa para o progresso. O triângulo central está inscrito num círculo onde se agita uma população apressada, na ânsia de construir sempre com maior velocidade.

Do dia para a noite a silhueta de novos arranha-céus se recortam contra a luz clara do sol de Piratininga. E continua São Paulo a crescer, ao som das picaretas e máquinas motoras.

No centro da cidade ergue-se, porém, o mais velho edifício da Capital Bandeirante, hoje completamente remodelado — a Catedral. A velha Sé, de linhas arcaicas e interior colonial, já não existe. Desde 1913 os paulistas iniciaram a construção da nova igreja, cuja massa arquitetônica domina agora toda a praça fronteiriça.

Há já 32 anos, portanto, se constrói a Catedral de São Paulo, e pensam as pessoas ligadas aos meios católicos paulistas que ainda transcorrerão mais vinte anos antes que se dê por terminada a obra.

A nova igreja cobre uma área de 6.000 metros quadrados e ali se encontram 30



CONTINUA

capelas mortuárias, nas quais repousam os restos mortais do regente Diogo Fátima do carique Tibirigá e de Fernão Dias Leme, o "caçador da esmeralda".

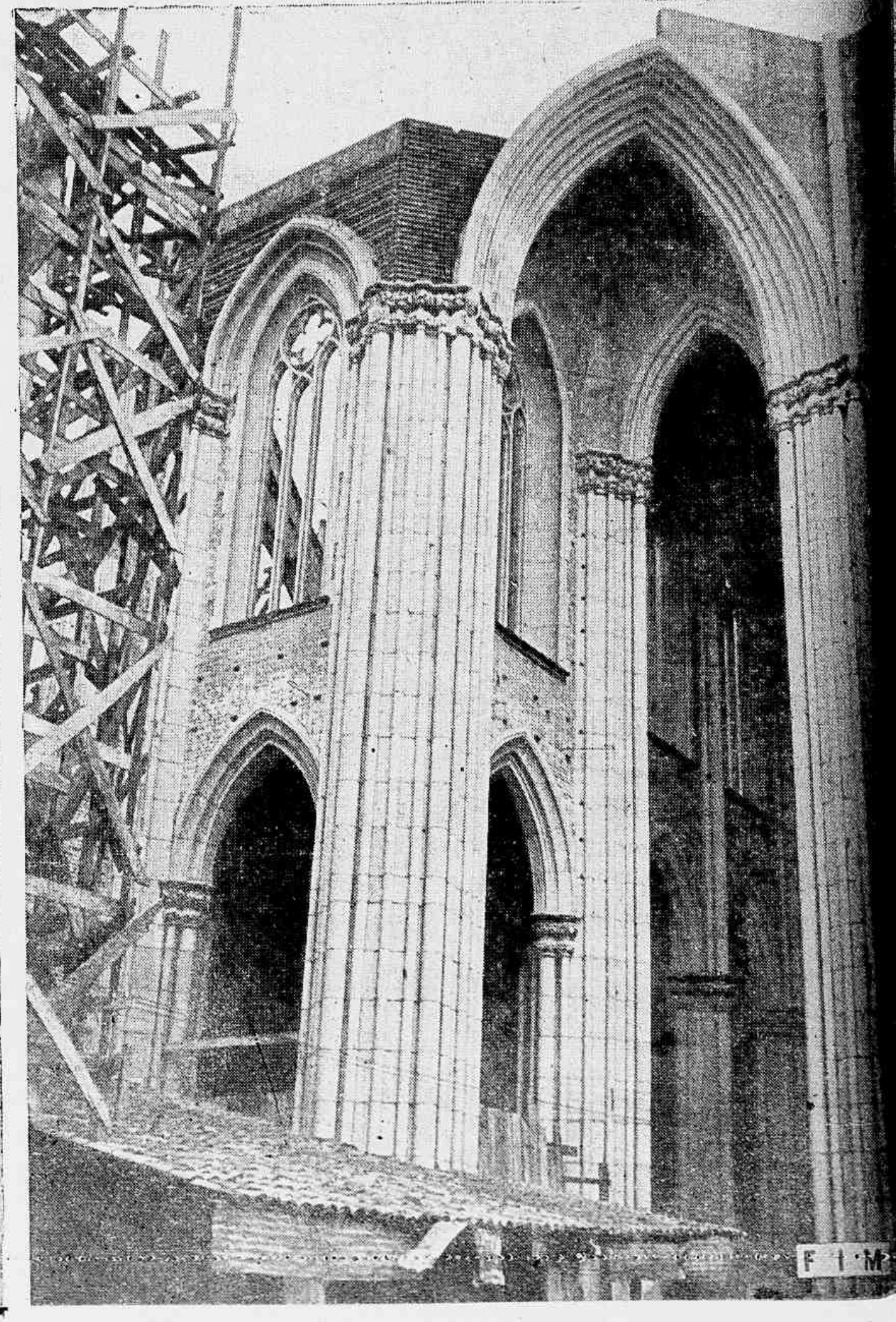
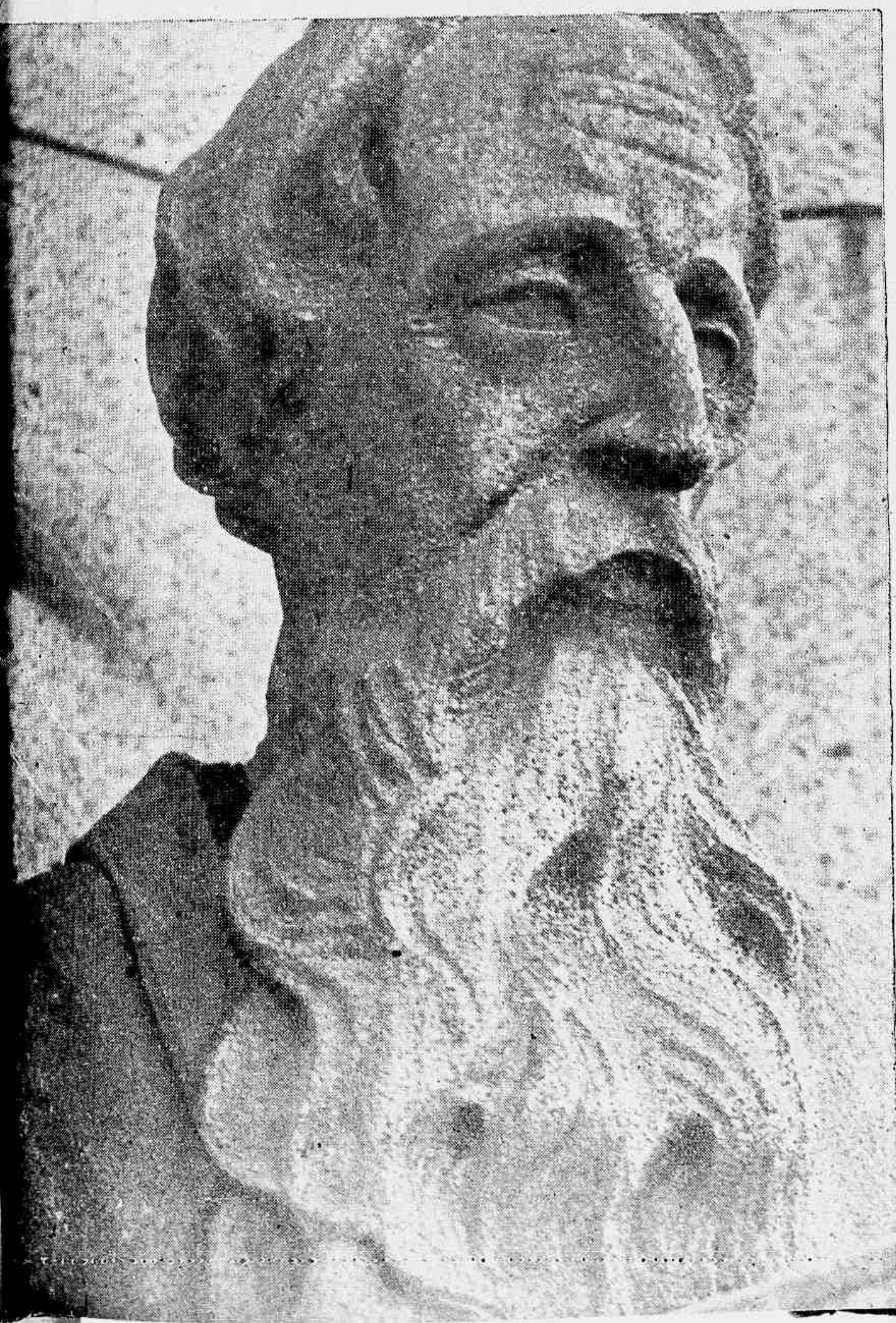
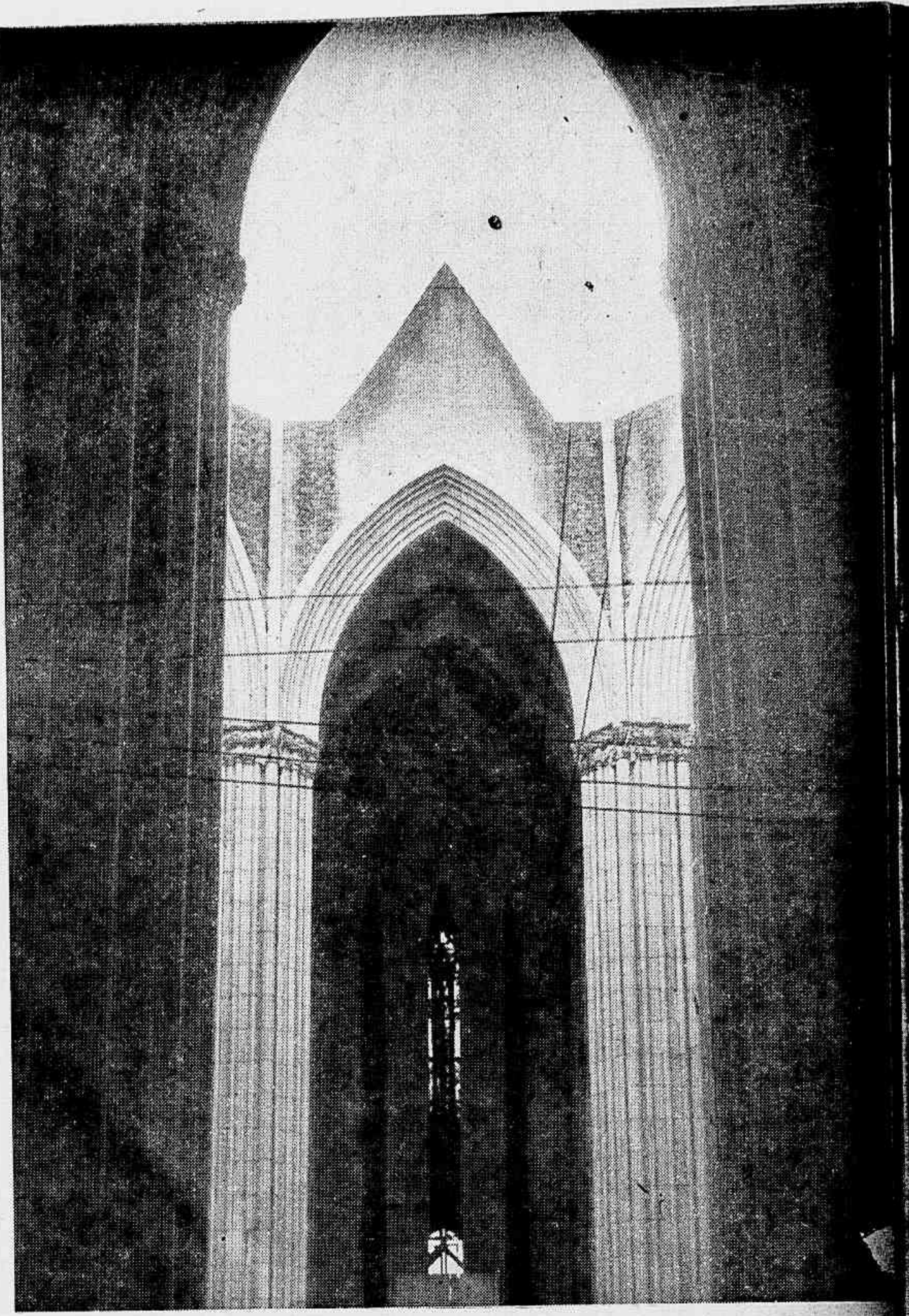
Em 1926, já haviam sido preparados e assentados na Catedral 3.934 blocos de granito, pesando cada um de meia tonelada e meia toneladas. O altar-mor é coberto por 18 abóbadas, e só nele foram empregados 180.000 tijolos. Por aí se pode ter uma idéia da imponência da grande obra.

A direção técnica da construção foi confiada, primitivamente, ao engenheiro Maximiliano Hehl, professor da Escola de Engenharia e, com a morte deste, assumiu o posto o engenheiro Alexandre de Albuquerque. As obras de escultura estão sob o cargo de 21 técnicos sob a direção do escultor José Cucê, sendo de notar que todos os ornatos e capitais de colunas são baseados em motivos da flora e fauna brasileiras.

Continuando com a série de publicações de aspectos da Capital Paulista que estamos apresentando, escolhemos para ilustrar as páginas da REVISTA DA SEMANA neste número alguns apontamentos fotográficos da Catedral em construção que se ergue agora onde outrora se levantava um dos mais antigos templos do Brasil.

Ao fundo da praça da Sé se edificou este colossal bloco arquitetônico, traçado em pura linha gótica, apresentando aspectos típicos de igreja européia em seus detalhes interiores, entre os quais não podemos deixar de mencionar o grande pátio interno, que se abre ante os monumentais arcos ogivais ladeados de colunas brancas.







**CABE À SRA. PROTEGÊ-LOS
CONTRA O**

Inimigo Invisível

**A preocupação máxima
das mães é a saúde e a robustez
dos filhos**

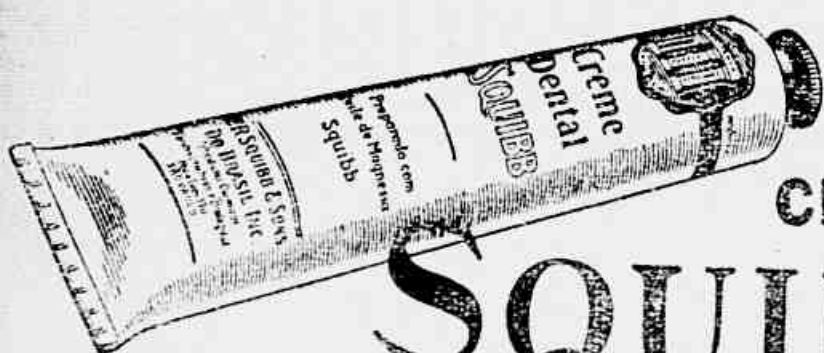
Mas... a sra. sabia que um "Inimigo Invisível" poderia estar agindo dentro da boca de seus filhos... conspirando contra eles... constantemente?

Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não respeita nem idade nem as esperanças dos pais. E, agindo continuamente, pode causar a cárie dental. Por isso, é AGORA que a sra. deve ensinar seus filhos a combater o "Inimigo Invisível", limpando os den-

tes com regularidade. Use o Creme Dental Squibb duas vezes por dia.

O Creme Dental Squibb limpa os dentes com segurança e eficiência — deixando na boca uma sensação agradável de frescura e limpeza de que até as crianças gostam.

O Creme Dental Squibb é mais do que um simples dentífrico. Contém Leite de Magnésia Squibb, anti-ácido seguro cujo contato neutraliza a acidez bucal.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

1003

Livros

CAVALEIRO ANDANTE, poesia de Artur Ragazzi — Belo Horizonte, 1945.



O Sr. Artur Ragazzi faz versos à maneira antiga, e diz: eterna. Daí lhe veio talvez a idéia do batismo de a este livro. A Cavalaria que nas presentes páginas se encontra nada tem com a Andante ou Errante — a qual, no entender dos historiadores, só existiu na imaginação dos romancistas. O Sr. Ragazzi a si mesmo se armou cavaleiro, e dum ideal, mas do próprio ideal. A sua dama é a Poesia. Não se bate por Dulcinea, faz-lhe versos, o que, sem dúvida, pois de Cervantes, é a melhor maneira de a amar e servir. E não deixa de a defender, por esse modo, contra as ofensas daqueles que, alegando render-lhe homenagens inéduas, não fazem senão não atender e contra a sua nobreza e a harmonia.

Por efeito do seu amor arrebatado à Poesia, em todo o Sr. Artur Ragazzi a encontra e busca. A primeira parte do livro compõe-se de poemas ardentes à formosura, à opulência, a todas as privilegiadas virtudes que o Cruzeiro do Sul abençoa. Celebra a grandiosidade dos panoramas, a bravura, a loaldade, da gente. E canta a aventura dos que vão à terra longínqua da Europa bater-se pela terra brasileira. A segunda parte da obra reflete estados de alma, em que não raro domina a vida ou a nostalgia. Fala-se da luz melancólica da tarde, da toada plangente dos sinos. Outras páginas, porém, se impregnam de júbilo. E todas essas variantes do espírito do sentimento se resumem no belo soneto *O amor*.

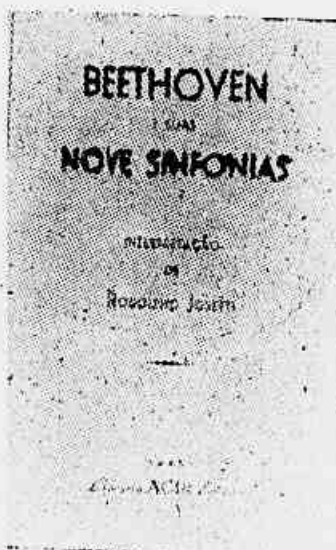
*O amor!... Dante e Beatriz — dinâmica potência
Que rege terra e céu com singular magia;
do espírito de Pan tens a divina essência,
E's tudo e nada e luz e sombra e noite e dia.*

*E's a esfinge do real, a suave harmonia,
O mistério de Deus, o juror, a prudência;
Cristo e Judas, perdão, ódio, vilania,
Desesperança, fé, perversão e inocência.*

*E's luta e inércia e vida e morte e ira e bondade,
Poema que Adão cantou, lançando a paz e a guerra,
No peilo universal da eterna humanidade.*

*E's Buda, Visnu, Civa, e Brama — o deus fecundo!
A alma celestial que vibra sobre a terra,
O invencível poder, que agita a alma do mundo!*

BEETHOVEN E SUAS NOVE SINFONIAS, interpretação de Rodolpho Josetti — Livraria Agir, editora — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Rodolpho Josetti empreendeu pelo Rádio uma tarefa excelente de educação musical. De educação na mais ampla extensão do termo. Veio ensinar aos amantes da música, sinceros e devotados no seu culto mas sem a ilustração técnica exigida por certas obras para sua verdadeira compreensão, a melhor maneira de ouvir as sinfonias de Beethoven.

Sem dúvida, toda a gente, e ainda nos casos da mais singela emotividade, experimenta o poder envolvente e penetrante, o domínio magnífico daquelas criações inconfundíveis. Ali, como em tantas realizações da poesia, da pintura, da escultura, o talento e a arte se conjugaram na expressão absoluta. Atingiram a forma suprema e o êxito universal, quer dizer: lograram o efeito de se impôr a todos os que as escutem ou contemplem. Se o intelecto não vai tão alto que encontre o caminho e a origem de tal inspiração, o sentimento trabalha por ele. Pelo coração, o indivíduo de mentalidade modesta pode como que adivinhar. E o artista que assumiu aquela espécie de prestígio, dela se pode orgulhar como das homenagens prestadas pelos competentes e porventura ainda mais que dos louvores ditados pela erudição.

Mas o triunfo obtido sobre os humildes não parece ao Sr. Rodolpho Josetti bastante — para os próprios humildes. Quer que estes se não limitem a amar e venerar em virtude do alvoroço ou enlevo religioso que as manifestações geniais determinam na sua intimidade. Tratando de Beethoven e das suas sinfonias, imagina o Sr. Josetti e imagina muito bem, que, por efeito daquela beleza augusta e complexa, ora monumental ora filigranada, com altíssimas colunas e os brincados mais sutis, o simples ouvinte, todos nós fiquemos atordoados, perdidos, como que afogados no próprio sentimentalismo. E embora citando Anatole France, Oscar Wilde, e persuadido como eles de "não ser pela reflexão, pela inteligência que se atingem as verdades mais altas e mais puras" ou de que "a arte não deveria ter mais sentimento que o da sua beleza nem mais técnica do que aquela que NÃO se pode observar" — não procede o autor do presente livro de acordo com semelhantes teorias. Não nos abandona à possibilidade ingênua de chegar, pelo instinto humano, pelos nervos mais ou menos vibráteis, até onde Beethoven se alteou, para meditar, sofrer e realizar. Por isso mesmo e embora, por um momento, no seu prefácio, se manifeste diversamente, é que o Sr. Rodolpho Josetti sonhou e organizou com intensa e metódica aplicação, pronunciou finalmente as nove preleções reunidas neste livro. Preleções dizemos, no sentido escolar do termo, porque nos preparam para bem aprender as grandes lições beethovenianas. E não nos parece de mais repetir aqui, como recentemente recordamos alhures, este ensinamento das enciclopédias: a palavra "música" vem de "musa", que significa também, e principalmente, "pensar".

Ampliado nas suas linhas gerais e enriquecido de dados informativos como de reflexões pessoais, o plano das primitivas palestras para o Rádio agora nos expõe e explica de maneira muito mais proveitosa as circunstâncias materiais e morais, todas as condições históricas e psicológicas que contribuíram para formar e levar ao apogeu a original individualidade do músico de Bonn. Por estas páginas sempre ficaremos conhecendo melhor aquele que foi Criação e Revolução, destruindo normas e princípios clássicos e pondo em seu lugar as esplendorosas inovações, perturbadoras a princípio, porém mais tarde respeitadas, consagradas pelos aplausos fervorosos do mundo. Entre os grandes problemas e as surpreendentes soluções de que se ocupa o Sr. Rodolpho Josetti está o caso das "quintas", a propósito do qual o autor de *Beethoven e suas nove sinfonias* poderia ter citado a cena da peça em verso de René Fanchais, *Beethoven, cena em que um personagem, convencido e maravilhado, proclama:*

*Par ordre exprès de ton génie,
Les quintes ne sont plus des fautes d'harmonie!*

[illegible]

ATTORNGEO VERKÖP
Kontingens för 1884 af de Rikshögskolan
GEOGRAFIA DO
DISTRITO FEDERAL

 $J, L,$

Recebemos o n.º 2 de 1945 do ano II (2.ª fase) do mensário "Política" que se edita em S. Paulo.



TINTURA FLEURY

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO**

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILIMA:

• Peça ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 46 - Sab. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado

R S



"SAL DE FRUCTA"

ENO



A esquerda — Num traje apropriado às horas íntimas do lar, Anita Louise aqui está mais uma vez, apresentando-nos um lindíssimo blusão de seda espessa marchetado de lantejoulas, cujo talco é de uma perfeitíssima elegância.

A direita — Anita Louise, em póse esplêndida, apresenta-nos agora um lindíssimo traje de gala, onde se presente a inspiração das túnicas gregas. A sua beleza serena realça otimamente a distinção desta magnífica toilette.



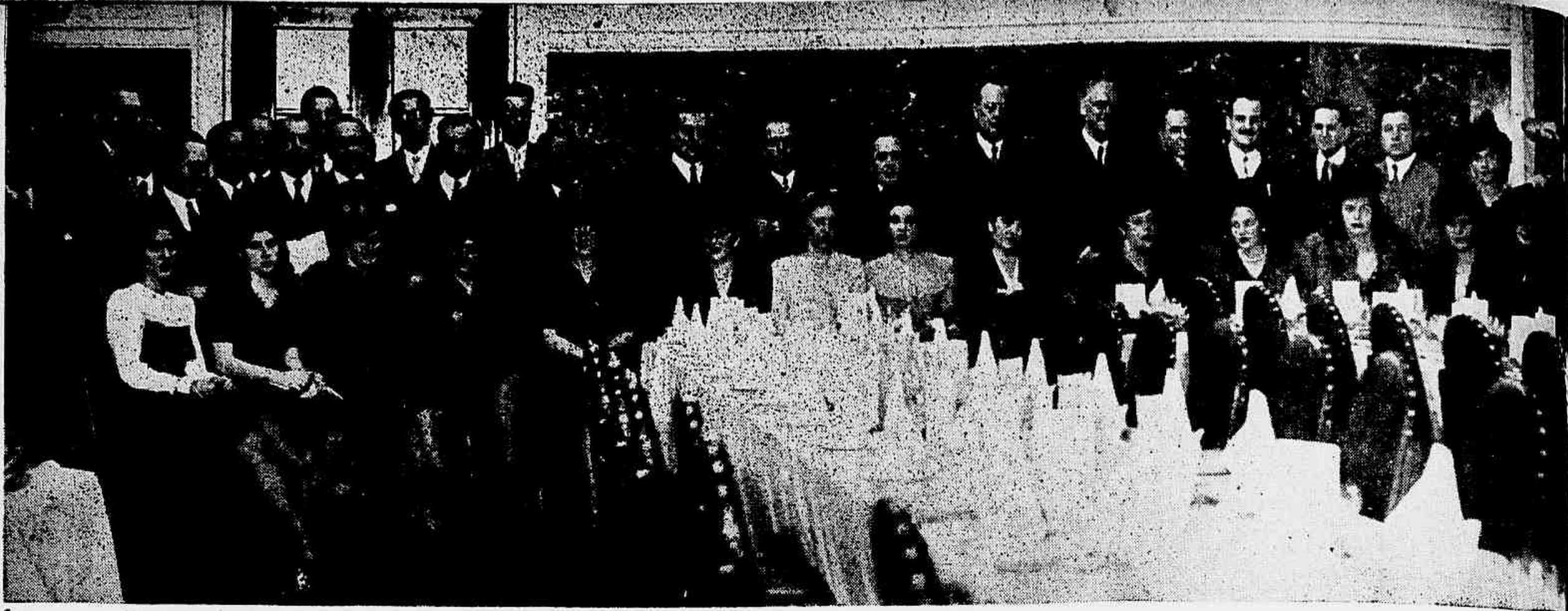
A MODA VEM



DE HOLLYWOOD

A esquerda — Anita Louise apresenta-nos um traje bastante gracioso, onde se harmonizam o preto e o branco. O pequenino chapéu, em estilo "beret", é de uma graciosidade encantadora.

A direita — Apreciem o gracioso conjunto para viagem apresentado por Irene Dunne. O veuzinho que lhe cai sobre os ombros, empresta uma nota nova e petulante a essa "toilette" ideal para uma excursão ou para uma corrida de automóvel pelas estradas do Rio de Janeiro. (Fotos Columbia).



Durante a segunda quinzena do mês de julho realizou-se na Universidade de Porto Alegre um curso de "Neuro-Cirurgia" sob a orientação do professor Elyseu Paglioli, catedrático de Clínica Cirúrgica e conhecido neuro-cirurgião brasileiro. Além dos professores brasileiros da mesma Universidade, levaram sua valiosa cooperação ao referido curso vários eminentes professores estrangeiros que, convidados oficialmente pela Universidade e pela Faculdade de Medicina, foram hóspedes oficiais do governo gaúcho, com a exclusiva finalidade de prelecionarem sobre a matéria. Da Faculdade de Medicina de Montevideu levaram sua colaboração o professor Clemente Estable e o professor Alejandro Schroeder. De Buenos Aires o professor Fermim Barcala, e da Faculdade de Medicina de Rosario de Santa Fé o professor Rafael Babbini. Entre os professores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre que tomaram parte no aludido curso

destacam-se o professor Corrêa Meyer, o professor Guerra Blessmann, o dr. Frederico Bitter, o professor Paulo Tibiriçá, o professor Luiz Osorio e o professor Carlos Milano, além do professor Elyseu Paglioli, diretor e orientador do Curso.

Constou o referido Curso de Extensão Universitária de trabalhos práticos de anatomia clínica e cirúrgica, assim como de técnica operatória de anfiteatro diários e durante toda a manhã; de intervenções cirúrgicas em doentes, durante as tardes, e de preleções à noite no salão da Faculdade de Medicina, tendo sido esgotado amplo programa sobre essa difícil especialidade da cirurgia do cérebro.

Em virtude da extensão dos trabalhos e da colaboração de tão eminentes especialistas sobre a matéria, o curso citado constituiu um verdadeiro acontecimento universitário, que bem testemunha o nível da cultura acadêmica do Rio Grande do Sul.



CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos da última moda - Carteira de Identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

305

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me **GRATIS**, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME _____

RUA _____

Nº _____

CIDADE _____

ESTADO _____

PROVA CIRCUNSTANCIAL

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 23)

ainda da cena à mesa, quando ela lhe lançara a faca no rosto. Ele ficara com a cicatriz para sempre. Entretanto ela não guardara rancor depois da briga. Muitas vezes estivera tentada a escrever-lhe, pedindo que a perdoasse, mas por outro lado pensava que ele talvez interpretasse mal o seu gesto, pensando que ela fazia aquilo porque queria o seu dinheiro. De qualquer forma era de dinheiro que ela precisava naquele momento. Muito dinheiro: quatro mil libras, precisamente.

Havia uma outra carta sobre a mesa, também recente-

mente chegada. Ela abriu-a, desdobrou a folha, porém não teve a serenidade para ler. As letras dançavam à sua frente. Que diriam todos? Que diria Peter, que a estimava tanto? Peter, o pobre Peter, pobretão, e que a amava? Ele faria esforços sobre-humanos para conseguir o dinheiro, e era preciso evitar que ele se endividasse por sua causa.

Sem prestar atenção a mais nada, ela largou a carta que ainda não lera e saiu.

Um taxi levou-a à casa do tio, que morava fora da cidade.

— Espere — disse ao "chauffeur", antes de entrar.

Aproximou-se e verificando que o portão estava aberto, entrou para o jardim. A janela do gabinete estava aberta também. E Charles estava lá, sentado de costas para ela, tinha à sua frente um cálice e bebia lentamente.

Ella estava indecisa, sem saber o que fazer, como começar, quando sentiu uma mão no seu ombro:

— Quem é você?

— A sobrinha de Charles Grant.

— Não vai me dizer que é a avó dele! Vamos, saia daí, moça.

— Mas eu preciso falar com ele.

— Escute, menina, meu serviço é impedir que venham importunar Charles Grant.

— Mas eu preciso falar com ele...

O homem agarrou-a. Ela empurrou-o, violentamente, no auge do desespero. O homem perdeu o equilíbrio e caiu. Ficou imóvel, no chão. Escorria-lhe sangue pela testa. Ella perdeu completamente o controle. Correu para o taxi.

— Vamos embora depressa! P'ra longe daqui!

— Que houve? Que aconteceu?

Chorando, ela disse:

— Eu acho que matei um homem...

Sua perturbação era tão grande que ela nem reparou que ele, em vez de levá-la para casa, conduzia-a para a chefatura de polícia...

— E resume-se nisso, senhores jurados: a ré tinha necessidade urgente de dinheiro. Tinha subtraído do laboratório um frasco de cianureto de potássio — o que indica premeditação. Tinha uma dívida a pagar e sabia que não poderia arranjar o dinheiro a tempo. O tio era seu inimigo. Em menina ela lhe atirara uma faca ao rosto que deixara uma cicatriz para o resto da vida... Recebeu uma carta, que diz não ter lido, fazendo-a sua herdeira universal. Ela se dirigiu à sua casa. Viu o tio. Falou-lhe. Colocou no seu copo o veneno e depois ficou a espiar enquanto ele bebia, para ver se surtia efeito. Foi descoberta pelo vigia que tentou afastá-la. Atacou o vigia, contundindo-o; depois correu para o carro, onde fez sua confissão: "matei um homem". A ré agora alega que se referia ao vigia que julgara morto. Os jurados decidirão se essa hipótese improvável merece crédito.

O advogado da defesa custou a começar. Procurava na sua pasta um papel que finalmente achou.

— Senhores, Tenho uma defesa irrefutável e quero provar com isso, de uma vez por todas, a "gentio das" provas circunstanciais. Por meio dessa prova as senhores

condenariam uma moça inocente. Provarei isso. Peço licença para ler uma carta que recebi de um médico inglês que se acha hoje no estrangeiro que ao saber do processo apressou-se em mandar seu testemunho. Diz ele que o coronel o consultara e ele descobrira estar sofrendo de câncer. O coronel, diante disso, sabendo que seu mal era incurável, fez um testamento em favor da sobrinha, com violência já perdoara, e escreveu ao médico anunciando que tencionava suicidar-se com uma dose de cianureto de potássio... Eis aí, senhores, a prova de que qualquer circunstância, mais grave que seja, não pode ser prova conclusiva de culpa ou inocência de uma pessoa — terminou, lançando um olhar para a ré, agradecido.

O advogado — é excusado esclarecer — era Paulo

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

UM PINTOR BRASILEIRO EM NOVA YORK

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 28)

— Quando garoto — disse-me Malagoli — trazia sempre comigo um lápis para a "mania" de reproduzir todo objeto interessante que me caía sob os olhos. Um dia, ao senhei na calçada de casa um avestruz que viera do circo e...

— E alguém lhe augurou um futuro bonito, não foi?

— Mais ou menos. O fato é que os estímulos começaram e me levaram a São Paulo, em 1928, para cursar o Liceu de Artes e Ofícios. A partir de 1934 dediquei-me inteiramente à pintura.

— Lembra-se de algum episódio pitoresco de sua carreira?

— Sim, um de que me rio até hoje. Aconteceu numa época de aperturas econômicas, muito comum a quando começam. Certo dia, apareceu-me um comprador, a quem eu, de maneira alguma, poderia deixar sair do estúdio sem uma aquisição. Mas meus quadros não o agradaram. Já estava perdendo as esperanças, quando aquele "enviado do céu" começou a examinar detidamente a tela com que um colega me presenteara... Perguntou o preço. Não tive dúvidas: "tanto"! E o negócio foi feito. Dias depois soube que acontecera a mesma coisa ao colega, com a tela que eu lhe dera em retribuição...

E já estávamos chegando ao destino. Malagoli ia encontrar-se com outros dois pintores patricios: Milton de Costa, recém-chegado a Nova York, e João José Recalva, que no momento realizava uma exposição dos seus quadros mais caracteristicamente brasileiros no Instituto Pan-Americano. Despedimo-nos. E, uma incumbência me foi dada: a de dizer ao Brasil que a saudade de Malagoli é de uma natureza que não se pode descrever nem medir.

No dia 22 de agosto desembarcaram do navio americano "Mariposa", que os trouxera de regresso à Pátria, os pracinhas do 2.º Escalão da Força Expedicionária Brasileira. Foi uma festa de alegria e de triunfo o que se pôde ver nas ruas centrais do Rio de Janeiro. O povo, entusiasmado, ovacionava vibrantemente os pracinhas, que retornavam da Itália após um ano de ausência, ano duro, cheio de sacrifícios inauditos e de bravura edificante.

Foram tristes para o povo brasileiro as horas amargas de ausência, quando na terra da Itália, batida pelo fogo das batalhas cruentas, os nossos soldados pagavam, pelo preço do próprio sangue, o custo da nossa liberdade.

Não foram pequenos os sacrifícios. Muitos tombaram sobre o campo de honra, e dormem hoje o sono eterno debaixo das pequenas e tóscas cruzeiras de madeira, nos cemitérios de campanha dos Apeninos. Mas os lugares onde os seus pés de heróis pisaram, são hoje pedaços do solo pátrio transplantados para a Europa. Monte Castelo é um símbolo. A vitória sorriu-nos, o triunfo foi completo. Mas os sacrifícios foram dramáticos e a luta foi cruel. Durante quase um dia, na data trágica de 29 de novembro de 1944, a 3.ª Companhia do Regimento Sampaio esteve debaixo do fogo direto da infantaria alemã, cujos caçadores, protegidos e ocultos, alvejavam os nossos, que ocupavam uma



O general Cordeiro de Faria, comandante da artilharia expedicionária, passa pela avenida Rio Branco em seu carro de campanha, à frente dos canhões que pulverizaram as posições germânicas na Linha Gótica, em Monte Castelo e em Castelnuovo. O bravo guerreiro foi recebido com entusiásticas aclamações pela enorme massa popular que se aglomerava na cidade à espera dos heróis brasileiros. Como ele, também o coronel Caiado de Castro, comandante do glorioso Regimento Sampaio, recebeu as mais vivas demonstrações de simpatia do povo carioca.

posição descoberta. A bravura do comandante dessa unidade foi a salvação dos heróicos pracinhas.

A primeira investida não surtiu efeito. Mas os valentes soldados brasileiros voltaram à carga e o estandarte auri-verde tremulou por fim no alto da colina.

Vieram depois outras vitórias. Em Castelnuovo e na frente de Milano os heróis do Brasil deixaram gravados a ferro e fogo o valor de sua gente e a glória de seu País.

Agora, que a paz volta a cobrir de novo a terra, regressam aos lares os nossos soldados. O povo, agradecido, saudados cheio de júbilo e de gratidão.

O fascismo está morto. Na Europa desolada o fantasma do hitlerismo é apenas uma lembrança trágica de dias lúgubres. A América prepara-se para uma nova era de prosperidade e de trabalho.

Mas às gerações futuras, que não conheceram os horrores da guerra, não podem deixar de ser lembrados sempre os nomes dos bravos pracinhas, que nas terras da Itália regaram com o seu sangue generoso e nobre o alicerce dessa felicidade.

O dia 22 de agosto foi uma data nacional.

Glória aos heróis que regressaram. Glória eterna aos heróis que tombaram no campo de honra.

O DESFILE DO 2.º ESCALÃO DA F. E. B.

Cobertos por uma chuva de papéis brancos e de "confetti", entre as palmas do povo em festa, marcham pela Avenida os heróicos pracinhas da F. E. B. A recepção do povo do Rio de Janeiro aos soldados do 2.º Escalão da nossa Força Expedicionária foi uma viva profissão de fé democrática da gente brasileira.





Todos os partidos políticos fizeram-se representar na festa com que o povo carioca recebeu os pracinhas do 2.º Escalão. Nesta página reproduzimos alguns sugestivos flagrantes dessa grandiosa manifestação popular. A esquerda, ao alto, Peracio, motorista da artilharia, saúda o público que tantas vezes o aplaudiu no gramado. Ao centro, uma cena comovente: o pracinha vitorioso, de regresso à Pátria, recebe os beijos carinhosos de sua mãe e irmã. Em baixo, a passagem do "jeep" dirigido pelo filho do sr. Oswaldo Aranha, por entre as alas de povo. Nesta coluna, em baixo, os heróis feridos na Itália vêm passar os seus companheiros que regressam trazendo ainda as flôres que o povo lhes ofertou. Em cima, entre "leaders" do Partido Comunista, Luiz Carlos Prestes, velho combatente anti-fascista, saúda os soldados da F. E. B.



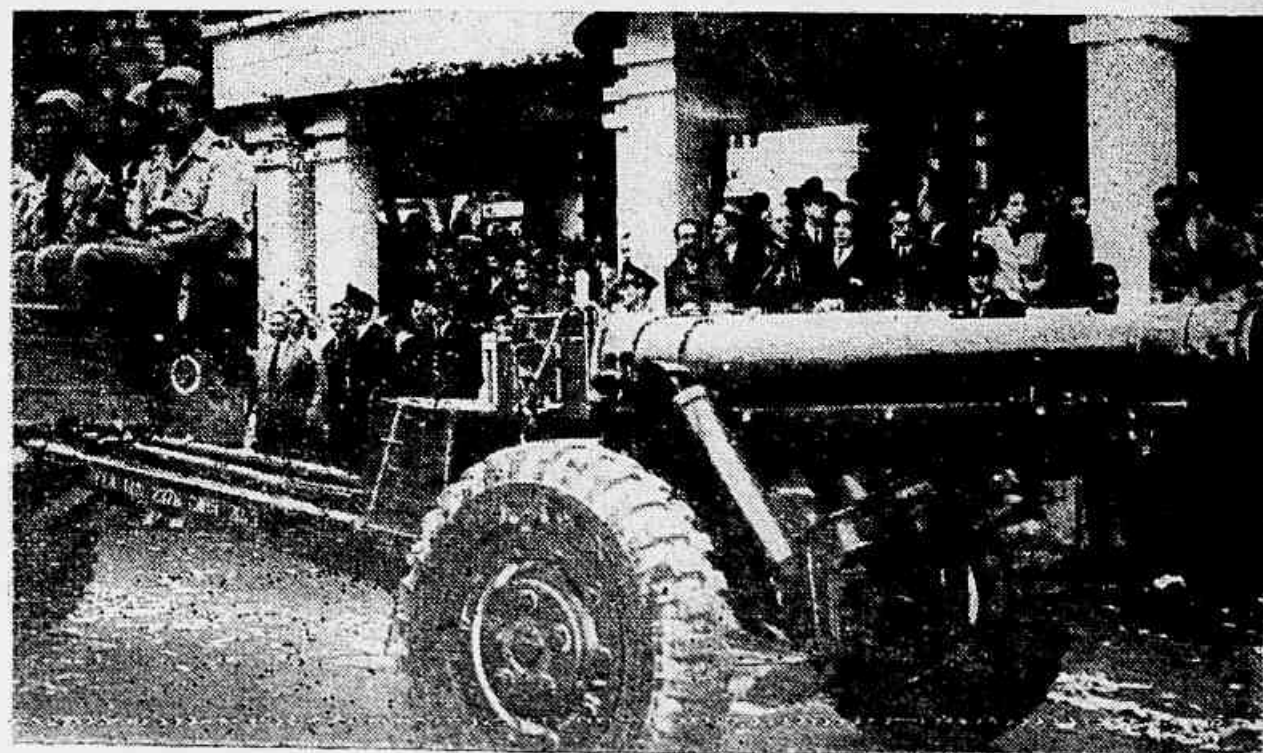
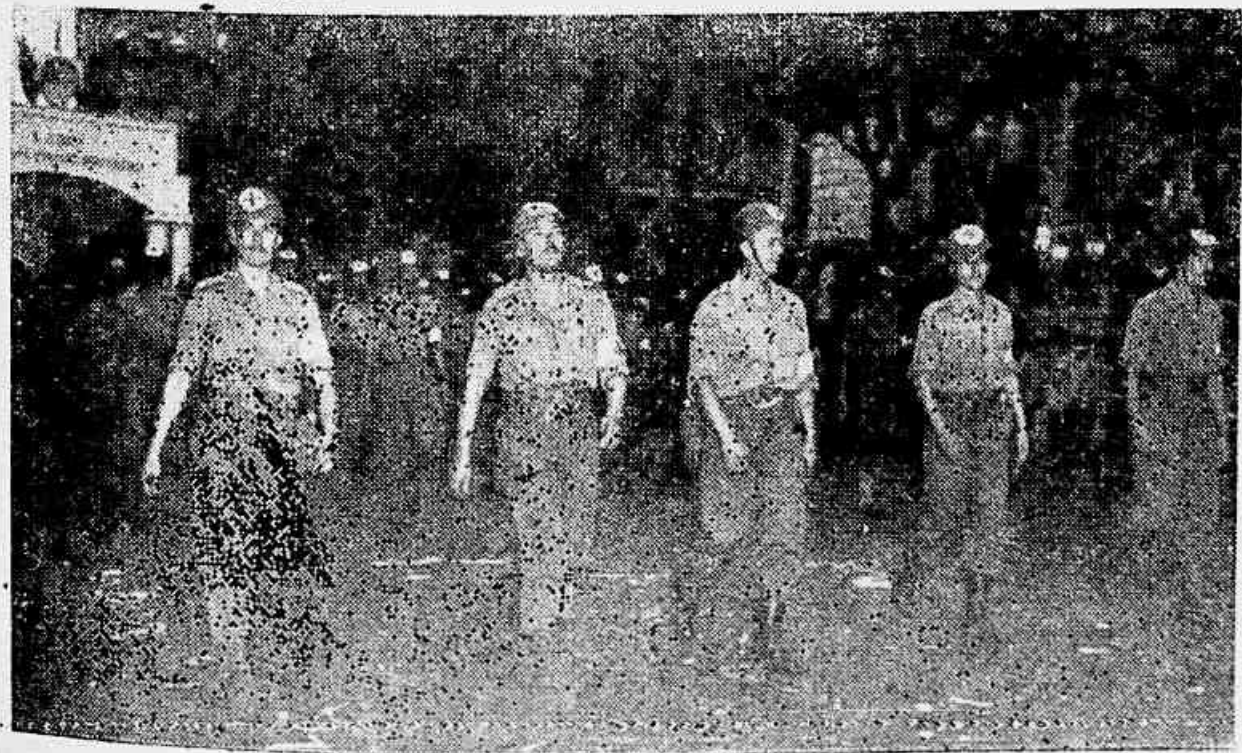


SEDE BENVINDOS IRMÃOS QUERIDOS E GLORIOSOS

No pedestal do arco de triunfo erguido na praça Floriano, colegiais empunhavam bandeiras. Entre os pendões do Brasil desfilaram os soldados da liberdade, trazendo ainda no capacete o pó das estradas dos Apeninos, onde mostraram aos tedescos o valor de nossa gente e o heroísmo de sua geração. Agora estão de volta. Com os fusis a tiracolo, os sabres dormindo nas bainhas, passeiam garbosamente pelas ruas da Capital da República, recebendo os aplausos de seus irmãos que ficaram. No alto do arco, uma legenda sintetiza a gratidão do povo por aqueles que conquistaram a sua liberdade nos campos de batalha da Itália.

Estes são os heróis do Corpo de Saúde. Médicos, enfermeiros e padoleiros. Eram eles que iam buscar os feridos na terra de ninguém; eram eles que operavam à luz dos holofotes de campanha, numa barraca de lona, ou num abrigo de sacos de areia. Muitos deles lá ficaram, pois os caçadores alemães não respeitavam a cruz vermelha do capacete.

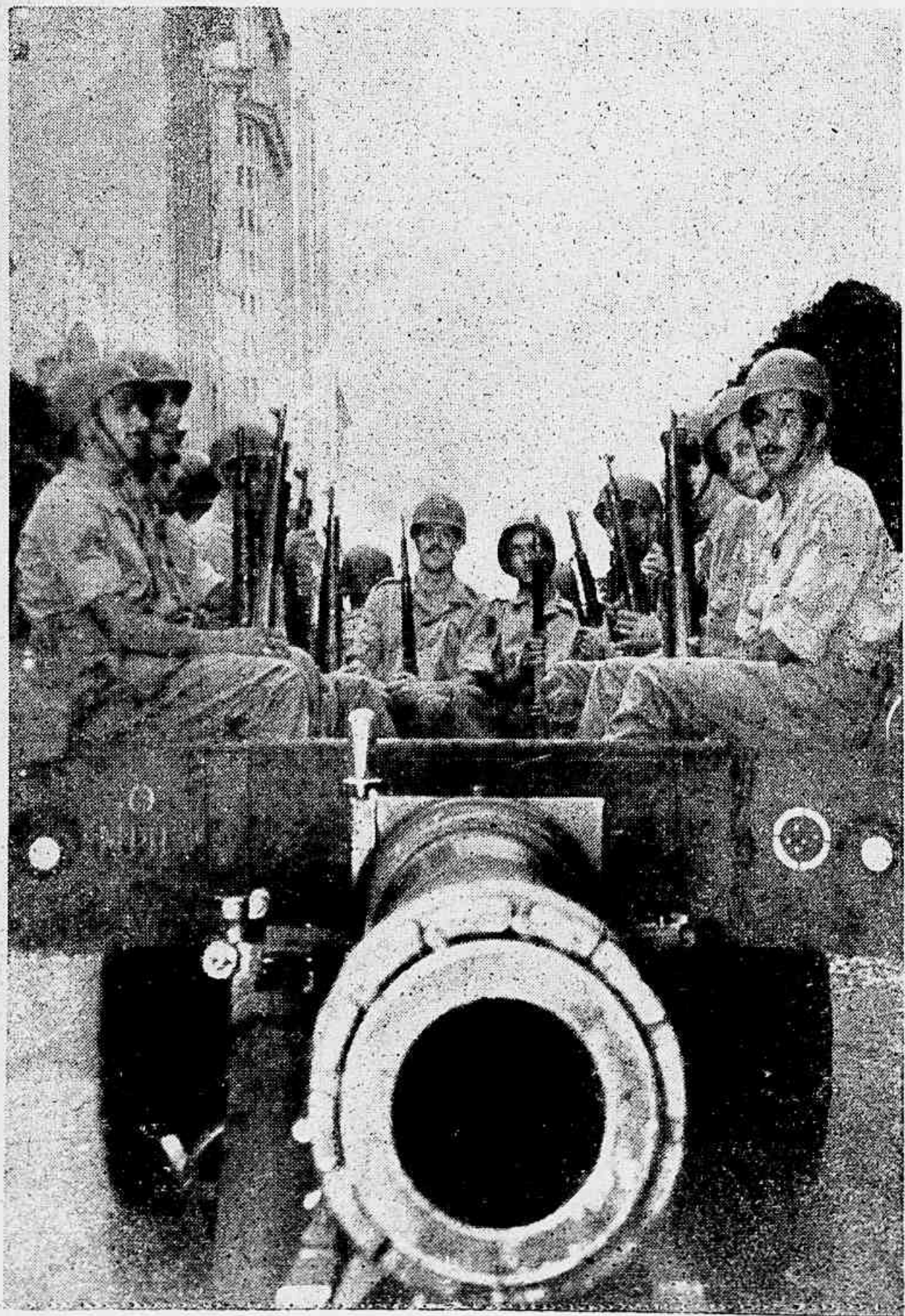
Grande parte do 2.º Escalão da nossa Força Expedicionária compunha-se de corpos de artilharia. Na foto abaixo aparece uma peça 105, tirada por um trator anfíbio, quando passava em frente a um dos palanques armados na praça Floriano. Sobre o veículo, soldados da gloriosa artilharia expedicionária.





Entre as alas de porta-bandeiras em continência, passam sob o arco de triunfo os vitoriosos pracinhas da F. E. B. Ao fundo aparece a grande bandeira nacional que se abriu sobre a testa da coluna, espalhando pétalas de rosas entre as filas dos gloriosos soldados que retornaram do "front" da Itália.

Os bravos soldados da artilharia expedicionária passam em seus veículos pelas ruas da Cidade Maravilhosa. Eis um caminhão-trator da artilharia pesada, rebocando um possante cento e cinco, cuja boca aparece em primeiro plano. Essa peça foi uma das mais eloquentes mensagens que o povo brasileiro enviou a Hitler em revide pelos torpedeamentos.



Hasteado sobre o "jeep", o pendão auri-verde tremula vitorioso e invicto. Esta bandeira esteve com os nossos valorosos pracinhas na frente italiana, cobriu-se com a neve do Piemonte e foi batida pelo vento dos Apeninos. Agora, regressa junto com os seus bravos guardiães à Pátria agradecida que os saúda.

As baionetas recurvadas e de gume agudo estão postas em riste. O "jeep", que atolou nas estradas lamacentas do norte da Itália, rola serenamente sobre o asfalto da avenida Rio Branco, coberto de "confetti" e de flôres. O pavilhão sagrado tremula sobre a cabeça da guarda de honra, como uma saudação ao povo do Brasil.



Sob o arco de triunfo em-
bandeirado, passam, à som-
bra do pendão auri-verde,
os heróis de Monte Castelo
e Castelnuovo.





JOCKEY-CLUB MUNDANO

Nestas tardes claras de final de inverno, maior e mais elegante tem sido a frequência ao Hipódromo da Gávea, onde três vezes por semana têm lugar os "meetings" sensacionais que dão prosseguimento à temporada oficial de 1945. As fotos que aqui reproduzimos foram apanhadas durante o desenrolar das últimas carreiras, na "pelouse" e na tribuna do hipódromo do Jockey Club Brasileiro.



Finalmente ESTREIA no dia 6 de SETEMBRO

SÃO LUIZ

FONES: 25.7679-25.7459

RIAN

FONE: 47.1144

VITÓRIA

FONE: 42.9020

CARIOCA

FONE: 28.8178

FORMOSA COMO
UMA ROSA!



Deanna
DURBIN

pela PRIMEIRA VEZ em
TECNICOLOR
Direção de
Frank RYAN

em
"VIVO para CANTAR"

("CAN'T HELP SINGING")
com

ROBERT PAIGE • AKIM TAMIROFF
DAVID BRUCE

Acompanham Complementos Nacionais



DEANNA
canta:
"Mais e mais"
"Califórnia"
"Abram caminho"
"Com a noiva ao braço"
"Sinto-o chegar"
"Tenho que cantar"



Mme. Bastos, autora

SENHORA!

Torne-se independente com uma profissão honrosa e elegante! **ARTE DE CORTE E ALTA COSTURA.** Estude pelo **MÉTODO TÉCNICO DE MME. BASTOS, PROFESSOR SEM EXPLICADOR**, podendo ser diplomada por correspondência, cumprindo as exigências que o referido livro lhe indica.

Preço Cr\$ 500,00

Pedidos à sede da Escola de Mme. Bastos, à praça Tiradentes n.º 50, 1.º e 2.º andares.



*Uma joia no
trocador*

Faça de sua beleza um desafio ao tempo! Conserve a formosura e o esplendor dos seus cabelos! Ondulados ou lisos, louros, castanhos ou pretos, proteja-os sempre com o famoso **Tônico Oriental**. Revigora, amacia, evita a queda e prolonga a vida dos cabelos. É delicadamente perfumado.

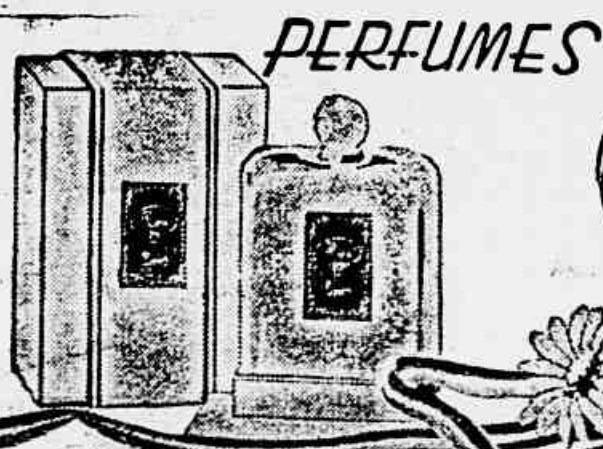


ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

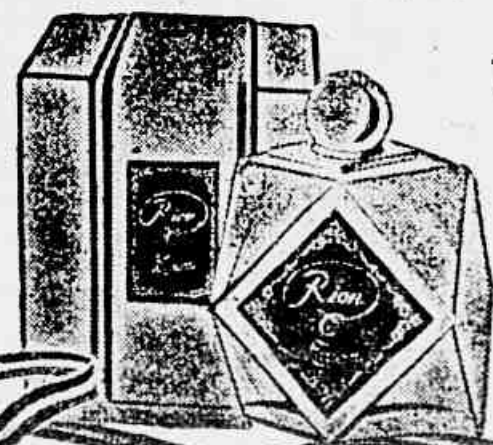
PARA
MANHÃ

Costume de lã branca com xadrez cinzento. Blusa de tricô cinza claro; dêsse mesmo tom o chapéu de feltro. Sapatos de camurça cinza escuro.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



Rico



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

O gato preto

(Continuação da pág. 27)

desastre; sou superior a semelhante fraqueza. Mas, fazendo uma narração de fatos, não devo omitir nenhum.

No dia seguinte ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes tinham caído todas, exceto uma, que era justamente um tabique interior, pouco espesso, situado quase no meio da casa e contra o qual se encostava a cabeceira da minha cama. Aí a alvenaria tinha resistido em grande parte à ação do fogo; fato que atribui a ter sido recentemente concertada. Contudo, havia-se juntado à roda daquela parede uma chusma de gente. Muitas pessoas pareciam examinar, com minuciosa e viva atenção, uma pequena parte dela. As palavras "Estranho! Singular!" e outras exclamações idênticas, excitaram a minha curiosidade. Aproximei-me e vi, semelhante a um baixo relevo esculpido na parede branca, a figura de um gato gigantesco, com uma corda enrolada ao pescoço. A imagem estava representada com uma exatidão verdadeiramente maravilhosa.

Primeiro, ao ver aquela aparição (porque não podia classificar aquilo de outra forma), o meu espanto e terror foram extremos. Mas enfim a reflexão acudiu-me. Lembrava-me de ter enforcado o gato num jardim adjacente à casa. Aos gritos de alarme aquele jardim havia sido imediatamente invadido pela vizinhança. Provavelmente, alguém tinha dependurado o gato e atirado com ele pela janela aberta, para dentro do meu quarto, sem dúvida com o fim de me acordar. A queda das outras paredes tinha comprimido a vítima da minha crueldade na substância do estuque fresco. A cal combinada com as chamas e o amoníaco tinham assim produzido a imagem, tal como eu a via.

Bem que a razão, se não a consciência, ficasse satisfeita com aquela explicação, o fato surpreendente que acabo de narrar, não deixou de produzir em mim uma impressão profunda. O fantasma do gato perseguiu-me muitos meses; e durante esse período, voltou-me à alma um meio sentimento, que parecia ser remorso, mas não era. Cheguei a deplorar a perda do animal e a procurar pelas espeluncas por onde agora andava, um outro favorito da mesma espécie e de uma figura parecida para o substituir.

Uma noite em que eu estava assentado, meio bêbado, numa tasca mais que infame, a minha atenção foi subitamente atraída para um objeto negro, colocado sobre um dos imensos tonéis de "gin" ou de "rum" que constituíam a mobília principal da sala. O que me surpreendeu foi que, estando eu a olhar para o

tôpo do tonel, haveria já uns seis ou sete minutos, só agora houvesse descoberto o que estava em cima. Aproximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, enorme, pelo menos do tamanho de Plutão; exatamente semelhante a ele, exceto num ponto. Plutão não tinha um pêlo branco em todo o corpo e aquele tinha uma grande malha branca, mas de uma forma indecisa, que lhe cobria toda a região do peito.

Apenas lhe toquei, levantou-se, rosnou prolongadamente, esfregando-se pela minha mão, e pareceu encantado com a importância que eu lhe dava. Disse logo ao taberneiro que lh'o comprava; mas o homem respondeu-me que o gato não era dele, que não o conhecia, que era a primeira vez que ali vinha.

Continuei a fazer-lhe festas, e quando voltei para casa o animal acompanhou-me; de vez em quando, pelo caminho, abaixava-me para o acariciar. Apenas

chegámos, procedeu como se estivesse em sua casa, e tornou-se desde logo grande amigo de minha mulher.

Pela minha parte, ao contrário do que eu mesmo esperava, comeci imediatamente a antipatizar com ele; não sei como, nem por que. Os seus carinhos aborreciam-me, quase me desagradavam. Pouco a pouco, aquela sensação de aborrecimento converteu-se em aversão. Contudo, a lembrança do meu primeiro ato de crueldade e também certa vergonha impediram-me de o maltratar. Durante alguns meses abster-me de lhe bater ou de o repelir com brutalidade; mas gradualmente, insensivelmente, apoderou-se de mim tal horror pelo animal, que cheguei a não poder tolerar a sua presença. Odiei-o profundamente, e, não querendo agredí-lo, fugia dele como da peste.

O que contribuiu, indubitavelmente, para a minha aversão pelo gato, foi a descoberta que fiz, na manhã seguinte,

à noite, em que o trouxe para casa, de que, como Plutão, também ele havia sido privado de um olho. Essa circunstância, todavia, ainda o fez mais querido de minha mulher que, como já disse, possuía em um grau elevadíssimo a ternura de sentimentos que em outro tempo fôra a minha feição característica e a fonte perene dos meus simples e inocentes prazeres. No entanto, a afecção do gato por mim parecia aumentar na razão direta da minha aversão por ele. Seria difícil descrever a pertinácia com que me perseguia. Se me sentava, enroscava-se debaixo da minha cadeira ou saltava-me para cima dos joelhos, prodigalizando-me as suas detestáveis carícias; se me levantava, metia-se-me pelo meio das pernas, a ponto de quase me deitar ao chão; ou trepava por mim acima, enterrando-me na roupa as garras compridas e agu-

(Continua na pág. 51)

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel
- ★ Ocre-claro
- ★ Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



MENAGOL

REGULA!

**PARA A
NOITE**



"Toilette" elegante composta de uma saia longa e de um bolero de crepe violeta; a blusa e o turbante de crepe branco. Os botões com ametistas.



OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVANÇADAS RECENTAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA Nº 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

O gato preto

(Continuação da pág. 49)

das. Naqueles momentos o meu desejo era matá-lo; e não era só a lembrança do primeiro crime que me impedia de o fazer, mas sim, devo confessá-lo, o verdadeiro terror que o animal começava a inspirar-me.

Aquêle terror não era positivamente o receio de um mal físico; porém, não saberia defini-lo de outro modo. Quase tenho vergonha de dizer que o tédio e o horror que me inspirava o animal, aumentara por causa da quimera mais completa que se pode imaginar. Minha mulher tinha-me uma vez chamado a atenção para a mancha branca que constituía a única diferença aparente entre aquêle bicho extraordinário e o que eu tinha matado. O leitor lembra-se, sem dúvida, de que a tal mancha, pôsto que grande, não tinha a princípio forma definida; mas lentamente, a pouco e pouco, por graus imperceptíveis, que o meu raciocínio se esforçava em vão por considerar, imaginários, tinha chegado a tomar uma nitidez de contornos rigorosa. Era agora, perfeitamente definida, a imagem de um objeto que temo de nomear; a imagem de uma coisa sinistra, medonha: era a imagem da força! Oh! lúgubre e terrível máquina! máquina de horror e de crime, de agonia e de morte! E era precisamente aquilo que me fizera criar pelo monstro um tédio e um horror inexprimíveis e que me teria levado a dar cabo dele, se não tivesse medo.

E esse medo ia aumentando sempre; e com ele o meu horror pelo animal. Aí! para mim já não havia repouso, nem de dia nem de noite! Durante o dia o gato não me largava um só momento, e durante a noite, quando saía dos meus sonhos (sonhos cheios de agonia intraduzível), era para sentir no rosto o hálito quente do bicho e o seu peso enorme (encarnação de um pesadelo que não podia sacudir), eternamente esmagando o meu coração.

Sentia-me verdadeiramente miserável; miserável além de todas as misérias possíveis à humanidade! Um bruto cujo irmão eu destruíra com desprezo, fazer que eu, um homem formado à semelhança de Deus Todo Poderoso, caísse num infortúnio tão grande e tão intolerável.

Sob a pressão de semelhantes tormentos, a pouca virtude que me restava, sucumbiu, os meus pensamentos íntimos tornaram-se sinistramente perversos; a tristeza de meu humor cresceu até ao ódio de todas as coisas e de toda a humanidade. Minha mulher, que nunca se queixava, era o mártir ordinário, a vítima,

sempre paciente das repentinas, frequentes e indomáveis erupções de uma fúria, à qual, desde então, me abandonei cegamente.

Um dia, acompanhei-a para qualquer trabalho doméstico ao subterrâneo do velho edifício, onde a pobreza nos constrangia a habitar. O gato, seguindo-me nos degraus estreitos da escada, ia-me fazendo dar um trambolhão. Exasperado até à loucura, levantei um machado e, esquecendo no meio da minha raiva o medo pueril que até ali me sustivera, dirigi ao animal um golpe que o teria matado inevitavelmente, se ela não me tivesse agarrado a mão. Aquela intervenção pôs-me num furor mais que infernal. Desembaracei o braço e enterrei o machado na cabeça de minha mulher, que caiu morta no meio do solo, sem soltar um gemido.

Apenas cometi aquêle horrível assas-

sínio, comecei imediatamente, com todo o sangue frio, a meditar sobre o meio de esconder o corpo. Não podia fazê-lo desaparecer de casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Atravessaram-me o espírito diferentes projetos. Primeiro, tive idéia de cortar o cadáver em pedaços e de os destruir pelo fogo; em seguida, lembrei-me de fazer uma cova no subterrâneo e enterrá-lo ali; depois pensei em deitá-lo no poço do pátio; depois, ainda, passou-me pela imaginação metê-lo num caixote, como se fôsse uma mercadoria, e mandá-lo para fora de casa. Finalmente, fixei-me num plano, que me pareceu o melhor de todos. Resolvi entaipá-lo na parede do subterrâneo, como os frades da Idade Média entaipavam, dizem, as suas vítimas.

O subterrâneo parecia feito de propósito para tal desígnio. As paredes eram

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

ligeiramente construídas e tinham levado, havia pouco tempo, novo rebôco, que a umidade da atmosfera não tinha deixado endurecer. Além disso, havia uma saliência numa das paredes, produzida por uma chaminé falsa ou lareira, que tinha sido tapada e coberta de pedra e cal, exatamente como o resto da parede. Pareceu-me que facilmente deslocaria os tijolos, naquele lugar, para lá introduzir o corpo e que depois, tapando tudo do mesmo modo, ninguém poderia ali descobrir nada de suspeito.

Efetivamente, não me enganara nos

(Continua na pág. 55)



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

À VENDA EM TODO O BRASIL

PaTerraZ

Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1933 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. "PANSEXOL" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo reembolso Postal
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos PANVITAL - Rua da Estréla, 1
RIO DE JANEIRO

VIVA! CONTENTE

para
viver mais!



Qualquer anomalia na função do fígado compromete a saúde, perturba o bom humor e faz envelhecer antes do tempo. Normaliza a função hepática com as famosas "Píulas de Reuter" e desfrute intensamente a alegria de viver!

PÍULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

CALOS

Dedos Doloridos Pelos
Sapatos Apertados

Remédio Científico que Age Instantaneamente.

Remove os Calos com Rapidez.



Use Zino-pads do Dr. Scholl e obterá pronto alívio para os sofrimentos causados pelos seus calos ou feridas entre os dedos. É maravilhosa a rapidez com que os Zino-pads neutralizam a pressão dolorosa exercida sobre o ponto sensível. Leves, macios, delgados, protetores, esses "pads" evitam a formação de calos, pontos sensíveis, bolhas e calcanhares ardidos. Os Zino-pads do Dr. Scholl facilitam o uso de sapatos novos ou apertados. Com o remédio, você obterá também os Discos Medicados para a rápida remoção dos calos. Os Zino-pads Dr. Scholl custam uma ninharia. À venda em toda as farmácias e drogarias ou nas Lojas Dr. Scholl. Procure-os hoje mesmo!

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

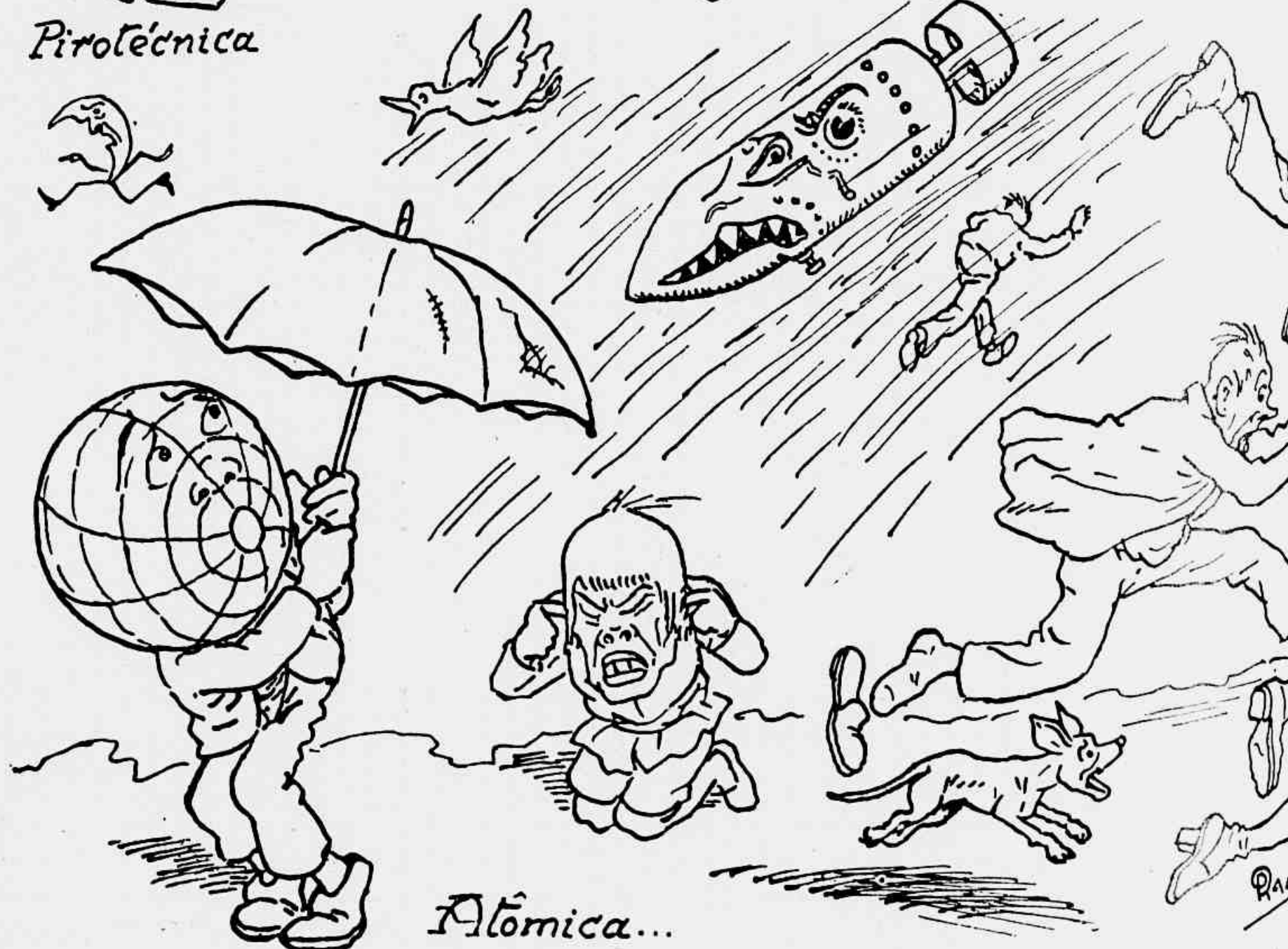
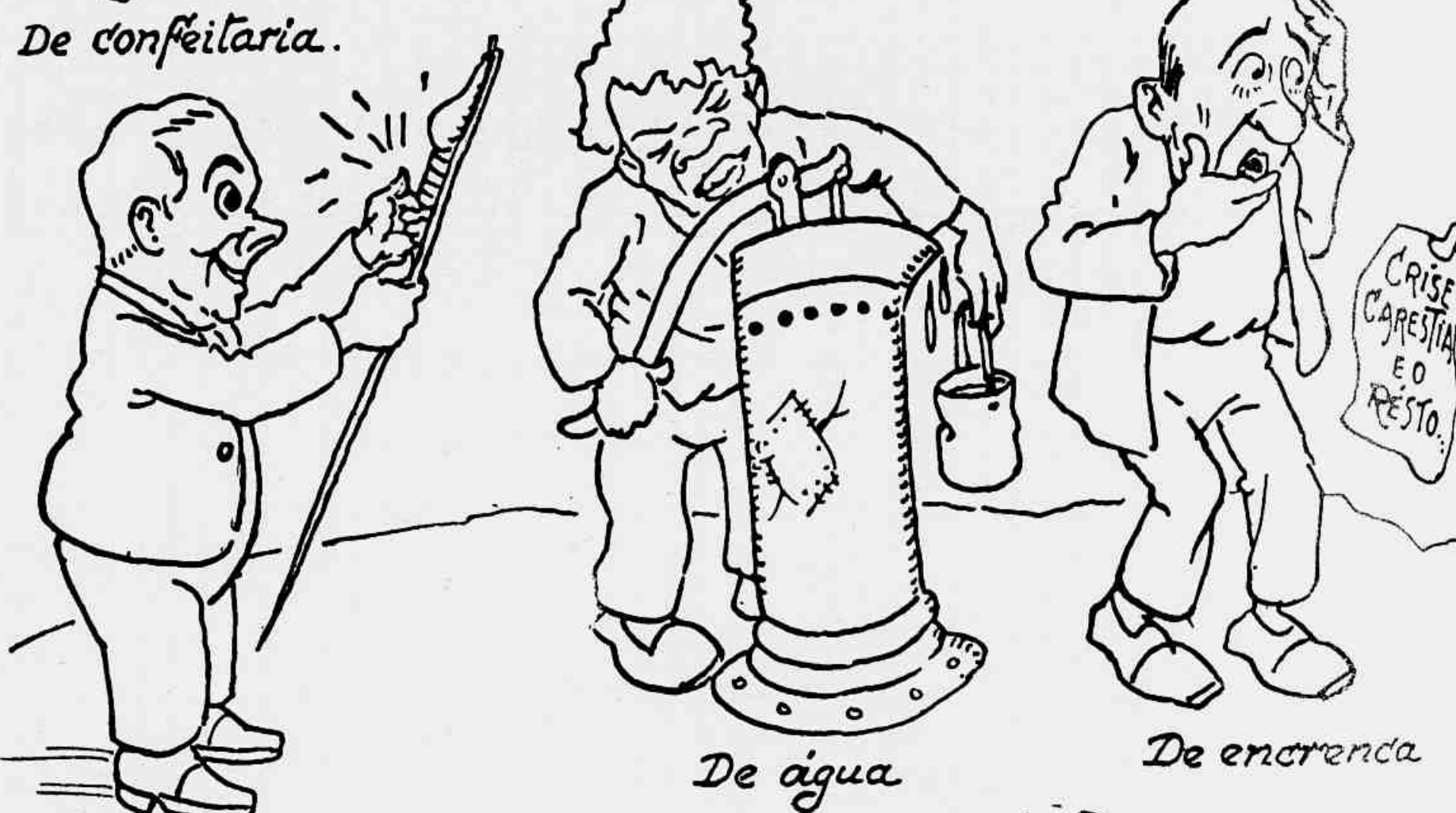
PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 163-Rio. T. 25-2840
OLEO - LOÇAO



BOMBAS...



Quem não a conhecêr, que a compre... e experimente em casa...

REGINA — Com certeza hoje mesmo é o lugar certo para você.

(Música)

WALTER — Então, doutor Luiz! Estamos combinados, não é? O senhor e madame Casa Branca irão ter comigo. Mandarei o meu "chauffeur" apanhá-los aqui. E os esperarei em minha casa.

REGINA — Justamente, senhor Walter. Eu estou ansiosa para ver o jardim de sua residência. O senhor me disse tais maravilhas daquele parque.

WALTER — A senhora vai ficar encantada! Eu tenho flores raríssimas no meu jardim! E eu faço questão de lhe oferecer as mais belas que lá estiverem! Para uma flor delicada como a senhora, serão poucas as flores do meu jardim.

REGINA — O senhor é muito amável, senhor Walter.

WALTER — Minha senhora, quando um homem vive só, em país estrangeiro, como eu vivo, sente-se tão grato àqueles que o tratam com gentileza! A senhora e o doutor Vilela têm sido tão simpáticos para comigo que eu só lhes posso dedicar uma profunda gratidão.

(Música)

ANDRÉ — Justino, você já foi ver se havia cartas para mim na posta restante?

JUSTINO — Eu já não lhe disse hoje de manhã que não tinha nada não?

ANDRÉ — Ah, é verdade. Eu já tinha perguntado. Foi uma distração.

JUSTINO — E p'ra que quer você aquelas cartas? P'ra rasgar sem abrir? Que mania mais esquisita! Que extravagância!

ANDRÉ — E' isso mesmo, Justino, eu queria que ela continuasse escrevendo. Para ter o prazer de continuar rasgando as suas cartas, fechadas como você as trazia da caixa postal. Como se eu não entendesse o seu ardil... Mandar expedir suas cartas de S. Vicente para me iludir, enquanto se divertia nos hotéis de opereta. Ela, que me garantia não ter ido nunca ao próprio casino de S. Vicente. Embusteiros!

JUSTINO — Olhe, André. E' conversando que a gente se entende. Você não lia as cartas da moça, como é que pode estar com essa raiva toda? Vai ver que você nem está com a razão. Você não vê eu? Fui procurar a Ritoca. Ela me explicou tudo direitinho e pronto: fizemos as pazes. E agora está tudo tão bom que você nem queira saber...

ANDRÉ — Elas explicam sempre direitinho... enrolam as mentiras nos beijos e a gente as engole sem sentir... mas, às vezes, elas atravessam a garganta da gente e é um desastre!...

JUSTINO — Eu não estou entendendo muito bem o que você está dizendo. O que é isso, André?

ANDRÉ — Não queira entender, Justino. O homem mais feliz é aquele que menos entende, principalmente o que não entende as mulheres...

JUSTINO — Puxa! Você depois que esteve naquela praça veio tão esquisito! Não adiantou nada aquele des-

cansa, hein? O médico mandou você ir p'ra lá descansar os nervos e você voltou desse jeito. Foi pior a enxada que o sono, não foi?

ANDRÉ — E' isto mesmo, Justino. Eu fui a S. Vicente em busca de sossego. Quis mais sossego ainda. Procurei sair de S. Vicente e fui até uma praia muito sossegada. Resultado: encontrei a pior das inquietudes. (Suspirando) Luizinha! Como você me iludiu! E que grande mal você me fez! Eu pensei que tivesse encontrado em você aquilo que nunca tive e com que sonho tanto: um lar, um aconchego, a ternura, o carinho, o amor. E era tudo uma simples miragem. Ah, Luizinha! Como você me enganou!

JUSTINO — Que é isso, André? Você está falando sozinho? Que é isso, rapaz? Você precisa se tratar. Agora sim. Agora é que eu estou achando você doente, sabe?

ANDRÉ — Você tem razão, meu amigo. Eu estou mesmo doente. Eu estou com uma doença incurável.

JUSTINO — Está mesmo, André? Mas o que é que você tem?

ANDRÉ — Eu estou irremediavelmente apaixonado.

JUSTINO — Mas então? Qual... eu não entendo! Francamente eu não entendo. Então por que não vai procurar a garota, por que não faz as pazes com ela?

ANDRÉ — Não. Eu sei que a vida inteira a sua lembrança me há de perseguir, eu sei que jamais hei de esquecer-lá, mas nunca lhe perderei a falsidade que me fez. Parece-me que ela se arrependeu. Pela porção de cartas que andou escrevendo, pelo muito que me procurou aqui no Rio. Mas foi horrível a sua levandade, foi imperdoável a sua traição. Criatura diabólica. Com aquele rosto de anjo e não passava de uma fingida.

(Música)

JOSEFA — Mas será alguma promessa que ela fez, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Não sei. Você sabe que eu não gosto de indagar as coisas. Isto é um mau costume das mulheres. Só sei é que estou dando todas as providências. Já tratei os operários. Já fiz a encomenda do material. Você vai ficar encarregada de tomar conta de tudo. E' preciso, quando eu não estiver aqui, vigiar os homens para ver se eles não estão vadiando. Ela quer que a capelinha fique logo pronta. De maneira que você tem que botar o olho na turma para andar depressa.

JOSEFA — Está bem. Mas... você não achava bom entregar isso a Luizinha? Vai ser uma boa distração para ela.

ZÉ PEDRO — É. Você tem razão. E' isto mesmo. Vamos falar com a Luizinha.

JOSEFA — Mas a Heloisa tem umas coisas... você não acha que essa capelinha, assim como ela quer que seja feita, vai ser muito esquisita?

ZÉ PEDRO — Ora, Josefa. A dona Heloisa sabe o que faz. Ela tem lá as suas idéias. Depois... pensando bem, eu não vejo nada esquisito...

JOSEFA — Mas onde é que se viu uma capela sem altar?

ZÉ PEDRO — Sem altar, mas com um Cristo que é uma beleza. Só você vendo... ela mandou fazer a imagem por um escultor muito conhecido...

REGINA — Então você vai jurar, debaixo deste céu estrelado, pelo desconhecido que se apresenta na finbria dos horizontes, pelo mistério das noites, pela sacratíssima beleza da lua, que só tratará desse problema, do nosso problema, quando eu quiser.

LUIZ (risonho) — Hum... até parece uma jura de árabe! Está bem, minha sultana. Pela luz dos seus olhos verdes que são irmãos gêmeos dos meus; pelo crescente deste sorriso que ilumina a sua boca; pela doçura de mel destes lábios; pelas ondas negras de sua cabeleira perfumosa eu juro que só enfrentarei o terribilíssimo problema quando vossa majestade o ordenar!

(Risos de ambos)

REGINA — Isto. Agora sim. Primeiro vamos derrotar o nosso inimigo. Vamos arrancar de suas mãos aqueles documentos. Eles agora são mais preciosos do que nunca. E' preciso que nos lembremos disso.

LUIZ — E' verdade, Heloisa. A Europa está em guerra. A praga pode alastrar-se. Eu preciso, eu devo entregar ao governo, quanto antes, o meu invento.

REGINA — E eu estudei um plano ótimo para desarmar o Walter. Vamos atacar, Luiz. O homenzinho parece que vai eternizar-se à espera do Levy. Nós não podemos mais esperar. Eu já estou impaciente pela decisão desse caso.

LUIZ — Eu lhe confesso, Heloisa, que estava retardando as coisas. Depois de tudo terminado terei que me retirar de S. Paulo, será preciso voltar ao Rio e... eu não sei se a poderei levar comigo.

REGINA — Luiz. E' assim que você respeita os juramentos?

LUIZ — Perdoe-me. Prometo não reincidir no meu erro. Perdoe-me, sim?

REGINA — Por esta vez está perdoado.

LUIZ — Mas você dizia que tinha um plano?

REGINA — Sim. E o meu plano é este...

(Música)

LUIZ — Ótimo. E quando o executaremos?

REGINA — Bem. Vamos esperar agora uma oportunidade.

LUIZ — Vai ser preciso muita cautela. Porque se ele desconfia de nós o plano cairá por terra. Em todo caso, como é você que o irá executar, eu confio plenamente na sua inteligência e na sua dissimulação. Acima de tudo... você é mulher.

REGINA — E você bem sabe que a dissimulação é a nossa arma natural. Foi a defesa que a natureza nos deu. E quantas vezes a gente não usa este recurso com o coração contrangido, lamentando não poder abrir os braços para aquele que estamos enganando. E quantas vezes a nossa boca mente quando preferia estar beijando! Feliz da mulher que passa pela vida sem precisar da mentira, com a alma desnuda e o coração liberto. A mentira é uma arma poderosa, mas é uma escravidão!

(Música)

(Batidas numa porta)

JOSEFA — Luizinha? Luizinha?

LUIZINHA — Quem é, Josefa? Você não me deixa sossegada. Que é que você quer?

JOSEFA — Abra esta porta, Luizinha. O Zé Pedro trouxe uma porção de coisas para você. Sua mãe lhe mandou uma porção de livros, venha ver, Luizinha. Venha ver.

(Porta abre)

LUIZINHA — Estou aqui, Josefa. Eu agora vou começar a contar as vezes que você me chama por dia.

JOSEFA — Por certo, minha filha. Você até parece uma prisioneira, metida neste quarto.

ZÉ PEDRO — Boa tarde, Luizinha. Mas como você está emagrecendo! Que é isso, Luizinha?!

JOSEFA — Pois é. Vive metida neste quarto o dia inteiro. Quase não come. Ainda a noite inteira pelo quarto. E ainda fica zangada quando eu procuro distraí-la.

LUIZINHA — Eu não fico zangada não, Zefinha. E' que eu ando de mau humor, ando impaciente. Você me desculpe, sim? Que foi que você trouxe, Zé Pedro? Como vai a mamãe? Vai tudo caminhando bem?

ZÉ PEDRO — Hum... Dona Helena mandou dizer que as coisas vão indo bem. Mandou pedir p'ra você ter um pouquinho de paciência, que ela está quase terminando a tarefa.

LUIZINHA — Deus permita que ela ande depressa mesmo, que é para eu ter tempo de conhecer o meu pai.

JOSEFA — Que é que você quer dizer com isto, Luizinha?

LUIZINHA — Não é nada, Josefa. E' felice minha. Zé Pedro, deixe-me ver as coisas que vieram.

ZÉ PEDRO — Olhe: esta maleta aqui é com vestidos e bugigangas.

JOSEFA — Bugigangas? Que modos de falar são esses, José?

LUIZINHA — Deixe o Zé Pedro falar como entende, Zefinha. Ele está querendo me fazer rir. E este embrulho? São livros, não é?

ZÉ PEDRO — Hum... tem cada romance bonito!

LUIZINHA — Deixe-me ver. É. Que porção de livros. Quanta novidade. Revistas, figurinos, jornais...

JOSEFA — E olhe aqui, Luizinha. Veja que maravilha nesta maleta dos vestidos. Olhe que blusa bonita. De rendas brancas, toda bordada. E olhe aqui estes colares. E que porção de fitas, de rendas... parece o enxoval de uma noiva... veja, Luizinha... (pausa) Luizinha! Que é que você está olhando tão espantada?

LUIZINHA — Josefa! Zé Pedro. Vejam esta notícia. Vejam o que está aqui neste jornal!

JOSEFA — O que é, Luizinha?

LUIZINHA — Veja. Aquêlê homem! O irmão do André!

JOSEFA — Ah... é isso mesmo! Aquêlê homem que estava na rua do Ouvidor, que você quis falar com ele, não é?

LUIZINHA — E que você não deixou. Você devia ter deixado eu falar com ele. Ele deve ser irmão do André. Veja como se parece com ele.

JOSEFA — Talvez seja só uma coincidência. Você não vê que os sobrenomes são diferentes?

LUIZINHA — É. Os nomes não são iguais, mas a semelhança é impressionante.

SERPA PINTO



O REGRESSO DO SR. A. S. MACEDO — O sr. A. S. Macedo, honrado comerciante nesta praça e elemento de destaque da sociedade carioca, acaba de regressar de sua recente excursão a Portugal, tendo viajado pelo transatlântico português "Serpa Pinto". Ao desembarque do ilustre viajante estiveram presentes inúmeros admiradores. No clichê ao lado aparece o sr. Macedo cercado de pessoas de sua exma. família, sócios e amigos.

DE MUSICA

(Continuação da pág. 21)

dos dois elementos, há trechos magníficos, seguidos de lapsos lamentáveis. Apesar disso, entretanto, o vigor, o entusiasmo que ele infunde à sua música como que galvanizam o ouvinte, que se rende, apesar das restrições.

"La Forza del Destino" é um passo em direção ao objetivo: um passo largo. Merece, certamente, uma representação, sobretudo se é de alta qualidade como a que ouvimos este ano no Municipal.

Qualquer cantora que decida interpretar o papel difícil e fatigante de Leonora merece especiais elogios. Quando, porém, ela não só demonstra a coragem de enfrentar as dificuldades como a capacidade para vencê-las, assim fazendo sem esforço aparente, podemos estar certos de que é uma grande cantora. Stella Roman executou essa proeza. Leonard Warren criou mais um tipo "verdiano". Com Verdi, Warren está no seu elemento. "Don Carlos" é um trabalho magnífico.

Roberto Silva, no grave sacerdote, teve sucesso maior do que na sua estréia, revelando qualidades insuspeitadas. E Pechner, no padre folgazão, obteve um merecido êxito. Rosalind Nadell também teve uma boa oportunidade e aproveitou-a razoavelmente, no papel de Preziosilla.

Kurt Baum estreou com grande sucesso. E' dono de uma voz possante, às vezes um pouco áspera. Cenicamente, porém, não tem grande desembaraço. Se o elenco com que atuou não fosse magnífico, talvez não houvésemos notado que falta a Baum aquele bom gosto e aquela discrição que não prejudicam, antes tornam mais eficiente, a dramatização.

Sebastian regeu com entusiasmo.

Roberto Lyra Filho.

O Grande Escandalo de Dover City

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 19)

Duas horas mais tarde um rapaz e uma moça passeavam pela rua principal. Já acabara a festa da venda e quase todas as senhoras tinham-se retirado.

Marcia não compreendia bem por que aceitara o convite do agente de George. Nunca conversara tão livremente com um rapaz que conhecesse tão pouco e, no entanto...

Foi ao voltarem, mais tarde, que ele a beijou. Estavam na porta de casa e ele ia despedir-se. De repente, debruçou-se sobre ela e beijou-a. Ela não se zangou. Disse somente:

— Não faça isso!

Sem muita convicção. Depois separaram-se.

— Venho amanhã — disse ele.

Ela entrou.

★

— Até que enfim estamos quites, meu amigo.

— Como?

— Você, que é meu agente de publicidade, tem passado por George Ashley durante toda essa "lournée". Aliás eu não

poderia arranjar sócia mais perfeita. Pois publicidade de George Ashle?.

— Como?

— Uma moça... Eu ia passando... Ela estava tratando de um jardim...

E ela não é uma doida como essas outras... Só porque se trata de um artista de cinema e... Não... Conversámo-mos muito... Ela é sensata, honesta...

— E saiu com você logo assim, sem mais nem menos.

— Você não compreenderia isso. Essas coisas acontecem.

— Escute: quer uma informação? Eu tenho uma prima nesta cidade. E' a única pessoa que saberia a diferença entre o primo e George Ashley, mesmo à primeira vista. E' louca por cinema e por atores de Hollywood. Capaz das maiores loucuras para obter um autógrafo...

— Oh!

— Compreende agora. Essa moça chama-se Marcia e...

— Espere. Nós tirámos um retrato... Juntos... Ela com certeza vai andar mostrando isso a todo mundo...

— Belas ilusões de um ator de cinema. Romance numa pequena cidade...

— Meu amigo, mande um bônus de guerra a essa moça. Eu devo estar fi-

cando velho. Cai como um patinho! Mandei-lhe um bônus de guerra com um bilhete. Escreva à máquina que eu assinarei!

"Saldando minha conta com V. S., tenho o prazer de enviar-lhe este bônus, de acordo com o que ficou estipulado no contrato publicado pelos jornais. A senhora já ganhou o seu beijo. Tenha a bondade de mandar pagar o bônus a meu secretário. Considero esse trabalho de incentivo da compra de bônus patriótico e ficaria muito sentido se não tivesse sucesso. Cordiais saudações. — George Ashley."

E, para terminar: UÁ!

O agente viu a bandeiras despregadas: — Que lôgro!

O gato preto

(Continuação da pág. 51)

meus cálculos. Com o auxílio de um alicate, desloquei os ladrilhos, com pouco trabalho, e depois de ter cuidadosamente encostado o corpo à parede interior, tornei a reconstruir tudo como estava. Depois, com todas as precauções imagináveis, fui buscar um pouco de cal e areia, e preparei um reboco, que não se poderia distinguir do antigo, com o qual tornei a cobrir os ladrilhos. Quando acabei, vi com satisfação que a parede não apresentava o menor vestígio de ter sido mexida. Apanhei todas as calças, catei triunfantemente em redor de mim, e disse comigo mesmo: "Não perdi o meu tempo".

Terminada aquela operação procurei o bicho, que tinha sido causa de tamanha desgraça, porque, enfim, tinha resolvido, positivamente, dar cabo dele. Se o tivesse achado naquele momento, a sua sorte estava decidida; mas parecia que o astucioso animal, assustado pela violência recente da minha ira, decidira não aparecer pelo menos enquanto eu não tivesse mudado de humor.

E' impossível descrever, ou imaginar, a profunda e agradável consolação que a ausência do detestável gato produziu na minha alma. Passou-se a noite, e o bicho não apareceu! Também, foi a primeira noite feliz, desde que o maldito tinha entrado em casa; a primeira noite que dormi tranquilo e profundamente. (Sim, dormi; sem sentir no coração o peso do assassinio!)

Decorreram o primeiro e o segundo dia, sem que o meu carrasco voltasse; respirei como um homem a quem acabam de restituir a liberdade. O monstro espavorido tinha deixado a casa para sempre: não o tornaria a ver. A minha felicidade era suprema!

A criminalidade do assassinio inquietava-me pouco ou nada. A justiça tinha feito uma espécie de investigação e ia mesmo proceder a uma pesquisa; mas era mais que provável que não descobrisse

O OCASO DA VIDA

As dificuldades financeiras são de efeitos nefastos quando se apresentam a um homem a quem a velhice diminuiu a atividade e a coragem para a luta. O ocaso da vida deve ser sereno, calmo para ser prolongado. Quando nossos dias declinam, a certeza do futuro garantido por um seguro de vida para nossa família é uma luz que nos enche de gloriosa satisfação.

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal 971 Rio de Janeiro

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, ao qual realimenta dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGESILIO

Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o Vidro

Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 8 — RIO DE JANEIRO

CUTIS CANSADA

e sem viço



As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME

RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

nada: minha felicidade futura não me inspirava o menor receio.

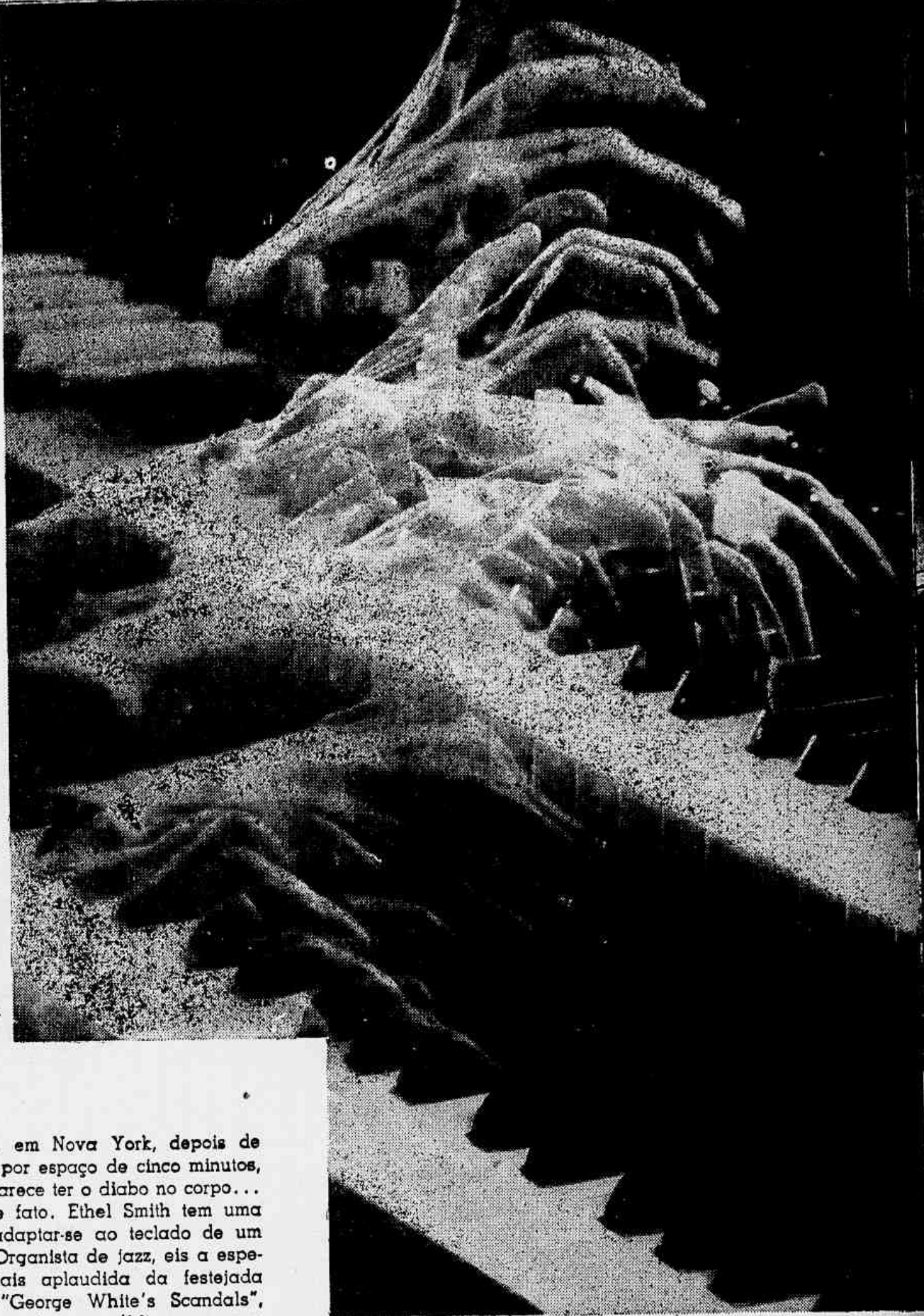
No quarto dia, depois do crime, os agentes da polícia voltaram muito inesperadamente à minha casa e procederam de novo a uma investigação rigorosa. Contudo, confiado na impenetrabilidade do esconderijo, não me inquietei. Os policiais obrigaram-me a acompanhá-los por toda parte; não houve um canto na casa que deixasse de ser explorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, descemos ao subterrâneo. Nem um dos meus músculos

(Continua no próximo numero)



A REVISTA EM HOLLYWOOD

Por Luiz Serrano (Correspondente especial em Hollywood) — Durante um intervalo da filmagem de "Night and day", que a Warner está rodando, Jane Wyman recebe a nossa visita e fala-nos, entusiasmada, de seus projetos. E, como sempre, fez menção a uma próxima viagem ao Brasil, "para conhecer o Pão de Açúcar". — E' dessa entrevista a fotografia superior. — Em baixo, flagrante do casamento de Donna Reed com Tony Owen. Com toda a simplicidade, essa cerimônia teve lugar em Beverly Hills, no dia 13 de junho último, servindo de testemunha Louis B. Mayer, diretor geral da Metro, de onde é contratada a noiva. A colônia cinematográfica dispensou muitas homenagens e carinhosas demonstrações de apreço a Donna Reed, que no mesmo dia retornou aos estúdios de Culver City e deu conta de uma filmagem...



Um comentarista musical, em Nova York, depois de apreciar Ethel Smith ao piano por espaço de cinco minutos, declarou: "Mas esta criatura parece ter o diabo no corpo... Ou melhor: nos dedos..." De fato, Ethel Smith tem uma faculdade extraordinária de adaptar-se ao teclado de um piano como ao de um órgão. Organista de jazz, eis a especialidade mais recente e mais aplaudida da festejada artista. No filme da RKO, "George White's Scandals", Ethel Smith tem ocasião de revelar ao público essa sua habilidade. São do filme referido as fotografias que ilustram esta página. Ao alto, à esquerda, Ethel Smith prepara-se para executar, e, à direita, um "truc" fotográfico surpreendente, pelo qual se observam os movimentos eletrizantes da organista. Em baixo, à esquerda, uma expressão característica da mesma, e, à direita, um detalhe que certamente há de agradar aos estetas: os pés de Ethel Smith conservam a mais requintada elegância, mesmo tendo de calcar os pedais milhares de vezes por minuto.



SEU TRICOT

CASACO

Materiais — 250 gr. de lã branca, 40 gr. de lã vermelha, 20 gr. de cada uma das cores: verde, azul escuro, bege. Um jogo de agulhas 2 mm. e outro de 3 mm. 7 botões.

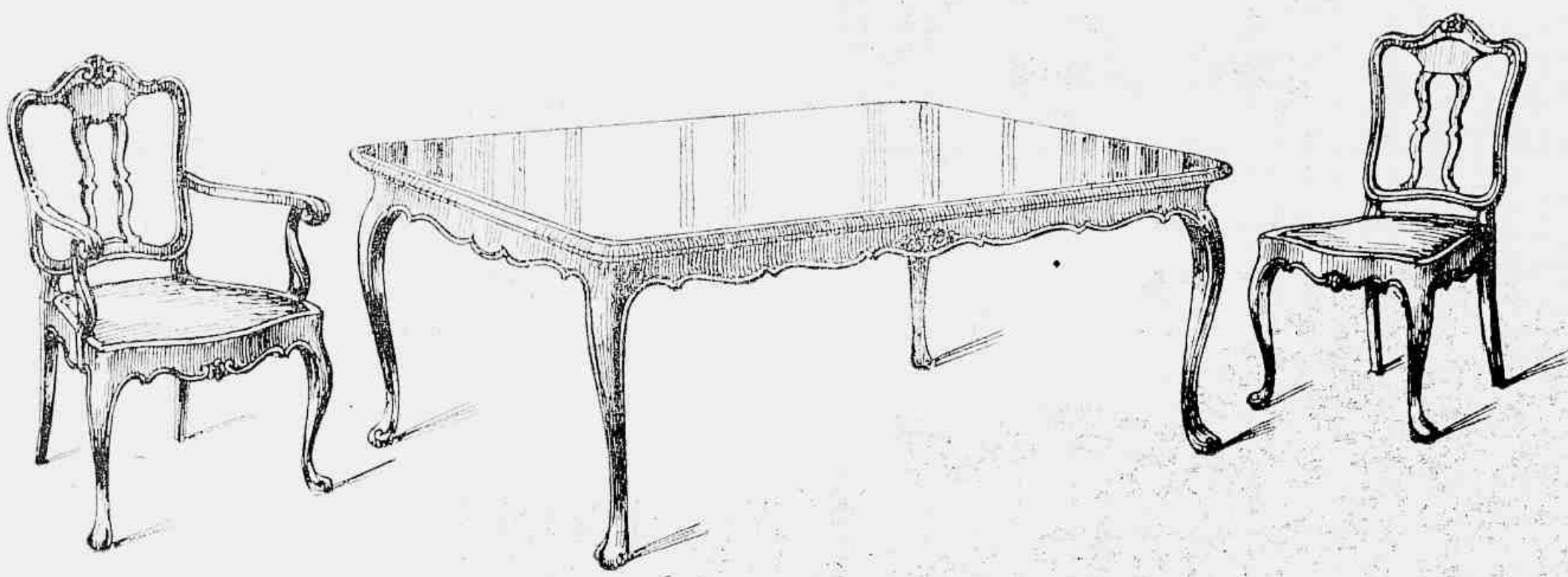
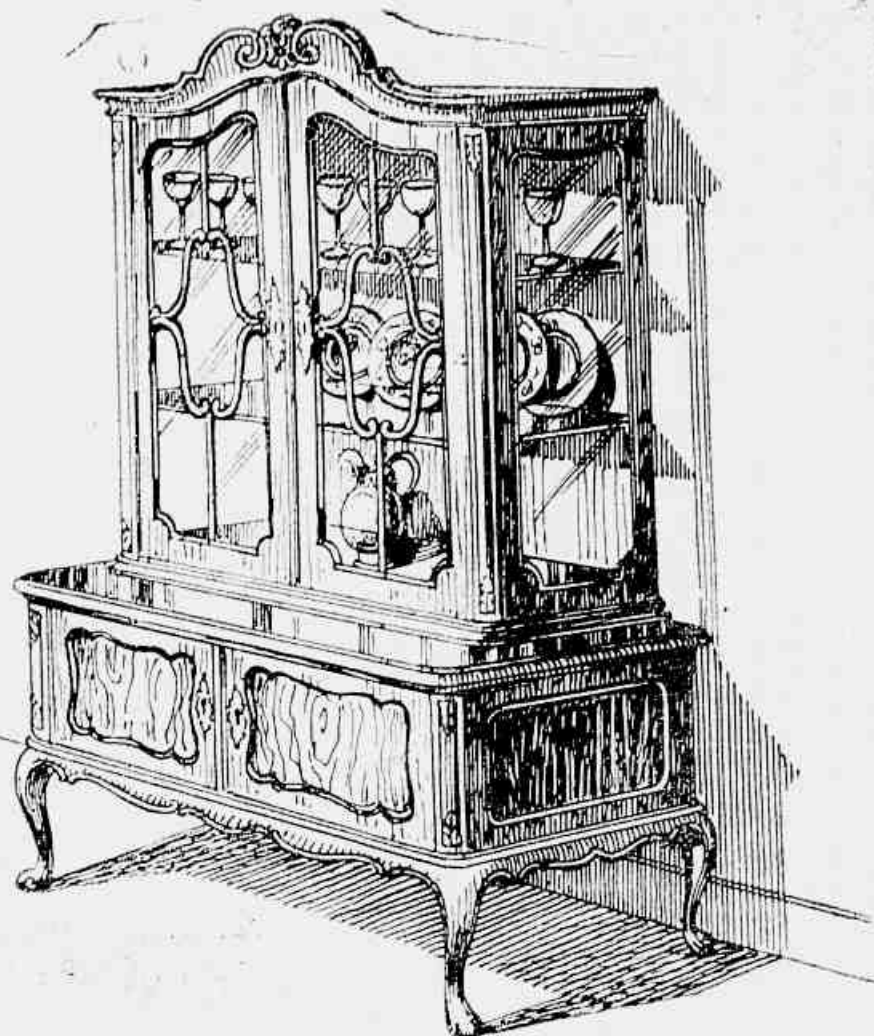
O trabalho é feito em ponto sanfona duplo. Tece alternado 2 p. avesso, 1 p. direito; e em ponto sanfona fantasia, tecidos com p. ímpares e p. sanfona duplo começando em cada carreira com 2 p. do direito, e em p. jersey que se teve alternando 1 carreira do direito e 1 do avesso. Toma-se para medida do tamanho um molde de pessoa.

Execução — Montar com lã branca sobre as agulhas mais grossas 100 p. e tecer 8 carreiras em ponto sanfona dobrado, 2 carreiras com lã vermelha, 4 carreiras com lã branca, 2 carreiras com lã vermelha, 4 carreiras com lã branca, 2 com vermelha e 8 carreiras com branca; aqui mudar as agulhas de 3 mm. e tecer em ponto sanfona fantasia aumentando na 1.^a carreira 3 pontos, logo aumentar em cada lado 5 vezes 1 ponto cada 4 cm. (113 p.). Aos 29 cm. formar a cava fechando em cada lado 4 p. e 5 vezes 1 p. em todas as 2.^{as} carreiras. Continuar o trabalho reto até que meça desde o começo 49 cm. de altura; formar os ombros fechando em cada lado 5 vezes 6 p.; os pontos restantes se fechar retos para o decote. (Esta parte forma as costas do casaco.)

Para cada lado da frente montar 66 p. sobre as agulhas finas; e tecer sobre ponto sanfona duplo 30 carreiras na mesma ordem de cores, feito para as costas. Mudar as agulhas e tecer com lã branca em ponto jersey seguindo o desenho, à exceção dos 6 p. da esquerda (conforme o lado), que se tece sempre em sanfona duplo para a beira da abotoadura e aumentando no lado da costura, 5 vezes 1 p. cada 4 cm. (71 p.). Aos 30 cm. de altura medidos do começo do p. jersey, formar a cava 8 p., 3 p., 2 p. e 6 vezes 1 p. em todas as 2.^{as} carreiras. Continuar o trabalho reto e formar aos 45 cm. o decote; para este, fechar 10 p. no centro, depois deixar os p. do lado direito suspensos e seguir tecendo o lado esquerdo diminuindo na beira do decote, 3 p., 2 p. e 7 vezes um p. em todas as 2.^{as} carreiras. Trabalhar reto até que meça do começo 50 cm.; nesta altura formar o ombro como nas costas. Tomar os p. suspensos e termina esse lado como das costas (o outro lado).

Mangas — Montar sobre as agulhas de 2 mm. 52 p. e tecer em sanfona duplo 10 carreiras com lã branca, 2 carreiras com lã vermelha, 4 carreiras com branca, 2 carreiras com vermelha, 4 com branca, 2 com vermelha e 8 com branca. Mudar as agulhas e continuar o trabalho com lã branca em sanfona fantasia, aumentando na 1.^a carreira 1 p. cada 1½ cm. (101 p.). Aos 44 cm. de altura diminuir em cada lado para formar a parte superior da manga, 3 p. e depois 1 p. em todas as 2.^{as} carreiras; quando a manga meça 59 cm. fechar os pontos restantes.

Para unir, passa-se do avesso, sobre um pano úmido e com ferro regular, todos os pedaços. Terminar as costas com ponto feston, e o decote e frentes nas beiras, terminar com crochet.



CHIPENDALE

Eis aí uma bela sala de jantar em puro estilo Chipendale, na qual foram colocados móveis de fino acabamento e linhas variadas, embora nenhuma das peças se afaste, em qualquer detalhe, de sua origem estilística. Ao fundo, o "étagère" com dois armários distintos, que apresentam nas portas painéis mais claros que o restante do móvel. Ao centro, gavetas curvilíneas com puxadores duplos de castão redondo. O "buffet", dividido em duas peças, substitui a cristaleira, com a vantagem de não quebrar a harmonia do estilo. A mesa é ampla e não apresenta o contraste de móvel elástico. Cadeiras sem estôfo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS